UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**“Crenças e representações nos ritos de iniciação ao futebol:
um estudo psicossocial”**

SINARA DANTAS NEVES RIBEIRO

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte
das exigências para a obtenção do título de Mestre em
Ciências. Área: Psicologia

RIBEIRÃO PRETO - SP

2005

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**“Crenças e representações nos ritos de iniciação ao futebol:
um estudo psicossocial”**

SINARA DANTAS NEVES RIBEIRO

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2005

SINARA DANTAS NEVES RIBEIRO

**“Crenças e representações nos ritos de iniciação ao futebol:
um estudo psicossocial”**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia
Orientador: Prof. Dr. Sergio Kodato

RIBEIRÃO PRETO - SP
2005

FICHA CATALOGRÁFICA

RIBEIRO, Sinara Dantas Neves

Crenças e representações nos ritos de iniciação ao futebol: um estudo psicossocial. Ribeirão Preto, 2005.

199 p. : il. ; 30 cm

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientador: KODATO, Sergio

1. Crenças. 2. Representações sociais. 3. Futebol. 4. Identidade

DEDICATÓRIA

A Deus, que possibilitou isso tudo...

À minha mãe Sonira, primeira figura de professor com a qual tive contato, e, por isso, meu grande exemplo de profissional, minha eterna professora da arte de viver. Foi você, mãe, em quem, mesmo inconscientemente, me espelhei para chegar até aqui. Obrigada!

Ao meu pai Reinaldo, meu herói, exemplo de dignidade e perspicácia, meu mestre nos momentos mais íntimos da minha vida. Foi você, pai, quem me ensinou a reconhecer meus valores como filha e me estimulou a tentar ser, para Felipe, como você é para mim: especial!

Ao meu filho querido, Felipe, meu maior tesouro, que tanto me questionava sobre o fato d'eu ter me matriculado “numa escolinha em Ribeirão”, já que Salvador tinha tantas opções, me chamando muitas vezes, nas vésperas das minhas viagens, de “mamãe bobona”.
Pronto filhão, agora mamãe é todinha sua!!!

Às minhas doutoras do espírito, médicas da alma, Dra. Maria do Perpétuo Socorro E. C. Tavares e Dra. Ângela Maria de A. Miranda-Scippa, por quem tenho muita admiração pelo profissionalismo e competência. Vocês são também responsáveis por esta conquista!

Aos meus alunos, com quem pude exercer o mérito de ensinar e sentir que este exercício envolve uma troca: de carinho, respeito e confiança. Amo cada um de vocês!

A todos os mestres, de todos os níveis de formação profissional e humana que, com o brilho de suas explanações, fizeram despertar em mim o desejo de um dia possuir o dom de saber ensinar, em especial ao meu mestre mais querido, Prof. Dr. Sergio Kodato, por ter acreditado no meu potencial desde o início, minha gratidão por todas as oportunidades proporcionadas.

RESUMO

RIBEIRO, Sinara D. N. **Crenças e representações nos ritos de iniciação ao futebol: um estudo psicossocial**. 2005. 199 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

No início dos anos 90, segundo o Instituto de Economia da Unicamp, o gasto salarial mensal de um grande time de futebol brasileiro era de, aproximadamente, US\$ 40 mil. Em 1999, esse custo saltou para US\$ 800 mil, aumentando 200%. Nesse período, tanto o salário dos principais jogadores, agora milionários, progrediu geometricamente, como a exploração midiática os tornou heróis dessa “pátria de chuteiras”. Quais os efeitos dessa hiper-exposição futebolística nos meios comunicativos de massa e nos processos constituintes da subjetividade em adolescentes provenientes das camadas populares? Essa é uma pesquisa sobre crenças e representações nos ritos de iniciação ao futebol, a partir da investigação dialética entre sujeito e contexto, necessidade e satisfação, em que toda representação está ancorada, produzindo sentidos. Ao averiguar o processo de identificação com personagens significantes, ídolos e heróis, bem como, ao analisar, em futebol, as representações sociais de futebol em jogadores aspirantes a profissional e a influência sobre suas práticas sociais, procurou-se desvelar os mitos, crenças e representações que norteiam suas carreiras e interferem no processo constitutivo da identidade. Enquanto referência teórica utilizou-se a abordagem identitária como metamorfose de Ciampa (1993, 1999) e das representações sociais de Moscovici (1978, 1984, 1988), Jodelet (1984), Arruda (2002) e Guareschi (1996, 2000), baseadas na análise das práticas discursivas dos sujeitos envolvidos. Como procedimento, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas, com 10 atletas das divisões de base de um clube expressivo do nordeste brasileiro, escolhidos aleatoriamente, tendo como critério único de exclusão não pertencerem às categorias júnior e juvenil. Os sujeitos, em fase de iniciação profissional, eram oriundos das classes média e baixa, com idades entre 16 e 18 anos, na maioria negros, grau de escolaridade entre 1º grau incompleto e 2º grau completo e residentes no clube. A partir da análise qualitativa das marcas discursivas recorrentes, baseada no método de associação de idéias (Spink e Guareschi, 1993), emergiram as principais categorias temáticas: infância/iniciação ao futebol, a aprovação dos pais e o depósito maciço de expectativas no futuro profissional: introdução no universo esportivo através do olhar de um outro (pai, parente ou futebolista) reconhecedor da habilidade e potencial do sujeito e a consciência da não vocação para os estudos; socialização e reconhecimento: clube de referência como legitimador do “bom jogador”; a auto-imagem, percepção de si como jogador; a ideologia, o processo de ancoragem na representação glorificada e idolatrada do jogador de futebol profissional da elite; a objetivação da ilusão nas justificativas de se conciliar o amor à camisa e os interesses financeiros; a legitimação, sentimento de pertença a uma elite, já que, freqüentador de um clube de expressão - representação social de jogadores iniciantes sobre futebol; a alienação, expressa na falta de alternativas profissionais para possível fracasso, não representado e nunca admitido como possibilidade.

Palavras-chave: Crenças, representações sociais, futebol, identidade.

ABSTRACT

RIBEIRO, Sinara D. N. **Beliefs and representations on rites in the soccer player's identification at the beginning of the professional career: a psycho-social study**. 2005. 199 p. Dissertation (Master) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

In the earlier 90th, according to the Instituto de Economia da Unicamp, the monthly amount with payment in a big soccer Brazilian team was about, US\$ 40 thousand. In 1999, this total spent increase to US\$ 800 thousand, growing about 200%. On this period, both, the main soccer player's earnings, now millionaires, moved on in a geometric progression, and the mediatic exploration make then heroes on this "motherland in football shoes". Which are the effects of this soccer hiper-exposition on the means of communication and on the subjective quality component process on teenagers from popular strata of society? This is a survey about the beliefs and representations on rites in the soccer player's identification at the beginning of the professional career. The relevance of this study consists of the analysis about psycho-social significance or representation of soccer, making possible the discussion with reference to the part of this sport in the production process of each player, starting from the investigation of the subject-context and necessity-satisfaction interference, in which every representation is anchored. Entering the soccer psycho-social dimension, the intention was to reveal the myths, creeds and representations that bound the player's career, interfering in the identity constitution process, examining the identification process with famous person, idols, heroes and analyzing the social representation of soccer in applicant players to be professional and its influence under the social custom. As for the theoretical reference the approach used was that of the identity as a metamorphosis from Ciampa (1993,1999) and the social representations of Moscovici (1978,1984,1988), Spink (1993,1996), Jodelet (1984), Arruda (2002) and Guareschi (1996,2000), which are based on the analysis of discursive practice. As a procedure, an investigation was conducted based on the oral report with partially-structured interviews with 10 athletes from base divisions of a popular team in the northeast of Brazil. They were selected under a criterion of exclusion of the beginners coming from working class, between sixteen and eighteen years old, most of then black man, low level of instruction, and on the initial phase of the professionalism. From the qualitative analysis of the recurrent speech, based on the Ideas Association Approach (Spink and Guareschi, 1993), the main thematic categories have arisen: the early period/initiation to soccer, the parents approval and the expectatives on the professional future: introduction on the sportive universe through an outside view which recognize the fellow's abilities and potencial and the conscious of doesn't have inclination to study; socialization and prestige: the team legitimating the image of a "good player"; the auto-image, perception about the self as a soccer player; the ideology, process anchored on the splendour and idolatrous representation of the professional soccer player; the objectification about ilusion on the conciliating justifications between love for the team and the financial interesting; the legitimating, feeling of be among the elite – the beginner player's social representation about soccer; the alienation, showed on the professional choices deficiency to a possible failure, never represented and accepted as a possibility.

Keywords: Creeds, social representations, soccer, identity.

SUMÁRIO

Preliminar: apresentação	13
1- Pontapé inicial: introdução	23
1.1. Recorte sócio – histórico sobre o futebol: sua dimensão psicossocial	28
1.2. Futebol: um campo de crenças, mitos e ritos.....	40
1.3. O jogador de futebol e sua <i>identidade-mito</i>	48
1.4. Representação social de futebol	55
1.5. Recorte institucional sobre o futebol.....	60
1.5.1.Os clubes de futebol	65
2- Primeiro tempo: justificativa e objetivos	71
3- Intervalo regulamentar: método	77
3.1. Referenciais teóricos: abordagens em uso.....	81
4- Segundo tempo: procedimento	87
4.1. Sujeitos e local.....	89
4.2. Instrumento.....	90
4.3. Coleta de dados.....	91
4.4. Análise dos dados	96
5- Disputa de pênaltis: resultados e discussão.....	99
5.1. – Contexto Institucional: O Vitória S/A - Panorama histórico da organização: seus mitos fundadores.....	101
5.2. – Caracterização dos sujeitos.....	112
5.3. – Entrevistas	117
5.3.I - Categorização de temas recorrentes referentes à infância na faixa etária de 4-9 anos.....	118
5.3.II - Categorização de temas recorrentes referentes à socialização e reconhecimento: clube de referência	123
5.3.III - Categorização de temas recorrentes referentes à auto-imagem: percepção de si como jogador	128
5.3.IV - A ideologia: o processo de ancoragem na representação do jogador de futebol profissional	130
5.3.V - A objetivação da ilusão: justificativas de se conciliar o amor à camisa e os interesses financeiros	139
5.3.VI - A Legitimação: o sentimento de pertença.....	142
5.3.VII - A alienação	143
6- Apito final: considerações finais	147
7- Referências bibliográficas	159
8- Anexos.....	167

P r e l i m i n a r

APRESENTAÇÃO

Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos, de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos?

(Nietzsche, 1998)

Como reza um dos principais provérbios urbanos brasileiros: “amor, política, religião e futebol não se discutem”. O apaixonado, o militante, o carismático e o torcedor renegam qualquer lógica desautorizante de uma escolha, que se quer inquestionável e que recusa explicações. Segundo Witter (1990), embora possam pesar sobre eles os melhores argumentos, em qualquer discussão, nunca se extrapola a posição inicial de ‘diálogo’.

Com esse pressuposto, imaginem, então, o meu desafio: tratar de futebol, uma paixão nacional, e, mais ainda, das suas crenças e representações, num estudo cujo objetivo é a análise psicossocial, de um sujeito (o futebolista) considerado como “não passível de estudo, devido a sua condição de ignorância e ‘incultura’” (Goldgrub, 1990: 66), em um país onde todos se consideram técnicos desse esporte.

Respeitado, desde o início do século XX, como um dos símbolos da cultura nacional (Gonçalves, 2004: 186), o futebol possui múltiplos significados sociais, culturais, políticos e econômicos, no Brasil. Crianças, jovens e adultos, freqüentemente, se divertem correndo atrás de uma bola em campos gramados ou de terra batida; em praias, parques ou

ruas; nas grandes metrópoles ou no campo. Momentos de intensa expressão lúdica se repetem por todos os cantos do país, quando grupos de pessoas se reúnem para jogar uma partida de futebol. Porém, mesmo sendo o mais popular dos esportes, mereceu, até então, pouca atenção por parte dos pesquisadores em ciências humanas. Por isso, o propósito desse trabalho é o de contribuir, modestamente, para suprir essa lacuna.

Para tanto, vamos considerar, dentre as obras existentes, as que mais se destacam: as narrativas da ação, que é o futebol. Tais narrativas, contadas e recontadas na história, na literatura, na mídia e na cultura popular, fornecem uma série de dados como imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, estórias, dentre outros, bem como, símbolos e rituais que representam as experiências partilhadas, as perdas, as vitórias e o imponderável, que dão sentido ao futebol.

Assim, se a prática do esporte é realizada com espontaneidade, estratégia e técnica, para sua investigação é indispensável um referencial psicossocial, que, segundo Simões & De Rose Junior (1999), possibilita a observação, análise e discussão sobre o intercâmbio de comportamento mantido entre o individual, o grupal e o institucional esportivo. Em 1903, por exemplo, foi publicado nos EUA um artigo sobre o assunto, intitulado “A psicologia do futebol”, cujo questionamento levantado sobrevive até os dias atuais: por que o futebol é o esporte que atrai maior quantidade de espectadores e por que são tantos e tão variados os conflitos que surgem em seu meio?

A dimensão sócio-política do futebol transcende o campo de seus protagonistas, milhares de espectadores e aficcionados, alcançando o corpo social no qual se insere. Foi esse um dos fatores motivadores desse estudo, cujo objeto é conceituado por DaMatta (1997) enquanto “metáfora da sociedade brasileira” e “emblema de brasilidade”.

Dessa forma, em relação ao futebol não me sentia brasileira. Não pertencia a este universo, não tinha um time para torcer, nem ídolo com quem me identificasse; não

acompanhava as Copas do Mundo e não entendia o que havia ‘por trás’ deste movimento que envolve pessoas de diferentes classes sociais, raças, profissões e idades. A sociedade me cobrava uma postura mais patriota enquanto eu me questionava sobre a inversão de valores intrínseca a este esporte.

Assim, em 1998, ainda na graduação em Administração de Empresas, ao investigá-lo como instituição, desvendei seu viés social, me apaixonei e, como qualquer paixão, nunca mais parei de pensar nele. Dei continuidade ao estudo investigativo na especialização em Psicologia Organizacional (Ribeiro *et al.*, 2001), no Curso de Formação em Coordenadores de Grupos Operativos pela linha de Pichon-Rivière (Ribeiro & Kodato, 2002, 2003), e agora, ‘com mais bagagem’, no Mestrado em Psicologia, em que pretendo fazer um ‘gol de placa’.

Passei a entender o jogo de futebol como uma trama que extrapola o campo gramado, a bola, o estádio e os jogadores. Suas dinâmicas transcendem jogadas táticas. É muito mais do que aparenta, é um espaço onde um se identifica com o outro, onde seu povo celebra sentimentos e compartilha emoções: ri, chora, todos juntos, negros, pobres, brancos, ricos, crianças, mulheres, homens, velhos, etc. Descobri que o futebol, no Brasil, abrandava a rigidez da assimetria social, diminui, ou mesmo anula, a hierarquização e a desigualdade, premente na sociedade brasileira, deixando o país numa “utopia solidária” por 90 minutos (Machado, 2000). Nunca mais consegui não me envolver com ele e hoje me sinto mais b-r-a-s-i-l-e-i-r-a, “sou penta!” e grito quando o meu time preferido faz um GOL!!!

Que estratégias representacionais são acionadas para construir nosso senso comum sobre o futebol ou sobre a identidade do jogador de futebol? Quais são as representações, digamos, de futebol, que dominam as identificações e definem as identidades dos jogadores? Quem são esses homens, alvo de tanta adoração e tanto desprezo? Quem são

as pessoas que formam essas multidões apaixonadas, sempre cegas de amor e ódio, donos das arquibancadas?

Queria, justamente, contribuir para uma psicossociologia do conhecimento a respeito do futebol e dos clubes como instituição. Tornar o que era desconhecido, para mim, familiar. O que era objeto, destacá-lo como sujeito, e assim, abrir mais uma possibilidade de entender o simbólico. Para isso, parti do preexistente, recorrendo ao passado, ao recorte sócio-histórico, chegando a uma perspectiva do futuro desse esporte. Como a representação social se apóia num projeto e num passado que não são somente individuais, mas coletivos, e não é só passado, mas é memória, imaginário, herança e esperança, penso estar conseguindo alcançar o meu objetivo com esta investigação.

Assim, faço desta pesquisa um convite a nos aprofundarmos no futebol, no “jogo de bola”, para entendermos melhor a própria cultura da sociedade brasileira, em todos os seus encantos e desmandos, já que “o esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade faz parte do esporte” (DaMatta, 1982: 23).

A dinâmica entre a multidão que vibra e os jogadores que fazem vibrar é o que faz do futebol um espetáculo mágico. Difícil imaginar uma partida em que as equipes são compostas por apenas um jogador estreante, o autor, dentre todos os outros participantes, de carreiras reconhecidas: os consagrados Moscovici, Spink, Jodelet, Ciampa, Witter, DaMatta, Aquino, entre outros escalados, que possibilitaram a continuidade da disputa através de suas contribuições táticas.

Dentre os torcedores vibrantes, estão, na tribuna de honra, meus pais, Sonira e Reinaldo, a quem dedico o meu mais sincero amor e gratidão por tudo o que sou como filha, estudante, profissional, mãe e mulher. Nas cadeiras cativas, meu chefe de torcida, Felipe, que muito me ensinou sobre emoção a partir do amadurecimento precoce demonstrado ao longo da produção deste trabalho, e meu novo amor, Vinícius, que ilumina os meus dias com a sua

companhia, alegria e espontaneidade, me ensinando a reconstruir o conceito da palavra ‘felicidade’.

Nas cadeiras numeradas, minha vó Zuleica, minha mãezona, que também não entende a minha distância e, a quem muitas vezes fiz chorar de saudade, e minhas manas e amigas incondicionais, Ilana e Manuela, que continuam a acreditar em mim e que se orgulham de falar que têm uma irmã “fazendo USP”. No topo da arquibancada, minha tia querida, Ana Dulce, que reza todos os dias para essa partida terminar sem prorrogação, junto com minhas primas, Beiby e Bia, maiores torcedoras e irmãs de coração.

Logo ao lado delas, vibrantes, todos os amigos que conquistei em Ribeirão, em especial Pati, Lu e Nana, com quem muitas vezes desfrutei a companhia na hora do almoço; Larissa, que fez com que eu entendesse um pouco mais as características dessa cidade; Cris e toda sua família, que me agregou e me mostrou o “jeitinho de receber” do ribeirão pretano; Fátima, companheira de congresso, amiga e até mãe; Luciano, Adriano, Fabiano, Patrícia, Tia Rosires e Tio Sebastião, que me abraçaram como uma filha; meus mestres e amigos “pichonianos”, que me ajudaram a crescer profissionalmente; Raquel, Bira e sua família maravilhosa; Michelle, a amiga que Deus enviou, de ônibus, pra mim; Fabíola, Lara, Lupércio, Mauro e Vanessa, além das minhas queridas secretárias e amigas da Pós, Denise, Cristina, Sônia, Izilda e Emília, que quebraram vários “galhos” meus, vindos de sedex, para elas resolverem aqui.

Ainda destaco, na arquibancada, meus torcedores Alda, Arnaldo, Jó e, mesmo distante, Rafael e sua família, que, de certa forma, apesar das grandes decepções, não poderia deixar de lembrar, pois também fizeram parte desta minha trajetória. Sem esquecer também daqueles que, apesar de estarem nas gerais, são meus alicerces: Ana Cláudia, Sérgio e D. Mirian, torcedores fervorosos; Mari e Serginho, amigos inseparáveis do meu Fipinho, principalmente nos momentos em que ele estava sem a mãezinha ‘maluquete’; minha amada

comadre Ana Paula, minha inseparável Mariana Leão, minha eterna Livinha, Pati, Fany, Tina, Zeza, Dani, Vanessa e toda a galera do Vieira, incluindo seus familiares, que me viram crescer; Tai, Romis e Renato, com quem dividi as alegrias iniciais; Carla, CH, Chico, Geracy, Milena, Dra. Rosa, Dra. Ana, Emilinha, Ângela, Luiza, May e todos os meus fãs da FLEM; Sheyla, sempre por perto; Rosane, minha amiga e revisora; Cristiane, minha fiel escudeira, a quem apresento a todos como “meus pés e minhas mãos”; Jaciara, sempre solícita; Tiara, Iuri, Uiara, Victor, Dina, mãe Sued e toda minha família de vizinhos, que transmitiram bastante energia positiva ao longo dessa caminhada, junto com todas as pessoas que, mesmo em pé nas grades de proteção, não deixaram de acompanhar essa emocionante partida. Junto com os jogadores, uniformizadas ou não, são as torcidas as maiores responsáveis pelo bom espetáculo de futebol.

Mas, nessa partida, o árbitro, representado por uma figura feminina, foi o grande idealizador. Dra. Liyoko Okino, quem primeiro identificou a minha possibilidade de ingressar num Mestrado em Psicologia, me indicando para trabalhar com Kodato, técnico e orientador dessa partida, que me deu a oportunidade de desfrutar da sua companhia por longos 8 meses antes de efetuar minha inscrição, torcendo por cada avanço acadêmico meu, desde o tremelique do primeiro pôster apresentado em congresso até a possibilidade de ensinar numa faculdade em Salvador. A vocês, Liyoko e Kodato, meu eterno carinho e comprovação de que nada na vida acontece por acaso. Vocês têm um lugar especial no meu coração!

Todos esses torcedores têm uma coisa em comum: a paixão pelo seu time. E, cada um deles, na sua especificidade, conseguiram manter o ânimo do jogador estreante escalado para esta partida: eu.

Em busca de resgatar a magia do futebol, procurei ver como será a disputa dessa partida, a ser realizada entre o técnico, o jogador estreante e a torcida (os leitores), viabilizando a compreensão da produção imaginária do universo do futebol, suas crenças,

símbolos e representações, que se apresentam enquanto fatores constitutivos da identidade do jogador e de seu grupo social, focalizando o jogador de futebol iniciante, aspirante a profissional.

Quando entrei no clube de futebol para realização da pesquisa, pude perceber o quanto esses jovens da divisão de base representam um jogador de futebol em construção, daí o rótulo de pré-profissionais que recebem dos dirigentes, ou de “projetos”, como são intimamente chamados pelos que têm contrato profissional com o clube. Não é à toa que todos eles a mim se dirigiam carinhosamente como “tia”. Acho que apesar da pouca diferença de idade entre nós, eles, de imediato, me colocaram no papel de alguém com quem podiam contar, ou pelo menos, de alguém que não os ameaçava, naquele ambiente em que, apesar de representar o quinto melhor alojamento do país, me transmitiu um vazio e uma inquietude que me fizeram pensar o que motivava aqueles garotos a continuarem ali, longe das famílias, compartilhando, ou melhor, disputando o dia-a-dia com seus companheiros de categoria e de carências, com a única certeza de que fazem parte do vago e pesado “quase”: quase jogadores; quase reconhecidos; quase vencedores; quase ricos; quase ídolos; quase reis...

Concebi o estudo com uma ótica de espectador-participante de uma partida de futebol, dividindo-o em capítulos que são exatamente a seqüência do espetáculo futebolístico, em que a introdução do assunto é feita durante esta preliminar.

O meu intuito é transmitir aos leitores uma parcela do entusiasmo que me acompanhou na confecção deste trabalho, que estou finalizando com a sensação de quem viu seu time ser quase campeão. E é essa sensação que espero que tenham ao ler essas páginas!

Pontapé Inicial

1 – INTRODUÇÃO

Há no futebol esta predestinação para ser, em certos momentos, uma válvula de escape às nossas tristezas. Ele não nos enche a barriga mas nos inunda a alma de um vigor de prodígio.

(José Lins do Rego)

A psicologia social emerge historicamente, em sua vertente moderna, a partir da iniciativa de pesquisadores em romper com as epistemologias vigentes, que tomavam como ponto de partida a negação do homem total, fragmentando-o em sua estrutura e reduzindo sua identidade, conduta e alma. Sendo considerada durante anos como “ciência do espírito”, referenciou-se trabalhando com o ideal de um homem estático e isolado de seu ambiente social. Foi nesse movimento que, George H. Mead (1930, 1931, 1932), um dos mais brilhantes construtores da psicologia social, fundador do interacionismo simbólico, tomou como ponto de partida situações concretas e vividas no cotidiano, postulando-se a situar o acontecer psicológico numa dimensão social.

De acordo com Pichon-Rivière & Quiroga (1998: 2), o que não foi amplamente divulgado foi o procedimento utilizado por ele para a atitude de investigação. Mead (1900) baseou seus estudos em observações de jogos em equipe, dos quais ele mesmo participava, como jogador titular da equipe de futebol da *Harvard University*. A partir de seus estudos considerando os jogos e os esportes praticados em equipes como veículos sociais, concebeu o homem como um ser habitado e dinamizado por imagens da realidade externa, que, ao serem

incorporadas e assimiladas em seu interior, configuram-se enquanto uma dimensão singular e se transformam no signo da identidade na interação (Ferrando, 1990).

A oposição entre indivíduo e sociedade inscreve-se nesse campo da psicologia, no qual se postula que só existe o homem em situação. Inspirou-se assim, George H. Mead, num campo de futebol, para formular sua moderna teoria dos papéis sociais, fato que mostra a significação epistêmica desse esporte.

Os meios acadêmicos, apesar de reconhecerem a importância do futebol enquanto poderoso dispositivo catártico, não se dedicam com frequência à realização de investigações científicas sobre as dimensões sociais deste esporte e suas representações. De acordo com Simões; De Rose Junior; Knijnik & Cortez (2004), este esporte ainda carrega no seu contexto alguns estereótipos éticos e morais que, muitas vezes, dificultam as investigações de cunho científico. A maioria das obras de referência foi produzida por cronistas esportivos ou focalizam apenas sua história (Melhy & Witter, 1982; Witter, 1990; Rosenfeld, 1993).

Crick (2002) esclarece que, apesar do futebol configurar-se, academicamente, enquanto um dos últimos gêneros literários, recentemente há uma classe informal de escritores especialistas no assunto que consideram o futebol como uma janela para a cultura. Ele declara que o futebol é um fenômeno social no Brasil, e, mais do que o Carnaval, mais do que a Amazônia, configura-se enquanto a fotografia do país; “a imagem de uma nação exótica, festiva e multiracial e, talvez por isso, a nova literatura acerca do futebol se mostre, ao mesmo tempo, séria e de entretenimento”.

Estudos iniciais sobre a relação entre o esporte e a psicologia buscavam investigar apenas aspectos psicofisiológicos envolvidos na atividade física, até que se percebeu que a compreensão dos fatores psicológicos e inconscientes, envolvidos em atividades esportivas, poderia influenciar a performance do atleta, principalmente em

momentos decisivos (Biddle, 2000). A forma como o atleta enfrenta o jogo, como representa sua posição no esquema tático da equipe, influenciam seu desempenho no desenvolvimento da partida.

O futebol, esporte amplamente praticado como lazer e consumido como espetáculo em todo o mundo, constitui elemento de destaque quando analisamos a cultura brasileira. Pode ser caracterizado como elemento de identificação nacional, e, por isso, torna-se praticamente impossível dissociarmos esse esporte da cultura.

Como expressão cultural, sempre refletiu a sociedade e a forma como está estruturada e, como expressão psicossocial, contém a carga expressiva do povo que representa. Desse modo, compreender os processos constitutivos da identificação com o futebol é entender a sociedade brasileira em sua faceta de imprevisibilidade, criatividade, autoritarismo e hierarquização.

Do ponto de vista simbólico, o futebol é uma metalinguagem que revela as relações sociais substantivas de uma determinada realidade. Metáfora notável e extraordinária das características existenciais básicas da vida humana e de nossa formação social, o futebol é um ritual de forte expressividade antropológica, histórica, psicológica, política, lingüística e estética...ética da cultura brasileira. Nesse sentido, pode ser tratado como um emblema de brasilidade, já que possui uma grandeza temática e articula diferentes linguagens. (Murad, 1996).

Este esporte, portanto, é revelador de um determinado modo de produção de subjetividade, caracterizado pela improvisação, em que as regras nunca são totalmente cumpridas e o poder é exercido de forma autoritária, de sujeição a uma só pessoa, o técnico, mas que nem sempre é obedecido dentro das quatro linhas.

O que se busca no futebol não é certeza, nem razão. Busca-se o “tecer do imponderável”, conforme Costa (1999). O jogador de futebol pode ser e não ser ao mesmo tempo, porque ele é ser em movimento e na ação está a sua realidade.

Estudos como os de Bredemeier *et al.* (1984, 1985, 1986, 1987, 1994 *apud* Jones & McNamee, 2000) avaliam o efeito da prática futebolística no caráter dos indivíduos

que o praticam, por tratar-se de um esporte que pode propiciar uma ascensão fulminante e glorificação imediata.

Inegável constatação de que o fenômeno futebolístico marca historicamente o século XX, em torno dele giram os mais diferentes interesses, desde a pura e simples participação do esportista, até a complexa máquina comercial que o conduz e o utiliza para seu diferente objetivo.

1.1. - RECORTE SÓCIO – HISTÓRICO SOBRE O FUTEBOL: SUA DIMENSÃO PSICOSSOCIAL

O primeiro passo para uma compreensão sociológica do esporte no mundo moderno é encará-lo como um fato social, isto é, como algo socialmente construído.

(Helal, 1990)

Introduzido no Brasil em 1894, através de dois estudantes descendentes de britânicos: Charles Miller, em São Paulo e Oscar Cox, no Rio de Janeiro, o futebol entra na nossa cultura. Ambos pertencentes à aristocracia brasileira, ao retornarem do exterior (Inglaterra e Suíça, respectivamente) após concluírem seus estudos, trouxeram em suas bagagens bolas de couro, camisas, chuteiras e calções, por constatarem que esta era uma modalidade de esporte ainda desconhecida no país e passível de divulgação.

Porto & Máximo (1969) declararam que eles passaram a promover partidas, formar times e fundar clubes, aparecendo como grandes incentivadores desse esporte, tornando-se assim os precursores do jogo no Brasil e garantindo um lugar de destaque “no panteão dos heróis do esporte nacional”.

Assim, pelas mãos (e pés) da elite endinheirada, racista e excludente, e com a ajuda de imigrantes que, por sua vez, já marcavam presença em nossa história e na conjuntura política, chegou, então, ao Brasil, um futebol “aristocrático, branco, elegante, rico, educado,

falando inglês, do goleiro ao ponta esquerda” (Murad, 1996), em que a riqueza e a tradição eram pré-requisitos.

Na virada do século XIX para o século XX o futebol ainda engatinhava, mas ganhava novos adeptos em diversos estados do país, como RS, PR, AM, CE e BA, onde emerge como uma força, fruto da relação entre o estrangeiro e o nativo, uma combinação de uma manifestação nacional com uma forma esportiva importada. Assim, difundiu-se pelo país, e, “em terra fértil, proliferou entre as massas populares, recebendo características próprias e universais, gerenciadas por lógicas racionais, regras e códigos específicos” (Pimenta *apud* Giorgetti, 1999: 134). Cada vez mais se tornou o esporte das multidões.

Os considerados hoje como grandes clubes, antes sofisticados Clubes de Regatas, nasceram, em sua maioria, como entidades em que jovens oriundos das classes mais favorecidas da população se juntavam para praticar um esporte que era bastante popular na Inglaterra. Neste país, no começo do século, os praticantes do futebol eram, em sua maior parte, advindos do proletariado e mal vistos pela população. No nosso país aconteceu justamente o inverso. A elite, que podia praticar o remo na Baía de Guanabara, se apropriou de um jogo criado pelo povo inglês, lhe aplicou uma nova roupagem e passou a divulgá-lo como algo vindo do país mais próspero do mundo naquela época.

Os primeiros clubes de futebol do Brasil impuseram critérios de cor e de classe com barreiras sociais rígidas. Só se praticaria o futebol os indivíduos advindos de classes sociais mais elevadas. Como garantia, os filhos das famílias ricas e as comunidades inglesas chegavam a criar altas mensalidades e luvas, a fim de restringir a possibilidade de membros das camadas populares participarem do esporte. Uma genuína violência simbólica contra negros, mulatos e brancos pobres.

Conforme Aquino (2002: 36), não é de espantar que os primeiros clubes de futebol criados no Brasil tenham sido associações fechadas às quais somente tinha acesso um

grupo social restrito, integrado por famílias brancas pertencentes, em sua maioria, às chamadas classes médias. Isso dava vazão à reprodução do que Gylberto Freire traz na sua obra “Casa-grande e senzala” (1933), sobre a divisão de classes representada até nos espaços físicos: havia uma nítida distinção entre os lugares onde moravam os brancos, separados do lugar onde os negros viviam.

No campo, os jogadores exibiam-se impecavelmente vestidos, chegavam a se desculpar quando cometiam alguma falta, disparando espontaneamente um *‘I am sorry’* e quando algum jornalista da época a eles se referia, acrescentava o senhor na frente do nome do jogador. Imaginem falarmos hoje em dia: “o senhor Romário fez um gol emocionante”, ou, “o senhor Ronaldo Gaúcho arrasou nessa partida!”.

Nas arquibancadas, os dirigentes compareciam com suas cartolas¹, os torcedores homens apresentavam-se vestidos de terno, colete, chapéu e até bengala, enquanto as torcedoras, muito perfumadas, usavam vestidos longos de mangas compridas, chapéus e sombrinhas para protegerem-se dos raios solares. Estas, como tinham o hábito de conter suas emoções, costumavam torcer em suas mãos um lençinho de algodão, daí o nome “torcedor”.

Enquanto as elites procuravam manter o futebol afastado das camadas populares, os médicos, jornalistas, advogados, escritores e outras autoridades se empenhavam contra este esporte, por considerarem-no como uma prática racista da burguesia e como “coisa de malandro”. Para eles futebolista era “sinônimo de vagabundo” (Witter, 1990).

Mas, paralelamente aos traços de elitismo e racismo, nas camadas populares ia sendo gerado um processo clandestino de paixão, divulgação e práticas futebolísticas que inverteu o código vigente, popularizando e democratizando o futebol. Aos poucos, até a

¹ Daí surgiu a denominação de dirigentes-cartolas. Este termo surgiu no Brasil em 1917, quando um time uruguaio, o Dublin, realizou algumas partidas no Rio de Janeiro. Em um desses jogos, no campo do Botafogo, dirigentes do clube carioca apareceram no centro do gramado usando cartolas. Ao melhor estilo da República Velha, na verdade nada mais faziam do que imitar o melhor estilo inglês. A questão é que a moda pegou, sugerindo aqueles que não suavam a camisa “para valer”, aparecendo só nas boas horas.

capoeira, que reinava absoluta desde o século anterior foi desaparecendo, e bastava uma bola de couro, de pano, de meia ou de borracha na mão para “acontecer” o futebol, num terreno baldio, numa várzea, no meio da praça ou da rua.

A partir dos anos 20, a história do futebol brasileiro entrou numa nova fase, mais original, produtiva e espetacular, graças à entrada dos pretos, mulatos e brancos pobres no cenário. Estes, inúmeras vezes tiveram que assistir aos jogos pendurados em árvores próximas aos clubes, ou em cima dos telhados de casas da redondeza.

Eles se apropriaram do futebol inglês, elitista e de linha reta que lhes era proibido e o transformaram numa arte sinuosa, criativa, plástica, de retórica corporal e, sobretudo, com o jeito brasileiro de ser. Logo, assim como o jeitinho, o jogo de cintura, a ginga futebolística passa a exprimir essa tendência de transgredir a norma, de fazer de um esporte rígido, cheio de regras, uma celebração do prazer (Murad, 1996).

Com a Revolução de 1930, a sociedade passou do capitalismo agrário-exportador para o capitalismo industrial. A elite dirigente empenhou-se em materializar uma produção industrial para abastecer o mercado interno e não mais uma produção agrícola para exportar. Assim, o aceleramento da industrialização foi concomitante ao aumento da população e à intensificação da vida urbana que, por necessitar de distração, teve no futebol seu principal atrativo, seguido pela música popular.

Era necessário, então, implementar o profissionalismo, já que, aos olhos da lei, todos os jogadores de futebol do Brasil eram considerados atletas amadores. Ou seja, nenhum estava vinculado a um clube, não havia passe ou multa rescisória, já que não existia contrato que impedisse a sua saída, e os clubes estrangeiros já tinham descoberto nossos craques, oferecendo-lhes altas luvas, salários e prêmios.

Da condição de esporte amador para esporte profissional, em 1933, o futebol penetrou no cotidiano das cidades brasileiras. O Estado e o poder econômico, indistintamente

da época e dos interesses, utilizaram-se dele com seu poder de manipulação, sem esperar por um amadurecimento do esporte, sem que o futebol houvesse chegado ao estado de classificar-se ainda como empresa ou entidade privada com fins lucrativos, como nos moldes atuais.

Além de poderoso veículo de expressão cultural, o esporte número um do Brasil é carregado de várias representações sociais e pode ser considerado uma área de conhecimento e atuação do ser humano, com profundas repercussões políticas e econômicas.

Coincidência ou não, o futebol começou no Brasil no mesmo ano da posse do primeiro presidente civil eleito da República: Prudente de Moraes. E também se consolida como esporte na primeira década republicana.

República, como nos ensina mestre Aurélio, vem do latim *res publica* – coisa pública ou coisa do povo -, e nada mais ‘coisa do povo’ do que o futebol. Manipulado por dirigentes de clubes, por ‘cartolas’ de federações e confederações, por políticos, por órgãos de imprensa nacional e internacional, o futebol é como a República – coisa do povo – e, como tal, se desse povo se subtrai algo pela direita, ele consegue recuperar pela esquerda. (Witter, 1990).

Problemas sócio-políticos são, de certa forma, atenuados pela ação do futebol como elemento catalisador das atenções populares. Através dele os governos militares implantaram suas políticas, subsidiando clubes, construindo estádios, controlando federações e campeonatos. Além disso, surge também o fenômeno da “cartolagem”, representado por dirigentes interessados em se promover, armando jogadas que favoreciam seus clubes ou federações e intermediando a compra e venda de atletas.

O esporte também é manipulado como instrumento de ocultação da realidade. Prova disso é a emblemática fotografia do general Médici, como presidente da República, fazendo “pontinhos” com uma bola de futebol, em 1970, no clima de comoção nacional com a arrasadora vitória brasileira da Copa do Mundo, no México. Enquanto o Estado encarregava-se pela prática da censura e tortura no Brasil e o país estava mobilizado pela Copa do México, o ditador que liderava as piores chacinas nos aparelhos de tortura da época encontrava no

futebol a chance de manipular sua imagem e do seu governo, como pode ser comprovado através do depoimento de Pelé, após vitória:

Não há ditadura no Brasil. O Brasil é um país liberal, uma terra de felicidade. Somos um povo livre. Nossos dirigentes sabem o que é melhor para nós e nos governam com tolerância e patriotismo. (Pelé, 1969 *apud* Maurício, 2003).

O sucesso do futebol brasileiro em gramados mexicanos estimulou um sentimento de ‘brasilidade’, ou ‘pseudobrasilidade’, ao mesmo tempo em que graves restrições impostas pelo governo militar limitavam o livre exercício dos direitos humanos no país.

O interesse dos esportistas brasileiros pelo futebol só se consolidou quando do advento do profissionalismo, que serviu para fazer com que os atletas talentosos, que necessitavam trabalhar em duas ocupações, pudessem priorizar a prática do futebol, como essencial para sua ascensão social. Exemplos históricos existem muitos em figuras como Tostão e Sócrates, que puderam se concentrar na carreira profissional por determinado tempo, mas preparando uma outra carreira na medicina, na educação física, etc., para depois da fase áurea dos atletas de futebol.

O jogador de futebol passou a ser profissional e a receber salário, garantindo uma série de direitos e deveres como empregado do clube. Apesar das mudanças externas, continuou a produzir ídolos, criar mitos e fazer heróis, mas também destruiu sonhos, frustrou muitos e liquidou craques.

Muitas vezes, devido a recriminações sociais, os atletas tinham que esconder sua atividade futebolística, já que esta não era considerada digna para a época. Que inversão de valores em relação à sociedade atual, em que o futebol passa a ser o grande orgulho da nação e seus jogadores são nossos ídolos!

A condição profissional dada ao futebol foi irreversível. Provocou grandes mudanças na estrutura do esporte no Brasil e forneceu bases para o momento que iria se

construir nas relações de trabalho entre os trabalhadores do esporte, e mais especificamente do futebol.

Atletas antes amadores podiam reivindicar melhores salários e condições de treinamento sob a ameaça de mudar de clube, ou até de país, caso não fossem atendidos. Os dirigentes iniciaram, para tanto, um movimento de utilização da massa torcedora para pressionar os atletas. Jogadores que pertenciam a um determinado clube não poderiam mudar de camisa, pois seriam julgados por este comportamento e desqualificados como verdadeiros traidores.

As repercussões econômicas do futebol se destacaram a partir do momento em que o mesmo se configurou como espetáculo. Segundo De Rose Junior & Sigoli (2004), a década de setenta serviu como laboratório para inclusão do esporte no mercado mundial. Naquela época, as grandes confederações esportivas internacionais, tais como a FIFA (Federação Internacional de Futebol) e o COI (Comitê Olímpico Internacional), perceberam a grande valorização do esporte para a mídia e passaram a negociar cifras cada vez maiores sobre os direitos de transmissão televisiva dos campeonatos internacionais e dos Jogos Olímpicos.

Devido ao grande poder de audiência do esporte, os patrocinadores surgiram em grande número e a mercantilização do esporte gerou um lucro inédito. Os eventos esportivos passaram a ter a parceria de grandes empresas e as confederações, federações, ligas e clubes passaram a negociar o esporte como um produto de consumo. As federações internacionais e o Comitê Olímpico Internacional foram transformados em grandes corporações financeiras transnacionais que teceram uma rede de filiais por todo o mundo através dos Comitês Olímpicos nacionais e das confederações nacionais.

Essas corporações esportivas mantêm relacionamentos comerciais com grandes empresas que investem em publicidade nos estádios e nos patrocínios de grandes equipes,

como a Petrobrás com o Flamengo (RJ), a FIAT com Cruzeiro (MG) e Goiás (GO), além da Coca-Cola, Nike e Adidas. Interesses financeiros são tão marcantes neste universo que até mesmo jogadores possuem patrocínios individuais, como é o caso de Ronaldinho, patrocinado pela Nike.

Enquanto uma atividade de sociedade, o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de certas perspectivas, regras, relações, objetos, gestos, ideologia, permitindo assim, abrir um espaço social determinado (DaMatta, 1982: 24). Este esporte, em sua dimensão psicossocial, escancara as relações de poder e financeiras que perduram no Brasil. Podemos observar a reação de nossa elite, sobretudo intelectual, ao se deparar com os salários que são pagos a alguns jogadores de equipes de ponta. Comentários como “não é justo se pagar a uma pessoa que não tem o primário, o mesmo que se paga a um médico” são comuns entre os representantes deste estrato social.

Pensando as relações entre esporte e sociedade, DaMatta (1997) representa o futebol enquanto “metáfora da sociedade brasileira” e “emblema de brasilidade”. Em concordância, Alex Bellos, correspondente brasileiro do *Guardian and Observer newspaper of London*, escreveu no seu livro *Futebol: The Brazilian Way of Life* (2002), que não há um esporte americano, ou talvez no mundo, equivalente à obsessão brasileira reconhecida sobre o futebol. Ele considera o futebol brasileiro tanto como expressão cultural de uma sociedade festiva, quanto como espelho da evolução política e social do país, destacando o estilo futebol-arte do Brasil, no qual o mérito da arte parte do desempenho individual em campo, e não da tática do time completo, e o prazer não está só na vitória da partida, mas sim na beleza das jogadas.

Por outro lado, a globalização e a capitalização do referido esporte levaram Biddle (2003) a considerar que estaríamos entrando numa nova e excitante era do esporte, fator de união entre povos, representação da paz e cooperação internacional.

O futebol está enraizado em nossa cultura. Não se pode negar a sua influência na formação da mentalidade e no comportamento do homem brasileiro. Segundo Pimenta (1997: 39), “só a libertação dos escravos, a proclamação da república e a imigração que a seguir começou de forma poderosa, mais os indícios da indústria no Rio e em São Paulo (...) criaram as condições psicossociais prévias do esporte”.

Pichon-Rivière e Quiroga (1998: 54) consideram interessante dividir o contexto global do futebol em áreas distintas para melhor entendimento da sua estrutura e função social. A primeira delas representada pela equipe, que, ao alcançar a interação harmônica, passa de conglomerado a grupo operativo, tendo como fonte de conflito os inúmeros personagens, desde o presidente do clube até os técnicos. O público constitui a segunda área, a da opinião, com um vocabulário centrado em temas sexuais e políticos, que aflora com particular violência em momentos de frustração. A torcida, com seus líderes e ambivalência, forma grupos de pressão e manipula opiniões a ponto de debilitar um adversário temido e perigoso. Além disso, a provocação e manobra política também se movem na estrutura social, arrastando o maior movimento de massas de nosso país.

O esporte, em suas mais diversas manifestações, e o futebol, em particular, pode ser encarado como representação simbólica de atividades vivenciadas socialmente, ou como um ritual que congrega espectadores e times numa cerimônia que tem algo de magia e de catarse. Podemos sugerir também que o esporte é uma guerra sublimada, constatada em época de Copa do Mundo, em que os povos dos países participantes encaram sua equipe como representante, de fato, de sua cultura, e a mídia esportiva não se cansa de denominar os jogadores de guerreiros.

O preconceito discriminatório que marcou o contexto sócio-histórico do futebol é bastante lamentável, mas não concorre com o desprazer de ver certos atletas negros ainda entrarem num movimento de ‘embranquecimento’, como ficou evidente na declaração

do atacante mulato, Robson da Silva, jogador do Fluminense na década de 50: “Eu já fui preto e sei o que é isso”.

Isto relembra o episódio do também jogador do Fluminense de 1914, o mulato Carlos Alberto, que, para burlar o preconceito, enchia a cara de pó-de-arroz antes das partidas, mas com o suor das jogadas, o disfarce desaparecia e a torcida, ainda desacostumada com a presença de negros dentro de campo, xingava o tempo todo: “Pó-de-arroz! Pó de arroz!”, denominação usada até hoje para se referir a este clube.

O surgimento de Pelé na Copa do Mundo de 1958 e sua conseqüente glorificação como “rei do futebol” serviu de uma maneira espetacular para a continuidade e conseqüente preservação da imagem do Brasil como “o país do futebol”. Este título serviu de uma maneira perfeita para que a estrutura se mantivesse. A esperança transformada em certeza, de que um garoto nascido das camadas mais humildes da população pudesse vir a se tornar “rei” de um país, serviu para que o mito se reforçasse ainda mais e que os garotos brasileiros, principalmente aqueles mais carentes, depositassem suas esperanças em se igualar, ou mesmo superar, o “rei”.

Hoje, atribui-se a Pelé a condição de alguém que foi incluído no clã dos brancos, sem ter questionado qualquer coisa a respeito deste paradoxo, sabendo sustentar essa transformação pessoal e individual, acumulando dinheiro e aplicando pragmaticamente no mundo branco do poder, diferente de Garrincha, porta voz de outra negritude, que não suportou a ascensão e as radicais mudanças de vida, encontrando no álcool um meio de fugir da realidade. Numa leitura psicossocial, Pelé e Garrincha se complementam: são os dois lados da mesma moeda que é o futebol no Brasil.

Neste cenário ainda destacou-se Zico, jogador branco, de classe média, considerado pela imprensa como uma ameaça à preservação de um mito, o rei Pelé, já que não correspondia ao estereótipo que o sistema desejava para seu sucessor.

A imprensa desejava que o novo candidato a “rei do futebol” fosse um atleta de perfil social parecido com o do atleta do século, e assim, coincidentemente, no início da década de noventa, surge Ronaldinho, muito mais apto para servir de referência e preservar a idéia do sistema de que os menos favorecidos possam se tornar heróis, do que um atleta da classe média, ainda que suburbana, do Rio de Janeiro.

Neste Brasil tão eclético, tão místico, tão supersticioso, tão misterioso, o futebol tornou-se um dos maiores espetáculos do mundo contemporâneo. Segundo Bellos (*apud* Mattu, 2002), para os brasileiros, o futebol é mais do que um esporte, é o “símbolo de identidade nacional”, revelada a partir do momento que houve a inclusão de jogadores negros e mestiços, em seu quadro mais elevado, predominantemente branco, demonstrando o alto grau de miscigenação desse país: “*We love Brazil because of the spectacle. Because their fans are so exuberantly happy...because the national team conveys a Utopian racial harmony*”² (Bellos, 2002).

Talvez fosse possível ter mantido o futebol como privilégio das elites, se no nosso país as condições de clima, topografia, formação do povo e religião não contribuíssem justamente para o contrário. Afinal, poucos países no mundo possibilitam atividades ao ar livre durante praticamente o ano todo. Temos um relevo extremamente propício para uma atividade que requer grandes espaços para se praticar.

A formação social também contribuiu quando percebemos a mistura étnica que existe em nosso povo. A questão da religiosidade deve ser fortemente levada em consideração, visto que o catolicismo foi o principal fator de aglutinação da identidade nacional, e poucas religiões trabalham tão bem a questão dos símbolos e da idolatria, fundamental para a identificação com os clubes, e para a identificação com os jogadores e

² Trad.: Nós amamos o Brasil graças a este espetáculo. Porque suas torcidas são tão exuberantemente felizes...porque a seleção brasileira convive em uma harmônica utopia racial.

com suas torcidas, que se organizam como se fossem irmandades ou paróquias. Não é por acaso que muitas vezes ouvimos que o futebol é uma verdadeira religião em nosso país.

Bem verdade ter sido apenas a partir dos anos 30 que iniciamos o processo de consolidação com as primeiras leis federais regulamentadoras desta atividade esportiva. A criação da Liga Carioca do Futebol em 23 de janeiro de 1933 implantou o profissionalismo e provocou a ruptura com a Associação Metropolitana de Esportes Amadores, processo que só se completou em 1937, com a unificação das entidades e o início da nossa legislação esportiva em 14 de abril de 1941 (Decreto-lei nº 3.199, para todo o conjunto de desportos brasileiros, não apenas para o futebol, promulgado em pleno Estado Novo). Estas foram as medidas institucionalizadoras do nosso futebol (Murad *apud* Giorgetti, 1999: 31).

Nesse momento histórico, todos os esportes no âmbito nacional se organizaram e criaram o Conselho Nacional de Desportos, no Ministério da Educação e Cultura. Foram medidas avançadas para a época e consolidaram a crença de que o esporte, em geral, e o futebol, em particular, constituem forças propulsoras da identidade da nação.

Passamos a repensar o Brasil pelo viés da cultura popular. E, de repente, nos anos 90, nos deparamos com o *boom* do futebol brasileiro: somos donos de um futebol tipicamente brasileiro nesta era pós-moderna!

Mais de cem anos depois de seu nascimento, percebemos que o Brasil construiu um conceituado futebol, que acumulou conquistas internacionais significativas ao longo do tempo. Passou de atividade de entretenimento de massas para um dos mais expressivos eventos da vida das multidões em nosso país, uma das mais poderosas forças que possibilitam o trabalho no país. Um levantamento do IBGE indica que futebol e cinema, nesta ordem, são as “preferências nacionais em matéria de diversão fora de casa”. Mas isto não aconteceu por acaso. Esta transformação foi extremamente complexa.

1.2. - FUTEBOL: UM CAMPO DE CRENÇAS, MITOS E RITOS

*A razão torna-se não-razão quando separada do coração.
Uma vida psíquica vazia de idéias universais adoece por
desnutrição.*

(Jung, 1988)

Crer é muito importante. Não se pode conhecer, ou agir, ou criar algo, sem crer. É a crença que incendeia as idéias e as palavras. De acordo com Moscovici (2003: 343), a sociedade moderna é “uma máquina de fazer deuses” e, se hoje atribuímos uma explicação psicossocial para os fenômenos sociais, isso é devido ao fato de que a sociedade reduz os indivíduos, sozinhos ou juntos, a “homens de crenças”.

Para se negar uma crença é necessário opor-lhe outra imagem, e não argumentos ou observações. Provas a favor, numa crença, são secundárias. Não é difícil ser convertido e crer, mas, parar de crer é complicado, mesmo se alguém tem boas razões para fazer isso. As pessoas que querem crer e não conseguem não experimentam isso como um triunfo, mas como uma tragédia.

“Através da crença, o indivíduo, ou grupo, não se relaciona como um sujeito se relacionaria com um objeto, um observador com uma paisagem; ele está conectado com o mundo como um ator com o personagem que ele encarna, um homem com sua casa, uma pessoa com sua identidade” (Moscovici, 2003: 344).

Há um grande número de superstições, feitiços e crenças no esporte. Objetos, pessoas, locais, peças do vestuário (uniformes e cores esportivas) assumem valores simbólicos favoráveis ou desfavoráveis. A cada campeonato novas esperanças, novos temores e apelos a títulos simbólicos.

O esporte depende em grande parte de uma parcela do que comumente chamamos de “sorte” ou “azar”, fatores que estão além das nossas possibilidades de controle racional, do previsível, a despeito de todos os recursos que os modernos conhecimentos

técnicos esportivos colocam à nossa disposição. Assim, freqüentemente, o homem apega-se à magia, na esperança de controlar ou de compensar os feitos de forças que estão acima do seu entendimento (Rosa, 1994).

As substituições, as alterações de um jogo para outro, na organização, na previsão, decorrem da impossibilidade de uma escolha exata que produza o resultado esperado. Isto decorre do caráter eminentemente imprevisível do jogo e do profissionalismo esportivo em que os times se encontram quase diariamente diante de um novo confronto e à espera de um resultado que não pode ser conhecido nem alcançado sem uma boa dose de sorte.

De acordo com recentes estudos sobre futebol (Ribeiro *et al.*, 2001; Ribeiro & Kodato, 2002), quanto mais organizado o grupo, maior é a possibilidade de sucesso esportivo, portanto, menor a tendência para a ação de práticas místicas. Antigamente, o apelo ao sobrenatural era um costume. A magia influenciava até no procedimento dos jogadores, técnicos e também dos diretores de clubes, e a figura do macumbeiro era vista como uma espécie de cacique.

Ao comparecer a um estádio para assistir um jogo de futebol, deixamos de lado nossa sociedade hierarquizada e repressiva e ensaiamos viver com mais liberdade e individualidade. Para DaMatta (1997: 40), essa é a dramatização que permite englobar numa só teoria, não só os conflitos de classe (que são compensados e abrandados com o futebol), como também a invenção de um momento especial que guarda com o cotidiano brasileiro uma relação altamente significativa e politicamente carregada.

Qual será então a estratégia utilizada no Brasil para que os pobres consigam se sentir ricos durante 90 minutos?! Unidos pelo futebol, talvez o tempo de uma simples partida seja um dos poucos momentos da vida social em que se pode expressar de modo aberto e sem censuras os laços de vizinhança, parentesco, profissão, etc. Ocorre uma dissolução do sistema

de papéis e posições sociais que são retomados ao final do rito, quando se mergulha novamente no mundo cotidiano.

Por isso atribui-se ao futebol a condição de “esporte democrático” (Witter, 1990), já que “permite a mistura salutar das classes sociais e as identifica, dentro ou fora do campo, pela linguagem comum que se estabelece a partir dele e que é compreendida por um nobre ou um plebeu inglês, por um analfabeto ou intelectual brasileiro”.

A filosofia, a religião, a arte e a ciência são meios e formas de tentar apreender e explicar a realidade. Porém, nenhuma delas cria ou recria a realidade. O ser humano nega a aceitação do real, pois ele explicita sua fragilidade. Este real faz romper com toda uma realidade apresentada e com a construção de uma determinada ordem social e cultural. Logo, o que escapa ao controle do homem é visto por ele como algo incontrolável, ameaçador e perigoso.

O real possibilita a abertura de brechas que ameaçam todo o sistema simbólico. E, sem sistema simbólico, conforme Geertz (1978), o ser humano fica perdido como um animal quando perde seu código genético natural. Assim, é preciso preencher este vazio, fechar estas fissuras. Isto será conseguido por intermédio dos mitos, ritos e crenças, que se tornarão a resignação de um símbolo, antes perdido pela intervenção de leis reais.

Para Moscovici (2003: 344), conhecimento e crença são conceitos opostos que formam um par, como a razão e a fé. Porém, ele assume que “se é verdade que o senso comum é uma forma de conhecimento, ao mesmo tempo ele se mostra contendo numerosas crenças” que, por sua vez, estão articuladas com valores e atitudes que não são discutidos, que são até proibidos de discutir, de tal modo que as conclusões que tiramos de alguma informação ou idéia, são, por assim dizer, já aceitas de antemão.

“Crer parece ser a coisa mais mental que nós fazemos, a forma mais remota do que é feito pela simples razão de fazer. O conjunto da vida intelectual consiste de crença”,

afirma Moscovici (2003: 343). Sendo assim, a crença é essencial à ação e o que está contido nela são idéias que podem ser vivas ou mortas, e avaliadas pela prontidão em agir.

As representações sociais que são identificadas no senso comum são análogas a paradigmas que, contrariamente aos paradigmas científicos, são construídos parcialmente por crenças baseadas na fé e parcialmente por elementos de conhecimento baseados na verdade. Pelo fato de conterem crenças, validá-los se mostra como um processo longo, incerto, pois os paradigmas não podem ser nem confirmados nem negados.

A constituição de uma representação social não é puramente raciocínio ou informação, mas pode estar muitas vezes em oposição ostensiva a estes princípios. Considera-se que, estando enraizada na cultura, na linguagem, então, a partir da infância, passamos a absorver representações sociais, juntamente com outros elementos de nossa cultura e com nossa língua materna. Pode ter acontecido exatamente isso com o futebol, que já nos foi apresentado como um esporte dominado por ritos e fórmulas paradigmáticas que inventam e sustentam personagens culturais.

Os rituais, segundo Moscovici (2003: 342), estabelecem, de certa forma, uma personalidade; são definidos por meio de uma dialética entre o cotidiano e o extraordinário. Estando o rito na situação extraordinária, ele se constitui pela abertura desse mundo especial para a coletividade. “Como não há sociedade sem uma idéia de mundo extraordinário, onde habitam os deuses e onde, em geral, a vida transcorre num plano de plenitude e liberdade, montar o ritual é, pois, abrir-se para esse mundo, dando-lhe uma realidade, criando um espaço para ele e abrindo as portas da comunicação entre o ‘mundo real’ e um ‘mundo ‘especial’” (DaMatta, 1997: 39).

Tanto os ritos como os mitos estão situados num universo acima do cotidiano, como modos capazes de permitir a reflexão e a alternativa ao mundo real. Tanto os personagens quanto os rituais são criações sociais que refletem os problemas e dilemas

básicos da formação social que os engendra, já que como elemento privilegiado de tomada de consciência no mundo, o rito é um veículo básico na transformação de algo natural em algo social. “É através dos mitos e ritos que ocorre o reconhecimento do outro e o reconhecimento de si através do outro” (DaMatta, 1997: 41).

Assim, mito e ritual configuram-se enquanto dramatizações ou maneiras cruciais de chamar a atenção para certos aspectos da realidade social que se mantêm submersos pelas rotinas, interesses e complicações do cotidiano. “É pela dramatização que o grupo individualiza algum fenômeno, podendo, assim, transformá-lo em instrumento capaz de individualizar a coletividade como um todo, dando-lhe identidade e singularidade” (DaMatta, 1997: 36). É a partir da dramatização de certos elementos, valores e ideologias, que tomamos consciência das coisas e passamos a vê-las como tendo um sentido, como sendo sociais, assim como tem ocorrido com o futebol brasileiro em época de Copa do Mundo, quando se destaca aquilo que é especificamente brasileiro: a bandeira, as cores, o hino, a língua e o poder nacional.

Para Freud (1921), os mitos são os sonhos de uma determinada cultura. Para Eliade (1972), eles contêm uma enorme força coletiva, podendo estar nos gestos, nas roupas, no silêncio. Em nome deles as comunidades fazem enormes sacrifícios e sustentam costumes pesados. Daí a importância de captar o sentido e simbolismo dessas formas de conduta, a causa e justificação destes excessos, por imperarem e trazerem uma lógica própria.

Nas sociedades, das mais simples às mais complexas, os rituais servem, sobretudo, para promover a identidade social e construir seu caráter. É como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores. É o ritual que permite tomar consciência de certas cristalizações sociais mais profundas que a própria sociedade deseja situar como parte dos seus ideais “eternos”.

Quando a construção simbólica passa a intermediar o real, é porque já houve uma convenção social e coletiva, capaz de produzir efeitos. E não é qualquer símbolo que produz isso. Ele tem que estar integrado num sistema de crenças em que possa ser entendido, compreendido e explicado por qualquer pessoa que o legitimou. Daí a atuação do *marketing* e da propaganda, que se aproveitam da realidade esportiva, em torno de novas construções simbólicas com finalidades consumistas.

Tudo pode ser posto em ritualização porque tudo o que faz parte do mundo pode ser personificado. Uma ação que no dia-a-dia é banal e trivial pode adquirir um grande significado, e assim “virar” rito, quando destacada num certo ambiente por meio de uma seqüência. Ao associá-lo aos valores de uma sociedade, verificamos então a imprevisibilidade, o azar, a sorte, o destino. Todos perpassam pela materialidade das ciências que atuam no futebol.

O futebol está repleto de sinais: as cores que representam um time, seu uniforme, sua bandeira; os animais que atuam como mascotes das torcidas, que, de repente, vestem-se do simbolismo que este animal representa, como que adquirindo as principais características de comportamento do bicho, seja ele um leão, um gavião, um galo, etc; o ambiente de um clube de futebol, ainda marcado por imagens, crucifixos, capelas, que demonstram a crença dos atores do futebol no seu cotidiano e, principalmente, nos momentos que antecedem suas apresentações.

Mergulha-se no campo do sagrado, mas, a cada realidade ameaçada, revigoram possibilidades de uma nova construção simbólica. Por isso, é freqüente ao término de um jogo surgirem comentários em torno do time ter enfrentado não apenas o seu adversário, como também o seu destino. Conforme DaMatta (1997: 30), no futebol dramatizamos uma visão de nós mesmos por meio do confronto com os outros e pelos outros (os adversários).

O que faz e dá sustento a essas crenças é o sentido coletivo que há na vida real. Os homens, relacionados um a um, esperam por sua vitória e, quando percebem que, embora juntos, não conseguem controlar ações exteriores nem habilidades adversárias, buscam em outros meios a vitória desejada.

O rito pode marcar aquele instante privilegiado em que se busca transformar o particular no universal, o regional no nacional e o individual no coletivo, transmitindo e reproduzindo valores. O ritual tende a criar o momento coletivo, fazendo sucumbir o individual e o regional no coletivo e no nacional. Nos ritos esportivos, a dialética da competição individualista acaba por formar uma totalidade englobada por quem sai vitorioso e assim “come”, “papa”, “engole” o adversário e toda a disputa. Isto é, engloba na vitória os outros indivíduos, passando a expressar o campeonato.

Malinowski (1944 *apud* DaMatta, 1997: 34), na sua “teoria científica da cultura”, traz a idéia de que todas essas coisas culturais, como as instituições e normas, os ritos e mitos, seriam modos de responder às necessidades básicas e primárias, que determinam uma resposta humana e forçam o grupo na direção de uma invenção da cultura.

O jogo permeia todos os aspectos da existência, sem hierarquia de valores, retratando os rituais da vida e da morte, do riso e do trágico, do particular e do público, podendo confirmar ou renovar valores sociais e até canalizar os sentimentos coletivos, como é o caso do futebol, que mais se parece com uma espécie de filtro por onde escoam não só as aspirações das massas, mas também as manobras políticas das classes dirigentes. Como imaginar o país sem as figuras de Pelé, Garrincha, Zico, Romário e Ronaldinho? Neste sentido, podemos ser a própria vida, “onde as rejeições dos discursos racionais, sociais, políticos e econômicos são postos de lado, mas os resultados são aceitos, hierarquicamente, na possibilidade de aumentar a crença e a fé na próxima disputa” (Rosenfeld, 1993).

Nesse ínterim está a assustadora exclusão que nos induz a criar um campo de mitos em torno dos esportes e, principalmente, em torno do futebol, em que encarnamos figuras de heróis, representados por apenas 3% do total de jogadores profissionais, como modelos a serem seguidos (Giorgetti, 1999: 88). Muitos profissionais passam anos tentando chegar ao patamar numérico deles, acarretando frustrações e desgastes que só conseguem desestruturá-los.

Uma cena carregada de mitos e crenças, que pode se encaixar como uma importante passagem do ritual do futebol brasileiro, é um dia de testes para seleção de novos atletas para a divisão de base de um clube. A meninada se apinha e se acotovela em frente no portão do clube, esperando ansiosamente a chance de poder mostrar seu futebol. Como se fosse uma secreção endógena ou uma substância mítica, pessoal, o futebol de cada um pode ser exteriorizado, como algo de dentro, subjetivo e intrínseco ao indivíduo.

De certa maneira, os ritos seriam modos de dizer algo sobre a estrutura social, mas também de dizer algo de certo ponto de vista; é um modo de discursar sobre a realidade que não exclui a racionalidade; é “uma estória que eles contam a eles mesmos”, como conceituou Geertz (1978).

Se pudéssemos fotografar as imagens mentais daqueles adolescentes que aguardam a chance de mostrar seu futebol, a fotografia apresentaria o vulto de um rei dos campos de futebol, um rei de chuteiras, fazedor de gols, já que cada um deles, naquele momento, acredita poder traçar o caminho de sucesso de Ronaldinho, Romário, Zico ou Pelé. Cada um deles contém em si uma substância denominada futebol.

1.3. - O JOGADOR DE FUTEBOL E SUA IDENTIDADE-MITO

Esporte de massa, o jogo de futebol cria um rompimento com a realidade vigente: o espectador projeta-se no seu ídolo, o homem comum, figurativizado, transforma-se em herói e perdedores e vencedores se unem para celebração do espetáculo. Repositório quase que natural dos torcedores, transforma-se em palco de ressonâncias catárticas.

(Ramadam *apud* Giorgetti, 1999: 273)

A identificação simbólica do público com seus jogadores favoritos determina características particulares do fato social que é o futebol. Os jogadores são considerados heróis da cultura de massa, convertendo-se em personagens míticos capazes de realizar proezas que servem de consolo à impotência de muitas pessoas.

O herói como objeto de estudo, enquanto mito ou realidade, sempre fez parte da cultura da humanidade, desde a era primitiva. Jung (*apud* Feijó, 1999) diz que “o mito universal do herói refere-se sempre a um homem ou a um homem-deus todo poderoso e possante que vence o mal, apresentado na forma de dragões, serpentes, monstros, demônios, etc, e que sempre livra seu povo da destruição e da morte”.

Freud, em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921), declara que cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e constrói seu ideal de eu segundo os modelos mais variados. “Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais – as da sua raça, classe, credo, nacionalidade – podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade”.

O homem moderno recorre a uma constelação de “deuses sem rosto” para se pôr a salvo de suas ansiedades. De acordo com Pichon-Rivière e Quiroga (1998: XI), “a sociedade sofre um processo de desintegração que a incapacita para funcionar como subestrutura temporal-espacial, fonte de segurança para os indivíduos. Essa crise social

magnifica o fenômeno da idolatria, presente de modo explícito ou implícito em cada um de nós, na infância, por carência ou debilidade das figuras parentais”. O homem recorre a técnicas defensivas que o libertem do intolerável sentimento de insegurança e, por mecanismos de atribuição e idealização, surge o ídolo como guardião do equilíbrio mental.

O ídolo desportivo, atualmente, é um modelo de aspiração social. É a personificação da sociedade, tida por muitos como um referencial de auto-realização, do desejo de tornar-se celebridade. É até um elemento de apelo consumista a serviço da ideologia capitalista.

No Brasil, a evidente construção de um personagem coincide com o ideal de muitos. A cultura do “salvador da pátria” está tão presente no imaginário da sociedade brasileira, que, queira-se ou não, sempre há um “herói de plantão”, por interesses da mídia ou do capital, e uma sociedade para consumi-los.

Nossos “heróis” servem como objeto de identificação para quem os contempla. A imagem de um ídolo desportivo transcende sua própria ação profissional. No período da morte de Ayrton Senna, a sociedade brasileira protagonizou um movimento de “heroificação”, passando a considerá-lo um guerreiro. Uns de forma emocionada, outros de forma mais racional. Afloraram simbolismos que cercam o “herói” desportivo, e ainda, sentimentos que extrapolam a idolatria. Era o espaço adequado para canalização de sentimentos implícitos de uma sociedade cheia de frustrações, marcada por anos de censura e ditadura militar.

O mito de que todo esportista será bem sucedido e ganhará muito dinheiro é o principal fator motivacional que detona em jovens de diferentes origens sociais a vontade de se tornar jogadores de futebol profissional. Porém, uma pesquisa do Sindicato dos Atletas Profissionais de São Paulo mostra que apenas dois em cada cem jogadores ganham mais de R\$ 1,6 mil por mês. Os outros 98% ficam entre R\$ 700 e R\$ 1,6 mil, isto quando conseguem

receber o que lhe é devido, já que a prática de salários atrasados, ou simplesmente não pagamento destes, é comum no futebol profissional brasileiro (Ribeiro *et al.*, 2001).

O jogador tem sempre em mente o desejo de ser estrela e possuir o *status* de craque. Heróis em momentos de vitória, vilões nas derrotas, todos os jogadores sonham com a glória. É algo que magnetiza o menino, o adolescente, o “júnior”, o “aspirante”, mas a maioria esmagadora fica no anonimato, sendo considerada por alguns autores como “massa dos operários do futebol”.

O ídolo é mais do que um personagem determinado: é um papel social cuja função consiste em assumir e gratificar aspirações coletivas. Se ocorrer o menor desajuste entre o papel atribuído e o assumido, a idolatria mostra seu reverso, numa tremenda hostilidade, proporcional ao grau de frustração sofrida. O sentimento de ser rejeitado, desvalorizado, destituído de poder pelo grupo social pode atingir a identidade pessoal em suas dimensões de valor, poder e autonomia, já que por trás do personagem que o jogador encarna está o ser humano que ele é. É complicado para o atleta ter que conviver com seu personagem, principalmente quando este deixa de representar um estímulo ao seu orgulho.

A dimensão perversa do futebol, enquanto mecanismo de controle ideológico, é alimentar os mitos, crenças e ilusões que norteiam a carreira do jogador, interferindo na sua identidade e contribuindo para um processo identificatório da sociedade para com ele, enquanto herói decaído. Assim, o jogador de futebol pode ceder domínio ao personagem, passando a configurar nele uma *identidade-mito*, que, de acordo com Ciampa (1990: 141), é resultado da avaliação de um sujeito sobre o outro, no que diz respeito ao desempenho de determinado papel, e conseqüente atribuição de características personalógicas, elementos de identidade, que, na vivência social, passarão a fazer parte do repertório daquele que fora analisado, como uma identidade pressuposta.

Nesta abordagem, a identidade é compreendida como movimento, metamorfose, como um processo contínuo de identificações que refletem as ações do indivíduo, seu trabalho, seu viver diário, sua história de vida e seu projeto. “Somos nossas ações, nos fazemos pela prática” (Ciampa, 1984). Para Ciampa (1990):

“Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida-no-emaranhado-das-relações-sociais... No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela. A questão da identidade, assim deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é sobretudo uma questão social, uma questão política”.

Sua concepção teórica, além de fundamentar uma crítica à psicologia social tradicional, é a que mais se aproxima do que procuramos demonstrar sobre a constituição da subjetividade social, e, por isso, será privilegiada. Percebe-se que a partir de estudos sobre questões concretas da vida dos sujeitos, as dinâmicas da objetividade e da subjetividade entram em constante interação, diferente da dicotomização indivíduo-sociedade, ainda mantida pelos estudiosos que se dedicaram à análise da construção social da realidade, como Berger e Luckmann (1974), Searle (1977) e Goffman (1985).

Goffman (1985) analisa o auto-conhecimento do homem, tendo o comportamento humano em sua situação social e o modo como aparecemos/apresentamos aos outros, através de uma analogia à metáfora da ação teatral. Berger e Luckmann (1974) analisam o processo dialético da realidade objetiva e realidade subjetiva da construção social da realidade, evidenciando que a identidade é evidentemente encarada como “socialmente outorgada, socialmente sustentada e socialmente transformada”. Ambas as obras consideram que as pessoas constroem suas identidades pessoais a partir da cultura em que vivem.

Ciampa (1977) procura superar a visão fragmentada de homem, característica de um modelo positivista norte-americano dominante, e, apoiado em William James (1989) e George Mead (1972), procura compreender a concepção de sujeito transformador e autor da história social. Assim, fez da identidade uma categoria científica, a partir da metáfora da

metamorfose humana, eixo central para compreensão do processo de transformação e auto-transformação do sujeito humano.

Consoante Ciampa (1990), a *atividade* representa a base objetiva de realização concreta do sujeito e, ao mesmo tempo, sua expressão de subjetividade na definição de papéis. A *consciência* será o fruto do desempenho do sujeito nas relações concretas e objetivas e, ao mesmo tempo, a representação que o sujeito faz de si mesmo a partir desse desempenho. É o conjunto dessas forças que, para ele, constitui a identidade do sujeito, que se altera ou permanece de acordo com as relações concretas de sua vida.

Conforme Pedro (2002), “a cada momento, em cada ação, em cada relação com o mundo social, a atividade e a consciência desenvolvidas pelo indivíduo acompanham não somente sua trajetória individual, mas o movimento da realidade, construída socialmente”. A partir dessa construção social e histórica, a identidade tem sido refletida por uma proposta de indissociabilidade teórico-metodológica, em que história de vida e atributos conferidos por si mesmo e pelos outros têm se caracterizado como importante objeto de estudos. Assim, pensar identidade implica apreender as atividades e o processo de consciência do indivíduo, as mudanças vivenciadas em sua história pessoal e em suas relações com o mundo social. Ou seja, compreender as metamorfoses do sujeito e as metamorfoses de seu tempo.

A partir dos pressupostos de William James (1899) e George Herbert Mead (1972), Ciampa (1977) apresenta a reflexão de que “a identidade social de uma pessoa, a qualquer momento, é uma função de suas posições, validadas através do desempenho de papéis apropriados, convenientes e convincentes”. Assim, o mesmo enfatiza a atenção em torno das posições ou “status” que o indivíduo ocupa em uma estrutura social; as avaliações ou “valores” que o indivíduo recebe pelo desempenho de papéis correspondentes a essas

posições e o envolvimento (que é o grau em que o indivíduo pode e/ou deve estar envolvido ao desempenhar o seu papel).

Ciampa (1977) declara que “compreender a identidade é compreender a relação indivíduo-sociedade”, em que, baseado em Berger e Luckmann (1974), a sociedade é uma realidade objetiva e o homem é um produto social. Assim, a partir da declaração do indivíduo enquanto uma relação, o mesmo escancara que “a identidade é posta sob a forma de personagem” e “o indivíduo não é mais algo: ele é o que ele faz”.

Ou seja, a identidade é ao mesmo tempo definida pelo sujeito e atribuída a ele pelo outro. É o momento em que o sujeito é ele e a forma como é representado socialmente o seu próprio “eu”. O termo representado socialmente é usado por Ciampa (1990) para designar um fator que considera essencial na relação com o outro: a atribuição, pela sociedade, de elementos de identidade que passarão a fazer parte do repertório do outro (identidade-mito). Forma como os outros te enxergam, te reconhecem.

Este fenômeno demonstra que a subjetividade está presente no indivíduo e fora dele, colocando a identidade como ponto de ancoragem do campo subjetivo do indivíduo e, ao mesmo tempo, como construção social do sujeito, como uma categoria de ligação entre a subjetividade no plano da singularidade do sujeito e a subjetividade social, denominada por Ciampa (1984 *apud* Furtado, 2002: 99) de *dimensão subjetiva da realidade*³:

É a partir da consciência de si e da consciência do outro que o plano singular da subjetividade se imbrica com o plano social da subjetividade. Ao mesmo tempo em que a partir da atividade concreta do sujeito, ele se inclui num campo objetivo da sociedade (sua base material, a relação de classes, força de trabalho, etc.) e age objetivamente no plano individual de acordo com essa demanda social objetiva.

Enquanto essa relação objetiva está sendo interpretada a partir das inúmeras representações, a dimensão subjetiva procura se colocar no âmbito da pluralidade de produções ideológicas no campo social.

³ A Dimensão Subjetiva da Realidade é correlata à Configuração Subjetiva do Sujeito de González Rey e denota como a subjetividade se configura socialmente. Está presente no repertório cultural de um povo, constitui a sua identidade social (ou consciência social). É a matriz da constituição das representações sociais.

A importância de identificar um ‘outro’ para, em seguida, demonizá-lo como condição essencial para dar a si próprio uma nova identidade e uma nova razão de ser foi destacada por Said (1978, 1990 *apud* Sá, 1998), que chama atenção para o papel da representação, já que o discurso cultural e o intercâmbio que costumam circular no interior de uma cultura não são ‘verdades’, mas sim re-presenças, representações.

A identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas (Hall, 2003: 13).

Dentro de nós existem identidades contraditórias nos empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Antigamente, por exemplo, os pais estimulavam os filhos a seguirem carreira médica ou jurídica e hoje se envolvem na escolha do filho oferecendo-lhes a sugestão de seguirem alguma carreira artística ou esportiva, por acharem que, ultimamente, estas são alternativas mais fáceis e seguras de obterem estabilidade financeira, já que os profissionais mais endeusados pela sociedade são justamente artistas e atletas.

É a identidade que costura o sujeito à estrutura, estabilizando tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. Assim, o sujeito está se tornando cada vez mais fragmentado, já que o próprio processo de identificação através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais torna-se cada vez mais provisório, variável e problemático.

À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar pelo menos temporariamente.

Consoante Hall (2003: 71), todo esse processo constitui o sujeito pós-moderno, que não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. Assim, aos poucos, a identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

São essas várias dimensões da realidade do objeto a ser subjetivado na forma de ideologia, valores, crenças, representações sociais, produto cultural, tradições religiosas ou culturais, produção intelectual institucionalizada, produção de imaginário popular, etc, que são determinadas pelas bases objetivas da sociedade, servindo também para reelaborá-las.

Com a dinâmica flexível do processo de formação da identidade proposta por Ciampa (1990: 243), procura-se, com este estudo, as representações sociais de jogador de futebol no processo de constituição da sua subjetividade a partir dos seus determinantes e, ao mesmo tempo, identificar sua influência na dinâmica social e sua produção imaginária.

1.4. - REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE FUTEBOL

(...) toda análise de condutas sociais baseadas sobre um sujeito ‘conhecente’ não pode parar no aspecto representacional, mas deve vislumbrar também os processos de construção da identidade.

(Amério apud Guareschi, 1996)

Assim, como conclui Guareschi (1996: 20), a construção de uma representação social envolve, ao mesmo tempo, a apresentação de uma identidade e uma interpretação da realidade, como que configurando um intercâmbio entre a tarefa representacional e a identificatória, que não é necessariamente consciente do ponto de vista individual.

A construção social da realidade, o lugar onde a história pessoal e a do meio se desenvolvem, estará confluindo para uma nova unidade que, ao mesmo tempo, apresenta uma configuração social subjetiva e uma base objetiva de constituição do sujeito. A experiência humana se objetiva na realidade, criando regularidades como hábitos, tradições, institucionalizações, e as instituições são subjetivadas através da introjeção pela socialização.

Na teoria das representações sociais o social não determina a pessoa, mas é parte substantiva dela, sendo o ser humano tomado como essencialmente social (Moscovici, 1990).

Jodelet (1984) considera as representações sociais como responsáveis por designar uma forma de conhecimento específico, o saber do senso comum, uma forma de pensamento social. São modalidades de pensamento prático orientado para a comunicação, a compreensão e o manejo do ambiente social, material e ideal. Apresentam características específicas no que se refere à organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica.

Desde a primeira definição de representação de Moscovici, em 1961, o objetivo era conhecer a maneira como os seres humanos constroem o conhecimento do senso comum. Como são conhecimentos dinâmicos articulados ao redor de um núcleo figurativo, que constitui a parte mais estável influenciada pela cultura e pela memória social, servem para orientar as ações.

As representações conservam a marca da realidade onde nascem, mas também possuem vida independente e reproduzem-se tendo como causas outras representações e não apenas a estrutura social, manifestando-se em condutas, chegando a ser institucionalizadas. Logo, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Apesar de serem consideradas matérias-primas para a análise do social, já que retratam a realidade sem conformá-la, é uma ilusão tomá-las como verdades científicas, reduzindo a realidade à concepção que os atores sociais fazem dela.

Para Moscovici (2003: 344), o ser humano não é um mero reprodutor de informações, mas sim um ser ativo, um agente reflexivo que está permanentemente reconstruindo sua realidade e reconstruindo-se a si mesmo. Não há uma separação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, já que ambos se constituem reciprocamente e, ainda, há uma relação intrínseca entre a representação social e a subjetividade.

Para Spink (1993), trata-se de um conceito abrangente, que não substitui, mas incorpora outros conceitos indo mais a fundo na explicação causal dos fenômenos. É, então, um conceito dinâmico, relacional, amplo, político-ideológico (valorativo) e, por tudo isso, social.

Moscovici (2003: 344) sustenta que as representações têm como finalidade tornar familiar o não-familiar. Ele revela ter se inspirado, para criação do conceito de Representação Social, no conceito das Representações Coletivas de Durkeim (1995) que, na época, considerava imprescindível para a compreensão de como a sociedade se representa, a si própria e ao mundo que a rodeia, a consideração da natureza desta sociedade e não a dos indivíduos. Assim, pregava que os fenômenos individuais têm sede na coletividade, e não em cada um dos seus membros.

Conforme Durkeim (1995), as representações coletivas são categorias de pensamento pelas quais as sociedades interpretam e expressam suas realidades. Acabam por se constituir em fatos sociais passíveis de estudo e análises por se configurarem como maneiras de pensar, agir e sentir, tornando-se exteriores ao indivíduo e assumindo um caráter de consciência coletiva que se sobrepõe às consciências individuais.

Ao propor o conceito de Representação Social, Moscovici (1961) buscou superar o conceito de Representações Coletivas de Durkeim, argumentando que este conceito impunha limites à compreensão de fenômenos fora da ótica ideológica, mítica, religiosa ou primitiva. Segundo ele, o conceito de Representação Social, ao contrário, “permite abarcar a

plasticidade e mobilidade características da vida moderna, definindo, com isso, um espaço psicossociológico próprio para sua teoria, afastando-se decididamente da perspectiva “sociologicista” extrema da noção original” (*apud* Medrado, 1998). Com isso, Moscovici propõe que as representações são construções sociais compartilhadas.

De acordo com Jovchelovitch (1994), representações são “construções sempre ligadas a um lugar a partir do qual sujeitos representam, estando, portanto, intimamente determinadas por identidades, interesses e lugares sociais. Nessa medida, elas representam uma forma particular de construção do objeto e estão constantemente em relação com outras representações que representam outros sujeitos e outros lugares sociais”.

Para Bourdieu (1998), a interpretação da realidade, por parte dos grupos sociais, passa pelos processos de interação e exteriorização desses grupos. Para ele, as realidades das sociedades devem contemplar as representações sociais coletivas dessas mesmas realidades, que podem ser representações mentais (percepção, apreciação, reconhecimento) ou ‘objetais’ (emblemas, bandeiras).

Para o estudo das representações não interessa o estudo da realidade dada, mas da realidade num processo de fazer-se, no qual os conhecimentos folclórico-culturais, míticos, religiosos e científicos vão progressivamente penetrando em nossas vidas e modificando nosso cotidiano.

Como a linguagem é o instrumento utilizado para mediação da compreensão das representações sociais (Lane, 2002: 15), deve-se ter em mente que cada época e cada grupo social tem seu repertório de formas discursivas determinado pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política, e que a compreensão das falas exige ao mesmo tempo a compreensão das relações sociais que ela expressa.

Procura-se, com o estudo das representações sociais, descrever, mostrar, evidenciar uma realidade, um fenômeno que existe, mas do qual muitas vezes não nos damos

conta e mostrar a necessidade de estudá-lo para conseguirmos avanços teóricos. No caso deste estudo, identificar algumas representações atribuídas ao futebol profissional pelos praticantes amadores permite compreender não só as condutas relacionadas a eles, mas também como essas representações são apreendidas e reconstruídas pelo jogador pré-profissional, servindo de referência à construção da sua identidade.

O futebol está inserido num contexto que traz consigo uma cultura que se alimenta da presença de mitos, ritos e ideologias. A manifestação desses fenômenos pode ser percebida pela projeção da linguagem do jogador, cheia de crenças, e sustentada por uma cultura que, mesmo marginalizada, atua como mecanismo de defesa. Por isso, para ter uma visão integral de suas funções e estilo é conveniente abordar o jogador de futebol considerando suas motivações e atitudes, os papéis e o *status* conseguido. Do conjunto desses elementos surgirá um personagem com uma representação concreta do futebol.

No entanto, o futebol ocupa no imaginário do povo brasileiro um espaço que encontra paralelo no Carnaval. É no futebol, na identificação com a camisa da seleção, que nos sentimos mais brasileiros. Em meio a tantas desigualdades sociais e problemáticas econômicas, essa nação de cultura miscigenada se vangloria das conquistas do futebol verde-amarelo.

De quatro em quatro anos, nas Copas do Mundo, vemos acontecer nas ruas do Brasil uma verdadeira sacralização do espaço geográfico, um nacionalismo exacerbado. Parafraseando Nelson Rodrigues, vemos “a pátria em chuteiras”. O que antes eram construções normais de uma cidade, ou do campo, ganham as cores verde e amarela, demonstração inequívoca de que estamos identificados em um mesmo ideal, vencer a Copa do Mundo. O que faz e dá sustento a essas crenças é o sentido coletivo que há na vida real.

1.5. - RECORTE INSTITUCIONAL SOBRE O FUTEBOL

O homem que apenas crê e não procura refletir se esquece de que é alguém constantemente exposto à dúvida, seu mais íntimo inimigo, pois onde a fé domina, ali também a dúvida está sempre a espreita.

(Dourley, 1987)

Com a expansão do profissionalismo, o futebol, mantido até então por beneméritos ou taxas de associação, passa a ser visto como um grande negócio. Naquela época (anos 30 e 40), o governo liderado por Getúlio Vargas, incentivador da massificação da cultura, enxerga no futebol, e, principalmente na seleção brasileira, um poderoso instrumento mobilizador da unidade nacional, passando a financiar a construção de estádios como o Pacaembu, que passaram a ser praças públicas de entretenimento. Locais onde o povo pode se confraternizar e dar vazão a um sentimento de pertencer, não somente a um clube, em particular, mas a um país, representado pela seleção brasileira.

O futebol se torna, então, um fator preponderante de unidade e identidade nacional, o que desemboca uma atividade efusiva de patriotismo que ocorreu quando do advento da Copa de 1938, com uma verdadeira mobilização nacional na crença do título mundial na França.

A atividade deixou de ser amadora e passou a se profissionalizar em diversos níveis, organizando-se em associações contaminadas dos mesmos vícios e doenças de outras tantas: cabides de empregos, ingerência política, tráfico de influência, ineficácia, incompetência, mentalidade entrópica, espírito burocrático, gestão autoritária e centralizadora e uma inclinação muito acentuada para os lados da cultura militar. Eis a cultura organizacional dos cartolas.

O processo de modernização/elitização do futebol reproduz o caminho político e econômico trilhado pela classe dirigente brasileira.

Conseqüentemente, o lazer popular é apropriado pela lógica econômica: o fim dos campos varzeanos (reflexo da industrialização e construção dos centros urbanos), a comercialização da formação dos futuros atletas (o fenômeno das escolinhas), o preço dos ingressos (aumento dos custos na manutenção dos clubes), as transmissões televisivas (o futebol como instrumento de marketing), a institucionalização do clube/empresa (a privatização da estrutura do futebol), entre outros fatores. (Pimenta *apud* Giorgetti, 1999: 136).

O profissionalismo ultrapassou certo limiar e o futebol ingressou na lógica produtiva associada ao industrialismo avançado: leasing de jogadores, publicidade nas camisetas, marketing dos espaços à volta do campo e inúmeros “casamentos por interesse” (Goldgrub, 1990: 22).

Enquanto instituição, o futebol compreende cada vez mais o momento político e econômico de um tempo social determinado. O jogo de bola vem assumindo um contorno empresarial e o sintoma social da violência, desencadeada nos agrupamentos de torcedores, coloca em risco os empreendimentos despendidos no evento.

A intolerância das torcidas organizadas da atualidade pode ser explicada diante da modernização do futebol. Torcedores com diferentes ritos, dramatizações e paixões são submetidos a um mesmo contexto futebolístico, o que os tornam susceptíveis a comportamentos inesperados e até violentos. Cada um naquele momento não consegue frear seu irracional e expõe o que a emoção o possibilita, deixando aflorar códigos, símbolos, reações e emoções que fazem parte do caráter do brasileiro, que vive cheio de preocupações e frustrações, por conta da situação atual de privação e crise econômica (Murad *apud* Giorgetti, 1999: 35).

Por isso, diz-se que o futebol é o reflexo do Brasil. Mas, o mesmo futebol que ganhou tanto espaço no nosso país vem perdendo o que tem de mais rico e original: o inesperado, o imponderável, o gratuito que é próprio da arte. A transformação do esporte em indústria do lazer destinada a massas frustradas, a profissionalização dos atletas, a conseqüente distorção de seus objetivos, levou aspectos essenciais do futebol a cederem

espaço à competição pura e simples, em que o fim (a vitória) justifica os meios (destrutivismo).

O volume de capital envolvido nas transações de patrocínio de eventos, de equipes e de venda de direitos de transmissão gera interesses que ultrapassam as necessidades da prática esportiva. São interesses voltados ao mercado alvo, horários de transmissão, locais sede dos eventos, oportunidades comerciais. De acordo com De Rose Junior & Sigoli (2004: 118) estes interesses econômicos provenientes das relações entre as instituições esportivas, empresas patrocinadoras e corporações de mídia acabam por influenciar diretamente a realização esportiva, proporcionando mudanças nas regras dos jogos, horários de partidas desfavoráveis à prática esportiva, porém ideais para a audiência televisiva, causando uma valorização excessiva do espetáculo e do *show*, em detrimento das características da modalidade esportiva.

Hoje, luta-se para que o futebol não se torne apenas mais um espetáculo televisivo com comerciais e promoções de vendas que fazem do horário do intervalo comercial também um atrativo e mais uma fonte de renda. É preciso reconhecer que o futebol é muito importante para o povo brasileiro, e seria um equívoco deixar que as leis do mercado ditem o que é melhor para o nosso país. Ao contrário, podemos concordar com Pimenta (1997) quando ele afirma que “este tipo de futebol não precisa de torcedores, mas de consumidores”.

Dirigentes são os homens que se dedicam à difícil tarefa de coordenar a vida do futebol, desde as federações e confederações nacionais e regionais e os organismos internacionais. Eles se encarregam facilmente de rotular de “mercenário” um atleta que luta pelos seus direitos, alusão ofensiva a quem troca de clube por um contrato melhor ou pede o pagamento do que lhe é devido.

A origem do considerado “mercenarismo” no futebol remonta a época do início deste esporte no Brasil, em que apenas os advindos das classes menos abastadas recebiam para jogar, e não os praticantes anteriores (os filhos da elite). Logo, praticar o futebol por dinheiro (o profissionalismo) ficou marcado como uma prerrogativa dos considerados desqualificados socialmente. “O preconceito aristocrático, expresso no estigma de mercenário lançado aos jogadores provenientes de classes populares, sobreviveu ao longo do tempo, marcando de maneira indelével a atividade do atleta profissional de futebol” (Florenzano, 1998: 47). Os dirigentes são profissionais e os clubes são organizados como empresas capitalistas.

O futebol alimenta o imaginário do torcedor, que, por sua vez, se identifica com o jogador e o idolatra, criando dessa maneira o mito, cuja construção é muito bem realizada pela mídia e pelo esporte. Os dois trabalham com o mecanismo da massificação e, desse modo, constroem e destroem os valores culturais, impondo algumas vezes outros valores.

Em tempos de “aldeia global”, um dos fenômenos que mais mobilizam a sociedade é o esporte-espetáculo...O esforço, o suor, o sacrifício, a astúcia, a conquista e a derrota: tudo presenciado e “dividido” por todos, no ato!...É simbolismo puro injetado, ao vivo, diretamente no imaginário de muitos consumidores. (Cavalcanti *apud* Giorgetti, 1999: 240).

Considerar o futebol um espetáculo é estender a ele um significado de mercadoria. Cada espetáculo é controlado sempre por alguém em função do seu interesse. Os locutores passam a ser intelectuais orgânicos, já que hoje a televisão reina como uma máquina de produzir consenso.

A importância do futebol na sociedade brasileira é notória. Sua inserção na programação televisiva é um ponto a ser explorado, já que o esporte se constitui como um dos principais gêneros veiculados pela televisão moderna, ocupando 17% do total da programação

exibida diariamente, sendo 80% das matérias relacionadas ao futebol, conforme pesquisa realizada pela Dra. Vera Regina Toledo Camargo⁴, em 1998.

Símbolos materiais de *status* como carros, tênis ou qualquer outro objeto que sugira uma condição social de destaque, quando incorporados a um personagem, como existem hoje vários ídolos veiculando produtos em propagandas comerciais como mais uma fonte de renda, inspiram o telespectador, principalmente o que é fã, a obter o produto. Alguns o adquirem apenas como prova de identificação com seu ídolo, nem sempre pensando no *status*, já que muitos produtos nem *status* simbolizam.

O *marketing* propagandístico associa imagens (produto-ídolo) à técnicas consumistas visando atingir níveis sutis de manipulação. Toda essa conjuntura que envolve os grandes meios de comunicação de massa interage com os interesses da economia de mercado, que apropria-se do desporto em forma de espetáculo como meio, e vice-versa. Tudo hoje é comercializado em versão desportiva. Assim como na Fórmula1, cada centímetro da camisa do uniforme de futebol vale dinheiro. Cada atleta é um *merchandise* ambulante.

Nas entrevistas é necessário expor os patrocinadores, seja na camisa ou no boné. Ouve-se o atleta e vêem-se as propagandas. Muitas equipes desportivas de diferentes modalidades são hoje conhecidas pelo nome do patrocinador que, como condição, dá nome à equipe ou clube. É o caso do Palmeiras/Parmalat ou Flamengo/Petrobrás, no caso do futebol, Banespa ou *Olimpikus* no voleibol e Benetton ou *Mac Laren*/Mercedes na Fórmula1. Torna-se, portanto, impossível não atribuir à mídia a responsabilidade pela promoção do desporto como espetáculo ou do ídolo - “herói” como referência.

Goldgrub (1990) compara o jogador de futebol atual a um apertador de parafusos pressionado pelo ritmo infernal da linha de montagem, o técnico a um capataz e a

⁴ Doutora em Comunicação, mestre em Educação, professora de Educação Física na Escola Superior de Educação Física de Jundiaí (ESEF-J), e pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) na Unicamp.

torcida passa de apreciadora e incentivadora à condição de patrão explorador. Assim, a queda da qualidade do espetáculo futebolístico vem gerando o esvaziamento dos estádios.

1.5.1. - Os clubes de futebol

Que as punições em geral e a prisão se originem de uma tecnologia política do corpo, talvez me tenha sido ensinado mais pelo presente do que pela história.

(Foucault, 1991)

A história de tormento do tráfico de escravos e da servidão feudal no Brasil tem seu cenário ainda hoje reproduzido no futebol profissional. Hoje, como antes, jogadores profissionais têm pouco controle sobre sua força de trabalho. Muitos abandonam os hábitos da vida comum, obedecendo à exigência de dedicação exclusiva ao clube. E, nesse estágio, não tomam ou demoram a tomar consciência de seus limites.

Alguns agredem o próprio corpo pela utilização de substâncias prejudiciais ao organismo visando melhorar seu desempenho por meio de anabolizantes, ou outras drogas, ou pela omissão de problemas de saúde temendo serem “atropelados”⁵. Mas já não se assina contrato em branco e o suposto amor pelo time virou estratégia.

É a fase mercantil da intermediação dos empresários, em que os cartolas agem como proprietários dos clubes, transformados em meios de produção. Assim, o futebol profissional configura-se como uma empresa voltada para ganhar dinheiro, de onde os cartolas extraem lucro do trabalho produtivo de seus ativos, os jogadores, restando ao trabalhador da bola desempenhar com seu corpo o papel que lhe cabe no jogo da ganância.

Na atualidade, os clubes representam unidades de negócios que, como tal, estão perdendo a atribuição principal de conquistar títulos e dar alegrias a seus torcedores. O

⁵ O termo *atropelado* é usado pelos jogadores para se referir à substituição de um jogador por motivo de saúde. Existe uma ‘cultura do medo do atropelamento’ que leva muitos atletas a ocultar contusões ou problemas motores.

empresariado, acostumado a manipular da coisa pública impunemente, repete no futebol nacional a mesma cultura arcaica da Lei de Gerson, o craque que disse gostar de “levar vantagem em tudo”.

De uma maneira geral, nos clubes de futebol, os atletas são encarados como a principal peça do sistema. As responsabilidades de um atleta de futebol profissional, de um clube considerado grande⁶ hoje no Brasil, acabam excedendo as questões puramente técnicas. Ao atleta cabe ser um exemplo de conduta, já que não pode fugir do que é considerado norma, ou seja, um bom comportamento dentro do clube de futebol, principalmente pelo investimento que estes clubes realizam para poderem contar com um destes em seus quadros.

Com relação a sua estrutura, um clube de futebol, segundo DaMatta (1997: 30) “(...) é uma instituição marcada por uma ideologia igualitária e individualista global, superimposta a um núcleo familístico patronal e autoritário. (...) Tais grupos seriam de fato agremiações familísticas ou patronais, onde o espaço gerado pelo grupo é que transforma em gente (ou pessoa) o indivíduo a que ela pertence.” O clube de futebol possui, de fato, uma estrutura, que remete a uma ideologia familiar. O dirigente é o pai, os atletas são os seus filhos, o clube é a sua casa. Isso é comprovado na fala de um atleta após a pergunta do porquê estar jogando no São Paulo e não no Flamengo em seu retorno da Itália (2001): “queria jogar num dos dois. No Flamengo, seria voltar ao lugar onde comecei, a cidade onde nasci (...) já no São Paulo, será a minha terceira passagem pelo clube, onde me sinto em casa”.

A estrutura trabalha também em torno da igualdade. No discurso, todos os atletas devem ter os mesmos deveres e direitos, usar o uniforme do clube mesmo fora do horário de treino ou jogos, tudo para que prevaleça o espírito da coletividade. A individualidade só deve aparecer em campo, nos jogos. Caso contrário, esta não é desejada, a

⁶ Aqui são considerados grandes os clubes pertencentes ao “Clube dos Treze” e o Vasco da Gama do Rio de Janeiro.

não ser quando aparece algum jogador “fora do comum”, que como o próprio rótulo diz não faz parte da grande massa indiferenciada dos outros atletas.

Por analogia a DaMatta (1997: 33), pode-se atribuir também ao futebol a característica escravocrata de nossa sociedade, na qual uns (os dirigentes, treinadores, olheiros etc), “descobrem” outros (os atletas). No mercado de escravos, o senhor (dirigente) vai “descobrir” aquele escravo (jogador) que é mais capaz. Assim, “ele procura ver, antes de qualquer coisa, a sua condição física e a sua capacidade de adaptação ao trabalho na Casa Grande e procura saber do fornecedor, ainda, se o escolhido é dócil, prerrogativa que se não for excludente, na cabeça do senhor, é perfeitamente alcançável, pela força do chicote”.

A capacidade de adaptação a um determinado tipo de trabalho pode ser comparada com a capacidade técnica de nossos atletas, já que estes têm que “aprender” a jogar o futebol esperado pelos clubes. A docilidade nos escravos corresponde a que é exigida aos atletas no sentido deles cumprirem seus deveres, através das disciplinas no clube (ou Casa Grande?), caso contrário, o chicote funcionará através das multas: penas impostas aos jogadores ou boatos divulgados para a imprensa sobre o comportamento do atleta.

Conforme Giulianotti (2002: 143), embora altamente recompensados por seu trabalho, líderes profissionais ainda sentem os principais clubes como organizações carcerárias, afinal, os atletas são removidos das relações sociais rotineiras e deslocados para um espaço confinado; o corpo é sujeitado a novas e rígidas disciplinas e examinado por especialistas ou por figuras de autoridade científica (Foucault, 1977; Goffman, 1961 *apud* Giulianotti, 2002: 144). A dieta e o preparo físico são constantemente monitorados; relações sexuais são proibidas nas vésperas das partidas; durante os treinos os jogadores são obrigados a fazerem repetitivos exercícios físicos e, caso atrasem para os treinos, terminam perdendo prestígio e ficando sob um sistema de vigilância elaborado.

O capital corpo ainda tem relações com a identidade dos jogadores, conforme Jodelet (1980 *apud* Arruda, 2002: 9-21), que também investigou as representações sociais do corpo, considerando-o como uma expressão de subjetividade. A estrutura esquelético-muscular é determinante para as posições em que eles jogam, com base nas hipóteses corporais tradicionais do futebol. Cada posição em campo tem uma constituição física apropriada, como, por exemplo, os goleiros e zagueiros centrais, que devem ter em torno de dois metros de altura e muita velocidade, respectivamente; o centroavante, que requer força e precisão ao chutar, boa altura para dominar a bola no ar e velocidade para atravessar distâncias curtas e ultrapassar a defesa.

A constante criação de novos torneios de futebol coloca uma pressão muito grande no corpo dos atletas e as instituições de futebol extraem o máximo de mais-valia desses empregados. Mas é preciso haver consciência de que, apesar de ser considerado como uma máquina, trata-se de um instrumento de trabalho com uma existência finita. Conforme Redhead, 1986 e Evans, 1989 (*apud* Giulianotti, 2002: 145), pesquisadores italianos descobriram que os meninos que jogam futebol com regularidade, quando chegam à puberdade, têm probabilidade de ter forças reprodutivas mais fracas, particularmente em termos de quantidade mais baixa de espermatozóides. O corpo, considerado pelos dirigentes dos clubes como uma arma que o jogador deve usufruir para parar os adversários, ganhar posse da bola ou marcar gols resulta muitas vezes em violência contra o próprio corpo.

A cultura popular do futebol também continua exaltando jogadores que não correspondem a um modelo de corpo estereotipado altamente atlético, como o mais famoso “ponta” brasileiro, Garrincha, que deixava a defesa do time adversário deslumbrada, apesar da paralisia infantil que o deixou com a perna direita torta. A mitologia desenvolvida em torno desses jogadores de talento inato que triunfam sobre a debilidade física, sem dúvida pertence ao reino do heróico. Esses “corpos desviantes” são a prova irrefutável de que, por mais que o

clube tente, não é possível ensinar as habilidades excepcionais do futebol de maneira mecânica.

O atleta que é “descoberto” por um clube fica ligado a este por contrato, que substituiu o instrumento jurídico do “passe”, que vinculava o jogador ao clube pelo período de vários anos. Logo, o atleta, já em suas categorias de base, tem uma ligação desta natureza com a instituição, estando vinculado a este por, pelo menos, o tempo que durar este documento. Os clubes hoje preferem fazer contratos de cinco anos com os atletas das divisões de base, tornando assim este um instrumento vinculador do atleta com o clube. O rompimento deste com o clube que o revelou para o futebol, geralmente não é feito sem multas pesadas e ameaças por parte do clube em relação ao futuro do atleta.

Os motivos históricos reforçam o componente estrutural, já que em um clube cabe ao atleta “saber o seu lugar”, frase que denota uma estrutura altamente hierarquizada, com cada um ocupando o seu lugar dentro da estrutura social. É clássica, no futebol, a expressão “pombo com pombo, urubu com urubu”, demonstração inequívoca do caráter hierarquizante desta estrutura em que o “pombo”, no caso, são os que têm uma posição privilegiada (dirigentes e comissão técnica) e o “urubu”, o atleta, que jamais devem se misturar com os pombos sob a pena de ganhar, pelos outros jogadores, o rótulo de “traíra”, ou seja, aquele que compactua com os mandatários, donos do poder; o que “traí” a sua classe.

Passado mais de um século da difusão do futebol no Brasil, os preconceitos acerca do atleta que é profissional do futebol continuam vivos na memória da maioria dos dirigentes esportivos do nosso país e mesmo da grande massa torcedora e imprensa.

No aspecto dialético, ocorre, aparentemente, nos clubes de futebol, aquele fenômeno que DaMatta (1997: 81) denominou “inversão”, caracterizado pela comutação das dependências no futebol, em que os atletas, quando nas divisões de base, dependiam do corpo técnico para dar continuidade em sua carreira, e, ao passar para a categoria profissional,

verificam uma certa independência deste saber da comissão técnica, que, por sua vez, passou a ser dependente dos jogadores para garantir vitórias para o clube e, conseqüentemente, mais dinheiro e reconhecimento profissional. Para uma sociedade que não suporta enxergar o sucesso entre os menos favorecidos socialmente, trata-se de uma experiência desagradável, que provoca ciúmes, inveja e toda sorte de sentimentos negativos.

Grande parte dos jogadores de futebol do Brasil, apesar do rótulo de “melhores do planeta”, continuam sem conseguir confrontar o sistema estabelecido, configurando-se como uma entidade “jogador de futebol brasileiro” ainda sem noção real do seu papel. Fazem parte, assim, de outra grande entidade popular denominada povo, sem rosto e sem individualidade, que serve somente como nomenclatura para que os que comandam os destinos deste esporte no Brasil possam exercer sua atividade sem restrições de nenhuma ordem. Deste modo, o esquema se perpetua, pois mesmo aqueles que conseguem transcender a este papel de ‘jogador de futebol’ são, de maneira geral, alçados ao poder e repetem o esquema com os atletas sobre seu domínio⁷.

O palco continua o mesmo e o ritual nele se repete: num oásis de grama bordada com cal e cujo verde viçoso cede espaço à calvície apenas nesses lugares inexplicavelmente mágicos, demarcados por três pedaços de madeira envoltos em lingerie esvoaçante (Goldgrub, 1990). Nele, novos atores exibem um repertório inusitado, apesar da contaminação pelo espírito capitalista, em que seus clubes tornaram-se empresas ávidas pelo lucro e o marketing explora toda essa realidade, congregando toda uma constelação de organizações: federações, associações esportivas, conglomerados da mídia, operadoras de cartões de crédito e todo o tipo de empresa. Diante disso, onde fica o espírito esportivo?

⁷ É comum no futebol um ex-atleta fazer parte do grupo que dirige o clube e, deste modo, ser o sujeito que, por saber “como o atleta pensa”, tornar-se o dirigente mais temido pelo grupo de jogadores.

P r i m e i r o T e m p o

2 – JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

De acordo com Pichon-Rivière e Quiroga (1998: 49), o futebol, como todo fenômeno coletivo que mobiliza a opinião pública e as reações maciças, possui um lado manifesto e outro latente, passível de interpretação: “na medida em que a realidade social e histórica simultaneamente se revela e se oculta no cotidiano, em que um sistema social de representações ‘dá conta’ da vida cotidiana justificando-a, mostrando-a ao mesmo tempo como banal, o auto-evidente, o natural, o real por excelência, a vida cotidiana reclama uma crítica, ou seja, uma indagação que alcance o conhecimento objetivo das leis que regem seu desenvolvimento”.

A importância deste estudo reside em proporcionar novas perspectivas de investigação no campo da Psicologia Social, Organizacional e do Esporte, abordando o jogador de futebol pré-profissional de forma científica, indagando-o quanto às leis que regem sua configuração, a partir do estudo da dialética sujeito-contexto, necessidade-satisfação, (em que toda representação, significação e ideologia está ancorada), visando a desconstrução e reconstrução da marca que ele imprime socialmente.

Nesse sentido, o presente estudo justifica-se pelo fato do futebol ter grande representatividade social, comportando-se hoje como uma manifestação cultural que desencadeia desdobramentos consideráveis na sociedade brasileira. Por isso, ignorá-lo e à sua cultura significa passar por cima da própria história do país.

Diante disso, naturalmente emergem alguns questionamentos: Quais as raízes históricas do fato de esperarmos tanto do futebol? Existe uma estrutura simbólica permeando toda essa conjuntura? Como o jogador se percebe? Como percebe e interpreta o futebol? Que repertórios e operadores sociais constroem para lidar com esse fenômeno? O que está por trás da identificação heróica reconhecida na sociedade brasileira? O que magnifica o fenômeno da idolatria arraigado na sociedade? Como compreender o que motiva um jovem atleta a insistir nos treinos já que têm poucas chances de se tornar um improvável Ronaldinho?

O estudo das representações sociais revela alguns elementos importantes para compreensão das construções sociais e a apropriação que o sujeito faz destas construções. Spink (1999: 6) enfatiza o poder simbólico dos conteúdos representativos “cujo núcleo estrutura os discursos e os articula ao campo total das idéias e teorias que marcam um determinado período histórico”. Logo, ao buscar uma compreensão das representações sociais de futebol, a partir da referência do sujeito que vive tal realidade, pretende-se também entender sua influência sobre as práticas sociais dos jogadores, possibilidades identificatórias e processos de construção da sua identidade.

Desta maneira, considera-se o tema a ser desenvolvido como relevante, não apenas pela possibilidade de que ele venha trazer benefícios para a compreensão do nosso momento histórico acerca do fenômeno futebol, suas relações e essência dos conteúdos significativos, mas também pelo seu caráter de investigação científica, que servirá como subsídio para posterior intervenção social e/ou material para outras pesquisas.

Sendo assim, e considerando todo o exposto até então, destacam-se os objetivos propostos para este estudo:

❖ **Objetivo Geral**

- * Analisar as representações sociais sobre o futebol em jogadores iniciantes e sua influência sobre suas práticas sociais.

❖Objetivos Específicos

- * Identificar os fatores constitutivos da identidade do jogador de futebol iniciante;
- *Investigar o processo de identificações do jogador de futebol com personagens significativos, ídolos, heróis.

Intervalo Reggianaंतराल

3 – MÉTODO

A análise da literatura, no que se refere às diferentes possibilidades de coleta de dados, e o confronto dela com o problema definido e com os objetivos estabelecidos neste estudo permitiram a decisão por uma metodologia baseada em relato oral e entrevista semi-estruturada.

A escolha é justificada pela intenção em obter dados a respeito dos significados compartilhados pelos jogadores acerca do futebol, buscando-se delinear elementos do conteúdo das representações sociais de futebol no contexto de um clube de grande expressão no Nordeste, bem como identificar a influência destes elementos na identidade dos jogadores de futebol e nas suas práticas sociais.

O relato oral, caracterizado pela relação entre uma pessoa que pergunta e outra que, detentora da informação, responde à primeira, em comparação à observação e experimentação, é o meio mais rápido de se chegar às respostas para as questões desta pesquisa. Através das falas procura-se auferir a maneira como pensam, sentem, suas atitudes, crenças, expectativas e valores. Com isso, pode-se analisar além das descrições das ações, incorporando novas fontes para interpretação de resultados.

Pelo fato da conversação entre entrevistador x entrevistado não possuir uma única estruturação, podendo assumir uma diversidade de formatos, observa-se uma tendência

em dimensionar a estruturação da entrevista, como forma de acesso aos repertórios interpretativos.

Assim, optou-se pela entrevista semi-estruturada, caracterizada pelo levantamento de alguns tópicos a serem abordados ao longo da conversa, seguindo uma formulação flexível cuja seqüência fica por conta do discurso entre os sujeitos. As questões, neste caso, são abertas e devem estimular uma verbalização que expresse o modo de pensar ou agir dos entrevistados face os temas focalizados.

Quando se elege as representações sociais como objeto, a pesquisa define-se por um método qualitativo, referenciado na etnografia, que implica incursão em profundidade do investigador no próprio grupo e campo da investigação, o que exige certa perseverança e flexibilidade metodológica, desde que se observem as condições de produção e o material espontâneo que emerge na dinâmica de interações. Cabe ao investigador ser o próprio instrumento ou mediador para obtenção das informações desejadas.

Este método considera que todo acontecimento a ser investigado se enquadra dentro de uma abordagem teórica, que inclui uma história, uma cultura dentro de uma dada realidade social. Por isso a importância de se estudar o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, apreendendo os “significados” das falas, compreendendo as relações sociais entre os sujeitos e não apenas os fatos e as causas do comportamento, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto (Bogdan & Biklen, 1994).

O método deve dialogar com o referencial teórico e, assim, constituir-se como ‘eixo de sustentação’ da pesquisa para que o pesquisador saiba os caminhos a percorrer, estando preparado para uma análise epistemológica durante o processo. Assim, tanto o método, como estratégia, e a técnica, enquanto instrumento, devem ser planejados conforme a sua pertinência, coerência e relevância quanto ao objeto e objetivos da pesquisa. Por isso,

buscou-se a constante articulação entre a subjetividade do pesquisador e a intersubjetividade constitutiva do encontro entre pesquisador, informante e referencial teórico.

3.1. - REFERENCIAIS TEÓRICOS: ABORDAGENS EM USO

A perspectiva teórica do construcionismo social aliada a da genealogia da ética, em uma abordagem qualitativa de pesquisa, versa e multiplica-se pela produção do conhecimento no campo de análise das representações sociais e suas articulações quanto à identidade social de um grupo específico.

Para Farr (1998: 61), desde a virada do século passado, os principais expoentes das ciências humanas e sociais escreveram sobre o individual e o coletivo, porém, poucos conseguiram estabelecer seu inter-relacionamento, com exceção de George Mead e Sigmund Freud, que se destacaram na compreensão desta inter-relação.

Segundo Ciampa (1977: 19), a pergunta básica com que a psicologia social contemporânea tem se defrontado consiste em “como relacionar o indivíduo e a sociedade?”. A atualidade e a emergência da preocupação com a relação individual/social, para Ciampa (1998), explica-se pelo fato de que “ambos relacionam-se dialeticamente, derivando dessa relação o fenômeno da identidade”, já que o ser humano constrói e vive sua identidade dentro de condições materiais e históricas dadas, num processo contínuo de formação e transformação, e é neste contexto que emerge o fenômeno que ousamos compreender: a identidade humana.

Farr (1993 *apud* Sá 1998: 80) salienta que a teoria das representações sociais não privilegia nenhum método de pesquisa em especial, não estando, portanto, vinculada obrigatoriamente a nenhum deles, porém, “a prática articulada mais comum de pesquisa, quase o ‘Romeu e Julieta’ das representações sociais, combina a coleta de dados através de

entrevistas individuais com a técnica para o seu tratamento conhecida como ‘análise de conteúdo’ (Sá, 1998: 62)”. Nesse caso, a noção-chave de esquematização é descrita por Grize (1989 *apud* Sá, 1998: 87) como “a colocação em discurso do ponto de vista [representação] que um interlocutor A se faz, ou tem, de uma certa realidade R. Esta colocação em discurso é feita para um interlocutor (...) B em uma dada situação de interlocução (...)”. Essa é uma forma contextualizada de analisar a representação.

No caso desse estudo, a representação de um grupo social é investigada tomando-se o próprio grupo como sujeito. Para isso buscou-se uma fundamentação teórico-conceitual a partir da articulação entre os campos da identidade social e da representação, pretendendo-se ampliar o olhar sobre o jogador de futebol a partir das percepções daquele que vivencia em sua pele, em seu corpo, a temática em questão, considerando-os, portanto, como produtores do seu próprio saber.

A intenção de se promover esta pesquisa a partir dos discursos dos sujeitos se faz pela coerência ética, pelo reconhecimento de um sujeito de desejos, capaz de falar por si mesmo, enunciando suas próprias condições e conflitos. Afinal, é através da representação, que novas identidades são constantemente afirmadas e reivindicadas. Só se têm identidades quando há alguém que as reivindique com empenho e fervor.

Woodward (2000 *apud* Pedro, 2002) sugere que, “nas últimas décadas, estão ocorrendo mudanças no campo da identidade que chegam ao ponto de produzir uma crise de identidade, o que implica a necessidade de se examinar a forma como são formadas e os processos que estão aí envolvidos, além da análise sobre em que medida as identidades são fixas ou, de forma alternativa, fluídas e cambiantes”. “A existência de uma nação é, com o perdão da metáfora, um plebiscito diário, da mesma forma que a existência de um indivíduo é uma afirmação permanente da vida” (Ernest Renan *apud* Maurício, 2003).

Abrie (1984 *apud* Sá, 1998), assim como Jodelet (1984), considera o papel da entrevista em profundidade como um importante método de levantamento das representações, defendendo a necessidade de se fazer boas perguntas aos sujeitos. Mas, como Moscovici (2003: 18) considera sua abordagem como uma “teoria em construção” é importante também destacar o papel da pesquisa empírica nestes estudos.

Foram utilizadas algumas perspectivas de estudo delineadas por Jodelet (1984 *apud* Sá, 1998), que visam acentuar os aspectos significantes da atividade representativa. Partindo da noção básica de que uma representação social é uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto, Jodelet (1984) consegue conferir uma feição mais objetiva à retórica de Moscovici (1976 *apud* Sá, 1998: 68) sobre a teoria das representações sociais, mantendo a necessidade, proposta por ele, de assegurar uma ampla base descritiva dos fenômenos que a caracterizam, para que haja uma contínua elaboração da teoria.

Assim, propõe três perguntas que podem então ser formuladas acerca desse saber: “quem sabe e de onde sabe?”, cujas respostas apontam para o estudo das condições de produção e circulação das representações sociais; “o que e como se sabe?”, que corresponde à pesquisa dos processos e estados das representações sociais; “sobre o que se sabe e com que efeito?”, o que leva a uma ocupação com o estatuto epistemológico das representações sociais.

A fórmula proposta por Moscovici (1976 *apud* Sá, 1998: 68) e endossada por Jodelet (1984) de que “toda representação é uma representação de alguém [o sujeito] e de alguma coisa [o objeto]” enfatiza a ligação necessária do objeto de representação a um determinado sujeito. Assim, considerando-se a natureza construtivista pretendida pela teoria, a representação seria um sistema simbólico socialmente construído e o objeto seria construído pela representação.

Para gerar representações sociais o objeto deve ter suficiente relevância cultural ou espessura social. Na construção do objeto de pesquisa, torna-se essencial a investigação da correspondência existente entre o pensamento social, ou seja, as representações, e as práticas sociais da população estudada. Para Sá (1998), como modalidade de pensamento prático, as representações são “alguma coisa que emerge das práticas em vigor na sociedade e na cultura que as alimenta, perpetuando-as ou contribuindo para a sua própria transformação”.

Como qualquer pesquisa em representações sociais, este estudo ocupou-se também dos suportes pelos quais elas são veiculadas (o discurso ou o comportamento dos sujeitos, documentos, práticas, etc), para a partir disso inferir seu conteúdo e estrutura, além de analisar os processos de sua formação, de sua lógica própria e de sua eventual transformação. Seguindo este processo, entende-se porque as representações são realimentadas socialmente, mantendo-se enquanto se transformam ou transformando-se enquanto se mantêm.

O discurso do jogador é considerado como produtor de sentidos, já que exprime os significados que atribuem à sua experiência no mundo social, avaliando sua dimensão de contexto e de pertencimento. Assim, essa representação produzida pelo sujeito reflete as normas institucionais que decorrem de sua posição ou as ideologias ligadas ao lugar que ocupa.

A categoria identidade propicia refletir sobre as metamorfoses humanas, no sentido de apreender significados objetivos e subjetivos do diálogo de sujeitos em suas transformações psicossociais, inspirado na busca de conceitualizações que contemplam a dialética entre o psicológico, o social e o simbólico, já que, conforme Woodward (2000 *apud* Pedro, 2002), “o social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, porém, necessários para construção e manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio

pelo qual damos sentidos a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações são “vivas” nas relações sociais”.

Na condução dessa pesquisa ocupou-se explicitamente de uma modalidade de saber sobre o universo do futebol, gerada através da comunicação na vida cotidiana, tentando criar artifícios de transformação do não-familiar em familiar, pelo qual se explica a formação das representações sociais.

O tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. Todo meio de representação: escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação, deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. Se no plano do sujeito se incluem o imaginário, as emoções, o desejo, as representações sociais são um dos seus componentes. Elas possuem uma dinâmica própria e acompanham o caráter contingente das subjetividades.

Em função disso, admite-se que a pesquisa em representação social trata-se quase de uma arte, “cujo domínio não pode ser alcançado senão através da própria prática social da pesquisa” (Sá, 1998).

SEGUNDO TEMPO

4 – PROCEDIMENTOS

4.1. - SUJEITOS E LOCAL

Os sujeitos da pesquisa foram 10 (dez) jogadores de futebol da divisão de base de um clube de grande expressão no Nordeste, cuja sede está situada em Salvador - BA.

Costuma-se chamar de Divisão de Base nos clubes de futebol às categorias pré-profissionais, que não se encontram na situação de amadores, pois recebem treinamento específico e uma ajuda de custo. No clube estudado, é reconhecida como fator preponderante do sucesso do clube, sendo considerada entre as quatro de maior projeção no mundo, devido às participações em competições e títulos conquistados no exterior.

O clube conta com dez divisões, com cerca de 30 jogadores em cada. Assim, a quantidade de sujeitos foi definida em 10, num montante de 60, por se entender que em função das características dos jogadores iniciantes, em relação à totalidade da categoria, aumentar esse número acarretaria numa repetição e saturação dos dados.

Os sujeitos foram escolhidos de forma aleatória, tendo como único critério de exclusão não fazerem parte das categorias júnior e juvenil que compõem a divisão de base. Definimos estas categorias para investigação devido à idade (maiores de 16 anos) e possibilidade de maturidade dos atletas para responderem às perguntas.

A escolha do clube deve-se ao fato de já terem sido realizados no mesmo outros dois estudos relacionados ao foco deste, o que se configura como uma continuidade investigativa na área (Ribeiro *et al.*, 2001, Ribeiro & Kodato, 2002), além de caracterizar uma escolha por conveniência, já que o pesquisador tem residência fixa na cidade de origem do clube.

Para Minayo (1999), o processo de investigação prevê incursões ao campo antes do trabalho mais intensivo, o que permite o fluir da rede de relações e possíveis ajustes no planejamento da coleta de dados.

A partir da incursão do investigador no campo da investigação (clube), mediante a anuência da administração do respectivo clube, previamente informada, os sujeitos foram contatados e convidados por ele a participar do estudo.

Foram requisitados alguns minutos do tempo de descanso deles para, individualmente, explicar-lhes sobre a atividade desenvolvida, a fim de sensibilizá-los a participar, visando: menção à instituição a qual está vinculada; explicação dos motivos da pesquisa em linguagem de senso comum, em respeito aos que não dominam os códigos das ciências sociais; justificativa da escolha deles como entrevistados; os objetivos do estudo e todas as etapas subsequentes ao mesmo.

4.2. - INSTRUMENTO

A investigação transcorreu no interior de uma ordem de fenômenos considerados pertinentes à análise das representações. Para isso, foi elaborado um roteiro para a entrevista semi-dirigida (anexo 4), a partir de dois grandes conjuntos de tópicos:

a) Tópicos ligados ao modo como o sujeito pensa e sente o esporte, o universo do futebol, a importância atribuída pelo brasileiro a esta modalidade de esporte, o 'jogador de

futebol' como profissão e a carreira do entrevistado no mundo do futebol, desde sua infância até a atualidade, incluindo os planos e sonhos para o futuro. Inicialmente são trazidas questões mais gerais sobre o tema, além do dia-a-dia dele com o futebol, responsáveis pelo aquecimento do entrevistado para falar sobre o tema.

b) Tópicos mais direcionados ao foco do estudo, como a questão da identidade (auto-percepção), o indivíduo x o jogador, personagens, anonimato x fama, a idolatria, o herói, a mídia, o papel do jogador de futebol, reconhecimento, opiniões, pretensões, expectativas, estereótipos, sentimentos, imagens, queixas, etc. Neste conjunto há especialmente um tópico destinado às considerações adicionais que o participante julgar pertinente e que não tenham sido tratadas.

Os tópicos foram formulados precisamente para ir além da espontaneidade, em direção ao que por várias vezes não é comumente dito, o que levou a uma análise temática previamente estabelecida através do roteiro.

Foram utilizados um gravador para registrar as falas, fitas cassetes, cópias do roteiro, papel, caneta e lápis.

4.3. - COLETA DE DADOS

Após o contato do pesquisador com os sujeitos convidados a participar da pesquisa, conforme descrito no item “sujeitos e local”, sua respectiva anuência e assinatura da carta de consentimento (anexos 2 e 3), iniciou-se a coleta dos dados, aqui dividida em 3 momentos:

1º momento: Observação

O observador “traz com ele um conjunto de estruturação de significado ou de relevâncias que orientam sua interpretação. Então, o cientista social precisa, ao mesmo tempo em que dá conta dos significados dos atos do ator social, manter atitude desinteressada em relação ao ator e à cena de ação” (Cicourel, 1990: 96-99). Ele é parte do contexto sob observação e por isso vai, ao mesmo tempo, modificando e sendo modificado.

Para esta pesquisa, o trabalho de campo foi exercitado pelo pesquisador enquanto um observador-como-participante (Cicourel, 1990). É uma postura adotada em estudos em que se utiliza a entrevista numa visita, para então observar. Os envolvidos, observador e, principalmente, observados, estão conscientes dos papéis de cada um e de que se trata de uma relação de campo, de pesquisa. Dessa forma, o pesquisador minimiza os problemas decorrentes sobre “fingir papéis”, porém, como o contato com o informante é curto, podem acontecer algumas incompreensões por ambas as partes (observador e observado) em relação aos significados apreendidos.

Neste contexto institucional, a observação por parte do pesquisador se deu desde o primeiro momento em que teve oportunidade de freqüentar o ambiente do clube, ou seja, desde o primeiro contato com a administração do local, a partir do qual pôde vivenciar, a cada visita, sua dinâmica cotidiana, buscando se aproveitar dos momentos de interação investigador-investigado, para entender como os sujeitos constroem a consciência de sua condição atual e como comportam-se diante de um pesquisador que não faz parte do seu grupo de referência.

A observação prossegue pelos outros momentos da coleta de dados (descritos abaixo), principalmente no que se refere à postura do sujeito ao longo da pesquisa, contando com o recurso do diário de campo, em que foram registradas algumas notas de campo e

reflexões do pesquisador, já que “o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da coleta” (Bogdan & Biklen, 1994: 150).

2º momento: Conversa Inicial ou “Aquecimento”

Numa sala destinada ao atendimento do serviço social, (onde normalmente encontra-se uma senhora, que, dentro do clube, assume um cargo carinhosamente chamado de “mãe social”, que serve de ponte entre os jogadores e suas famílias), o responsável pela divisão de base do clube reservou um espaço que dispunha de mesa, cadeiras, ar condicionado e tranca na porta, para que a pesquisa fosse realizada com privacidade. O pesquisador recebeu, individualmente, os sujeitos convidados anteriormente a participar da pesquisa, conforme data e horário agendados com cada um deles, de acordo com a disponibilidade de tempo livre, para que os treinos não fossem comprometidos.

Com o entrevistador em campo, pretendia-se, através deste contato, inicialmente, reafirmar o interesse do jogador na participação da pesquisa. Também foram esclarecidos os objetivos do estudo e salientou-se a sua concordância em participar do mesmo. Além disso, foi garantido ao participante o anonimato da entrevista e a garantia de sigilo sobre a autoria das respostas que aparecessem no conjunto do trabalho.

3º momento: Entrevista Individual

Visando a obtenção de informações necessárias para a pesquisa, em que o discurso é tido como fonte de informações para compreensão de como os entrevistados interpretam aspectos do mundo, a entrevista necessita de um enquadramento definido pelas instâncias de tempo, lugar e papel técnico do entrevistador, e tem por excelência a construção da relação investigador - sujeito. Segundo Bleger (1989), a configuração deste campo fica

exposta às circunstâncias deste processo: transferência, contratransferência, ansiedade, tempo da entrevista, possibilidade de tornar a relação um jogo do saber-poder sobre a informação. Desta forma, o entrevistador deverá assumir uma posição de escuta, de vivência e de observação sobre o(s) entrevistado(s) para compreender a configuração dada neste momento.

Neste estudo, buscou-se capturar as práticas discursivas dos entrevistados, reconhecidas como uma “ação situada e contextualizada, por meio da qual se produzem sentidos e se constroem visões da realidade” (Pinheiro, 2000: 185), compreendendo as vozes, o enunciado, os repertórios interpretativos e o tempo vivido, onde se configura o ‘habitus’ do sujeito transversalizado pelo tempo longo que é o histórico, institucional.

Após o “aquecimento”, iniciou-se o processo de entrevistas individuais, com duração de uma hora e trinta minutos. Neste momento, os esclarecimentos por parte do pesquisador eram referentes à abordagem utilizada, de acordo com uma linguagem do senso comum, evidenciando-se tratar de uma pesquisa que visa compreender como estes atletas definem o futebol, apreendendo os significados e representações construídos acerca dele e analisando as repercussões sobre suas práticas sociais e identidade.

O pesquisador julgava estar diante de um entrevistado mais tranquilo quanto aos riscos da sua participação e mais acostumado com o papel que estaria assumindo naquele momento: um jogador – sujeito de uma pesquisa científica. Seu principal objetivo era possibilitar, a cada jogador em questão, o aproveitamento do tempo da entrevista para refletir acerca do futebol e seu universo, de forma prazerosa. Por isso, tentou deixá-los bem à vontade, tornando aquele momento o mais agradável possível, já que tinha consciência de estar realizando a pesquisa no horário do tempo livre do jogador, geralmente aproveitado por eles para o lazer.

Minayo (1993: 108) dispõe o tipo de entrevista utilizado neste estudo como “entrevista semi-estruturada que combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, onde

o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisado”.

A entrevista, enquanto técnica que privilegia a escuta da realidade vivida pelo sujeito (Bogdan & Biklen, 1994), considera a palavra como portadora de códigos e valores culturais, já que, na relação pesquisador/pesquisado, existem implicações sócio-políticas, culturais e ideológicas da prática em jogo. A fala, segundo Minayo (1993), possui caráter histórico e social, cuja comunicação revela um território discursivo determinado pelas relações de produção e estrutura sócio-política. A configuração do campo de entrevista deve ser observada pelo entrevistador quanto às influências e diferenças de dois mundos que se encontram.

Como desvantagens desta técnica, consideram-se: a de não conseguir totalidade no repertório de condutas das pessoas; não poder substituir e nem excluir outros procedimentos, porém estes últimos não podem prescindir da entrevista; a configuração da entrevista se dá em um campo dinâmico, sujeito a mudanças, e que a observação se deve estender do campo específico, existente em cada momento, à continuidade e sentido destas mudanças.

Através das entrevistas, os sujeitos pesquisados relataram suas histórias de vida, de modo a se posicionar e produzir coerência discursiva quando tiveram que recolher e processar narrativas que foram lhes dando identidade, sentidos à existência.

A apresentação da entrevista aos sujeitos, a mediação exercida (esclarecimentos sobre quem é o sujeito da pesquisa, quais os objetivos e as condições do encontro), a própria negociação entre as partes e a entrevista em si constituíram-se enquanto objetos para a técnica da observação participante por possibilitarem a leitura de uma linguagem dos posicionamentos (identidades, multiplicidade de personagens, tons, figuras e vozes destes contextos).

4.4. - ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados referenciou-se no procedimento da pesquisa, como um instante em que se realiza a análise do discurso. A fala do sujeito é considerada objeto de interpretação e sua narrativa implica em uma prática discursiva, já que a realidade se constitui a partir das interações entre os sentidos localizados e produzidos em seu cotidiano.

Os discursos obtidos nas entrevistas foram analisados através do método de Associação de Idéias, sistematizado por Spink (1993: 101). Segundo a autora, esta técnica tem sido favorecida especialmente por se prestar à análise multiflexível, que permite superar um dos problemas mais sérios das análises de conteúdo, ou seja, o caráter hermenêutico das interpretações. Spink propõe os mapas de associação de idéias, que tem por objetivo “sistematizar o processo de análise das práticas discursivas em busca dos aspectos formais da construção linguística, dos repertórios utilizados nessa construção e da dialogia implícita na produção de sentidos”. De acordo com Moscovici (2003), a compreensão das representações sociais só é possível a partir da descrição cuidadosa de sua estrutura e evolução em distintos campos.

Para análise das entrevistas, foram utilizadas etapas consolidadas por pesquisas nessa área e sistematizadas por Guareschi (1993):

1. Registro sistemático e rigoroso das anotações, das observações e das fitas gravadas.
2. Leitura e escuta flutuante do material, destacando: a) os temas emergentes; b) a construção do discurso em suas contradições, lapsos, silêncios, pausas, indícios da dinâmica afetiva.
3. O pesquisador deixou-se impregnar pelos dados, fazendo repetidas leituras das falas dos sujeitos, alternando entre uma análise mais imediata do conteúdo expresso e uma leitura das relações que se evidenciavam.

4. Definição das dimensões da análise através dos temas emergentes em torno dos quais circulam os conteúdos das entrevistas, em função do referencial conceitual e da realidade estudada.

A cada etapa o pesquisador se sentia mais familiarizado com o campo de estudo, visando a percepção sobre o afloramento de sentidos diante dos dados coletados e, ainda, confrontando bases teóricas dispostas na literatura sobre o assunto.

1- A partir das dimensões, construção de mapas que transcrevessem toda a entrevista, respeitando a ordem que os conteúdos apareceram no discurso, ou enquadrando-os dentro de tais dimensões.

Na pesquisa proposta, estes mapas permitiram a visualização da associação de idéias entre as dimensões e também entre as múltiplas idéias e imagens presentes em uma dimensão.

2- Discriminação de unidades de significado na perspectiva psicológica, tendo como foco o fenômeno pesquisado.

Buscou-se a organização dos conteúdos e o entendimento de seu uso no cotidiano.

3- Sintetização das associações, denominadas ‘núcleos temáticos’, constituída pelo estabelecimento de tópicos e temas, que dão seqüência a uma narrativa cujo aporte foi a literatura e as próprias falas dos sujeitos, agrupadas e ressignificadas.

4- Sintetização das unidades de significado e das representações sociais, estabelecendo relações entre elementos cognitivos, comportamentais e investimentos afetivos.

A linguagem falada é extremada de gestos, pausas, expressões corporais e hábitos de linguagem como: “né?”, “tá?”, “entendeu?”, “pô”, que dificultam seu perfeito entendimento depois que ela é transcrita, por isso, foram respeitadas idiossincrasias de linguagem dos entrevistados e, muitas vezes, foi mais fácil entender o que o entrevistado queria dizer através da escuta.

Neste processo entre um que quer conhecer e o outro que pode se fazer conhecido, ambos direcionaram-se à luz das vivências e da produção de sentidos sobre a iniciação ao futebol.

DISPUTA DE PENALTIS

5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mais importante do que a ciência é o seu resultado,

Uma resposta provoca uma centena de perguntas.

(Moreno)

5.1. - CONTEXTO INSTITUCIONAL: O VITÓRIA S/A - PANORAMA HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO: SEUS MITOS FUNDADORES

Há 105 anos atrás, os irmãos Arthur e Arthêmio Valente, membros de uma família tradicional da Bahia, resolveram, após concluírem os estudos na Europa, juntar-se com 17 amigos, amantes do futebol, e fundar um clube de futebol, esporte até então inglês, em solo baiano. A data de fundação do então Clube de Cricket Victoria foi 13 de maio de 1899, dia em que se comemora a libertação dos escravos, data de grande simbolismo para a nação brasileira. Esta metáfora de brancos elegendo uma data da libertação dos negros representa a ambivalência do futebol no Brasil, que nunca foi originalmente um esporte de brancos.

Até hoje essa condição aristocrática e simultaneamente “escrava” do clube inspira muitos torcedores fanáticos a dizerem que “tudo no Vitória tem que ser na base do sofrimento”. Não foi à toa que o apelidaram de “Leão da Barra”, já que o leão é um símbolo de valentia, característica aclamada pelos torcedores do clube em relação aos seus atletas, e

Barra se referia ao nome do bairro onde se encontrava a sede do clube no começo de suas atividades, entre os bairros da Graça e Corredor da Vitória. O próprio sentido da palavra vitória também é carregado de simbolismos: a vitória da união de todos em torno de um só objetivo; a vitória da solidariedade sobre o individualismo; a vitória da fé sobre a descrença e, naturalmente, a vitória esportiva, conquistada de forma digna, na luta de todos dentro de campo.

Carregado por sua origem mítica, e graças ao seu apelido, o animal leão foi escolhido como mascote do clube e é ostentado nos estádios, em réplicas de pelúcia, por torcedores fervorosos em dias de partida do time que o representa. Para Chevalier & Greerbrant, autores do Dicionário de Símbolos (1999), ao leão é atribuída a simbologia do Pai, Mestre, Soberano, Rei, de encarnação do poder, sabedoria, justiça, orgulho e confiança em si mesmo. Pode ser alvo de admiração ou antipatia: dois pólos em que oscilam suas numerosas acepções simbólicas, como a associação feita no Extremo Oriente, assim como os dragões no Japão, à proteção contra influências maléficas.

Apesar de exaltado como um dos cinco primeiros clubes que surgiram no Brasil com a finalidade de praticar o futebol, juntamente com o Paulistano - SP, o Palestra Itália - SP, o Pelotas - RS, o Flamengo e o Vasco da Gama, no início das suas atividades, não era voltado exclusivamente para o futebol. Os esportes amadores eram uma de suas marcas, tendo inclusive, o clube, participado da fundação das federações dos mais diversos esportes, como remo, basquete, natação e vôlei. Entretanto, era o futebol que estimulava mais o público e que rendia maiores dividendos.

Deste modo, o Vitória foi, aos poucos, dando prioridade a este último, no qual já conquistou mais de 100 títulos, em todas as suas categorias. Se o futebol profissional é hoje o “carro-chefe” do Vitória, durante muito tempo foi o remo que proporcionou as maiores

alegrias aos simpatizantes e torcedores do clube, antes mesmo da fundação da sua primeira equipe de futebol profissional.

O primeiro time de futebol do Vitória estreou em 22 de maio de 1899, contra o Internacional Sport Club. O adversário era formado por marinheiros em visita a Salvador e a partida aconteceu no bairro do Campo da Pólvora. Foi uma estréia gloriosa, com o Vitória vencendo por 3 x 2. Dois meses depois, as cores originais - preto e branco - foram trocadas pelas cores atuais: preto e vermelho. Em 1905, 1º Campeonato Oficial de Futebol na Bahia, o clube estreou no futebol profissional. Sua primeira ata consta do mesmo dia da fundação, quando foi eleita e empossada a sua primeira diretoria, formada pelo maior idealizador, Artêmio Valente, como presidente; Adolfo Irineo dos Santos, secretário; Augusto Francisco Lacerda, tesoureiro; e Fernando Kock, diretor de Cricket, que hoje seria o de futebol.

Estava reunido um grupo forte, formado pelos mais representativos jovens da sociedade baiana, a maioria deles atletas, e o primeiro jogo foi contra o Sport Club Internacional, formado às pressas por outros jovens integrantes da tripulação de navios ingleses que estavam no Porto de Salvador, porque futebol não se faz sem adversários. O Vitória perdeu a sua primeira batalha por 3 x 2, mas, na revanche, venceu por 2 x 0. Nos cinquenta anos seguintes, o Vitória cresceu muito mais em outras modalidades esportivas, a exemplo de basquete, cricket e remo.

Em 1908, depois de um trabalho organizado pelos seus diretores, que eram os próprios atletas do clube, o Vitória conquistou o seu primeiro título estadual de futebol: o Campeonato Baiano, repetindo o feito em 1909. De 1913 a 1919 e nos anos de 1930, 1931 e 1937, o Vitória ficou afastado de competições, mas em 1938 voltou ao cenário, mesmo que atuando com equipes praticamente amadoras.

Foi a partir de 1920, com a inauguração do primeiro estádio de futebol construído em Salvador – BA, denominado Estádio Arthur Moraes, popularmente chamado de

Campo da Graça, por estar localizado no bairro da Graça, que começou a “Era Graça”. Todos os jogos programados pela Liga Baiana de Desportos Terrestres, denominada, depois, Federação Baiana de Desportos Terrestres por imposição do Conselho Nacional de Desportos, foram transferidos para lá, de 1920 a 1952.

O rubro-negro armava equipes de alto padrão técnico, mas por várias vezes viu o título de Campeão Baiano fugir-lhe por falta de sorte ou pelas ditas “forças ocultas” conhecidas pelos baianos. Muitas vezes era necessário apenas um empate para a conquista do campeonato, mas acontecia algo que o impossibilitava chegar ao título, mesmo conseguindo vitórias em campeonatos de categorias secundárias ou sobre equipes de outro centro, que não da Bahia. Até que os torcedores mais fervorosos criaram um mito de que o Vitória não venceria Campeonato Baiano enquanto jogasse no Campo da Graça, daí a atribuição de “Era da Graça” a este período.

Em 1935 surge o Esporte Clube Bahia, principal rival do Vitória nos anos vindouros. Este clube nasce da fusão dos departamentos de futebol do Clube Baiano de Tênis e da Associação Atlética da Bahia, com o objetivo principal de conquistar títulos no futebol e, com isto, o Bahia realmente se tornou o clube com mais conquistas alcançadas. Nesta época, o principal rival do Bahia era o Ypiranga, mas, este, devido a diversas brigas internas, acaba perdendo seu prestígio, dando vazão a um vácuo no futebol baiano. A falta de um rival para o Bahia coloca em risco a continuidade deste esporte no estado e, com isto, o Vitória assume o posto deixado pelo Ypiranga e torna-se desta maneira o rival necessário para o tricolor (azul, vermelho e branco são as cores do Bahia).

Em janeiro de 1951, foi inaugurado às pressas o Estádio Otávio Mangabeira, no final da vigência do governador Mangabeira, ainda em fase de acabamento. Também conhecido pelos baianos como Fonte Nova, por situar-se no bairro de mesmo nome, foi sede de jogos oficiais do Campeonato Baiano, simultaneamente com o velho Campo da Graça, até

que as obras fossem concluídas. Em 1953, a competição foi toda ela disputada naquele estádio e o Vitória aproveitou para acabar com a “urucubaca” vivenciada no Campo da Graça.

Houve grande esforço por parte do presidente do clube em montar uma bela equipe para a conquista do título tão desejado, contratando jogadores famosos em vários centros do país para reforçar seu time, que já dispunha de alguns craques atuantes no Vitória em outras temporadas. Estava assim montada uma das melhores equipes já apresentada pelo Leão da Barra, o que lhe proporcionou a conquista do campeonato baiano de 1953, quebrando um jejum, desde 1909, sem títulos em campeonatos estaduais de categoria principal. Daí por diante o Vitória percorreu uma gloriosa trajetória, ostentando grandes triunfos.

Até os anos 90 o Vitória era popularmente conhecido como o “saco de pancadas” do Bahia, seu rival histórico. Mas, no final da década de 80, com o surgimento de lideranças fortes e um verdadeiro pacto entre as estâncias que compõem o clube, ocorre a conquista de três títulos baianos de Futebol Profissional: 1980 1985 e 1989. A nova ordem era aproveitar a prata da casa, ou seja, investir na estruturação da Divisão de Base. Era o final da fase de importação ostensiva de craques, em que o clube optava por trazer jogadores para formar os times. Revelações da Divisão de Base do Vitória partiram para uma carreira de sucesso em grandes times do Brasil e exterior. Jogadores como Dida, hoje no Corinthians, Rodrigo e Vampeta, atualmente no Vitória, Júnior, no Palmeiras, Alex Alves e Paulo Isidoro, no Cruzeiro.

Ao longo dos anos, a Divisão de Base tornou-se fonte permanente de recursos e glórias para o time. Conquistou 29 títulos nacionais e sete internacionais, em sete categorias, inclusive a prestigiada Dallas Cup de Futebol Júnior, duas vezes. A década de 80 também foi marcada pela presença do nigeriano Ricky, o primeiro estrangeiro a brilhar no Vitória. Ele conquistou o coração rubro-negro e os torcedores lhe deram o título de Rei. Uma década

inesquecível para os torcedores do Vitória. O clube foi campeão em 1990, 1992 e conquistou o primeiro tricampeonato estadual em 1995, 1996, 1997.

Em 1997, o Vitória apostou alto e trouxe de volta à Bahia o craque Bebeto, revelado pela Divisão de Base, no início da década de 80. O atacante Túlio, três vezes artilheiro do campeonato brasileiro, também foi trazido para reforçar a equipe rubro-negra. No final de 1997, o clube foi buscar um craque no futebol europeu: Petkovic. O sérvio deixou o Real Madrid, da Espanha, para enlouquecer os zagueiros adversários e dar alegria à torcida rubro-negra, com belos gols.

Em junho de 2000, o clube formou uma sociedade comercial com o Excel Group – Fundo de Pensão americano – um dos maiores grupos empresariais da América Latina, deixando de ser o Esporte Clube Vitória, se transformando numa multinacional do futebol: o Vitória S/A, uma empresa sociedade anônima de capital fechado, para gerir os negócios do esporte mais difundido do mundo.

Dentre o patrimônio do Vitória está o Estádio Manoel Barradas, quinto maior estádio particular do Brasil (dimensões: 105 m x 70 m), conhecido popularmente como Barradão, onde o Vitória conquistou boa parte dos seus títulos, incluindo os inéditos Tri-Campeonato Nordestino (97-99-03) e Tri-Campeonato Baiano (95-96-97). O nome do Estádio é uma homenagem ao ex-presidente do clube, o Sr. Manoel Barradas, que comandou pessoalmente as obras de construção da maior realização do Esporte Clube Vitória. Sogro do então Governador do Estado da Bahia, Manoel Barradas em muito influenciou na liberação de verbas estatais para a construção do Barradão, inaugurado na gestão do presidente José Rocha (1983-1986), sendo posteriormente ampliado na gestão do presidente Paulo Carneiro (1988-atual), em que recebe um melhoramento (iluminação, placar eletrônico e novo traçado das vias externas). Este patrimônio é a solidificação do "sonho rubro-negro".

De sua fundação até hoje, reconhecido como Utilidade Pública (Lei 8817 de 21.02.1934), o Esporte Clube Vitória tem sido celeiro de craques e realizações. Ao completar 105 Anos de glória, o Vitória está em perfeita sintonia com os novos tempos. Tornou-se um clube moderno, organizado, com estrutura ágil e eficiente. Hoje, o "Leão da Barra" está preparado para enfrentar os desafios de um novo milênio e pronto para mais um século de vitórias.

A Divisão de Base

O trabalho com os garotos faz com que o Vitória seja hoje, no Brasil, o clube que melhores resultados tem nestas divisões. Comparando o confronto direto com outras agremiações que formam o “Clube dos Treze”, encontra-se uma vantagem indiscutível do rubro-negro baiano.

Em 1992, o Vitória definiu priorizar sua divisão de base, desenvolvendo um trabalho ousado e assumindo a formação dos futuros atletas para o futebol profissional. Hoje, o clube tem um gasto mensal de R\$ 500.000,00 (Quinhentos mil reais) com investimentos na divisão de base, de onde muitos jogadores já saíram em direção a outros grandes clubes do Brasil e do mundo.

Em 99, sua categoria infantil ficou entre as quatro melhores do mundo na *Nike International Cup*, que reuniu 100 mil atletas de 60 países. Em 2001, venceu este torneio. “É uma competição muito difícil, com as melhores equipes de Sub-15 do mundo, os campeões de cada país participante. Esta copa pode ser comparada a um mundial, já que agrega os melhores times dos cinco continentes”, declarou Newton Mota, supervisor da divisão de base do Vitória em 2001.

Para esta competição, a seleção dos participantes é feita através de uma sucessão de disputas eliminatórias, onde somente o campeão de cada país adquire o direito de participar. Ou seja, as equipes que participaram dessa competição venceram a etapa nacional disputada em seus respectivos países, como o Vitória, que eliminou equipes como a do São Paulo, Flamengo, Grêmio, Santos, etc. A final da etapa brasileira envolveu 12 times que disputaram a competição na capital paulista no início do ano. O jogo que decidiu o mundial sub-15 contra o *River Plate* da Argentina, vencido pelo Vitória por 2 x 1 no *Golden Goal*, está para a categoria, como a final do Mundial Interclubes está para o futebol profissional.

“Nossos garotos crescem dentro do Vitória participando de competições, viajando para o exterior e convivendo com títulos. Este é o caminho para se tornarem vencedores”, afirmou Joel Martins, ex-diretor do Futebol Amador (Revista Esporte Clube Vitória, 2000: 28).

Formar atletas exige um trabalho amplo. Os resultados são reflexos não apenas da rotina de treinamentos físicos e táticos e do desempenho individual dos jogadores, mas da atuação também dos chamados profissionais de “bastidores”. São eles que observam e fazem o acompanhamento dos jovens, no que tange a determinados aspectos, como relações interpessoais e sociais que eles mantêm dentro do clube e questões relacionadas a comportamento e saúde. A divisão de base conta com uma equipe multidisciplinar de aproximadamente 75 profissionais (técnicos, preparadores físicos, nutricionistas, fisioterapeutas, assistente social, psicólogo, médicos, odontólogos, e, ainda, uma mãe social, que acompanha os atletas em caso de internação hospitalar, consultas ou exames laboratoriais).

Para selecionar os futuros atletas, o clube conta com os chamados “olheiros”⁸ em diversas regiões do país, analisando garotos com idade a partir dos dez anos. Hoje o clube possui 5 “olheiros” contratados e outros que ganham por indicação. Há também os torcedores e amigos que atuam como informantes.

Para se ter uma boa divisão de base é necessário bons olheiros, fazer testes constantemente nas mais diversas faixas etárias. Todo dia tem um garoto se tornando craque. O desafio é encontrá-lo. A revelação tem quatro momentos: busca, recepção, desenvolvimento, aproveitamento ou negociação. A preparação envolve tudo: alimentação, acompanhamento médico, treinamento e escola. Quanto mais cedo começar o trabalho com o atleta, melhor será seu desenvolvimento. Seguimos o perfil do futebol moderno: jogadores com corpo esguio, pernas compridas e velozes. Declarou Newton Mota, Superintendente das Divisões de Base do Vitória (Revista Esporte Clube Vitória, 2000: 29).

Os testes aos quais os garotos são submetidos para ingressar no clube são popularmente chamados de “peneiras”⁹ e supervisionados por pessoas capacitadas e atentas. Na Bahia acontecem de quatro a oito testes por mês, enquanto que em São Paulo e no Paraná são apenas dois mensais. Quase mil atletas são testados por semana e dos que são submetidos a essas “peneiras” poucos permanecem na seleção final, feita de forma criteriosa.

Quando aprovados nos testes, alguns atletas passam a morar na concentração do clube, dividindo o quarto com pelo menos quatro garotos. Em cada quarto há uma televisão e um vídeo game, geralmente de propriedade de um dos garotos que está no clube há mais tempo. Do clube, recebem todo apoio, já que a família não está próxima. A assistente social é responsável por buscar vagas em escolas públicas e participar de reuniões e visitas periódicas às escolas. Todos os atletas do Vitória estão matriculados e dispõem de um carro disponível para transportá-los à escola, o que não impede que alguns negligenciem os estudos, pois o dever do clube é orientá-los e não obrigá-los. Tratar os jovens com respeito reflete na

⁸ A palavra “olheiro” refere-se ao observador técnico, profissional que escolhe os garotos para integrarem o clube. Também pode ser definido como um espião. Hoje o clube estudado possui 5 “olheiros” contratados e outros que ganham por indicação. Há também os torcedores e amigos que atuam como informantes.

⁹ O termo “peneira” é utilizado devido a proporção da quantidade dos garotos que prestam e dos que conseguem passar. Quase mil atletas são testados por semana e dos que são submetidos a essas “peneiras” poucos permanecem na seleção final, feita de forma criteriosa. Na Bahia acontecem de quatro a oito testes por mês, enquanto que em São Paulo e no Paraná são apenas dois mensais.

auto-estima deles. Além de tornarem-se cidadãos melhores, eles passam a adotar uma postura mais firme dentro de campo.

O Vitória também prima pela formação educacional e capacitação sócio-cultural de seus jovens atletas. Uma profissional da área de pedagogia foi contratada para, periodicamente, reunir-se com os garotos e auxiliá-los no que for preciso. Tendo isso como premissa, foi o primeiro clube de futebol brasileiro a desenvolver, em parceria com o UNICEF – Fundo das Nações Unidas para Criança e Adolescente – um projeto de formação da cidadania para seus atletas da divisão de base, em novembro de 1999. Assumiu, então, como filosofia: Formar não apenas grandes jogadores de futebol, mas acima de tudo cidadãos preparados para as exigências da sociedade moderna, (Revista Fábrica de Talentos, 2000). E é por isso que o clube detém hoje a hegemonia do futebol brasileiro em diversas categorias da divisão de base.

Pensar no futebol como uma possibilidade de carreira profissional é uma idéia nova, que acompanha as transformações sociais do mundo moderno. Hoje os pais levam seus filhos para os portões dos clubes na esperança de que eles se tornem os novos Ronaldinhos, Rivaldos, Zicos e Rivelinos. Mas há muita ilusão nisso, e o importante no Vitória é a busca por conscientizar estes jovens garotos de que só uma pequena parcela dos que procuram este sonho efetivamente o realizará. Aí é que entra o projeto com o Unicef, no sentido de formar cidadãos, alerta Luiz Carreira, secretário do Vitória S/A (Revista Esporte Clube Vitória, 2000).

Os jogadores estão recebendo informações sobre direitos humanos, etnia, educação sexual, relações humanas, drogas, história, relacionamento com imprensa, marketing pessoal, além de conhecer os direitos e deveres da criança e do adolescente, mas a índole ainda é uma característica íntima e inacessível até pelos que detêm o passe (ou a posse?) do jogador. Na coleta de dados para este estudo foi relatada a ocorrência de objetos furtados dentro dos armários dos quartos do alojamento, trancados com cadeado e, ainda, a negligência de alguns jogadores quanto aos estudos, apesar do incentivo e orientação do clube.

“Além de bons jogadores, queremos preparar jovens para que eles tenham consciência da sua cidadania. O chamado jogador “boleiro”¹⁰ é uma limitação, um atraso ainda muito presente no nosso futebol”, declarou Paulo Carneiro, presidente do Vitória (Revista Esporte Clube Vitória, 2000).

Rui Pavan, Diretor do UNICEF, afirmou que os clubes negligenciam na hora de cuidar da cabeça dos seus jovens atletas (Revista Esporte Clube Vitória, 2000). O Vitória é o primeiro que busca um novo caminho, onde não existe contradição entre educação e futebol. Formar atletas é também formar cidadãos. Deslumbramento, expectativa, vaidade, frustração, rivalidade e medo são alguns sentimentos comuns aos jogadores de futebol que devem ser “trabalhados” desde cedo, principalmente num clube em que existem campeões com pouquíssima idade. Os garotos que disputaram a Copa *Nike* de 99 e obtiveram a quarta colocação, por exemplo, não souberam conviver com esta conquista, acomodando-se em relação ao preparo físico, gerando uma queda brusca no desempenho individual, e, por isso, 40% dos jogadores daquela equipe sequer estão no Vitória.

Dentro da lógica capitalista que permeia o negócio futebol no Brasil, é evidente que a formação de atletas traz inúmeros benefícios financeiros para o clube, que, também oferece muito para os jovens atletas. Contudo, se estes não corresponderem ao que é esperado, de maneira geral, são dispensados ou tenta-se a recolocação em um outro time. Não se deve encarar isto como um favor que o clube propicia ao atleta, e sim, como uma não desvalorização do seu patrimônio. Em alguns momentos, a recolocação ou a dispensa com a liberação é oferecida sem interesses, deixando transparecer os laços emotivos que atravessaram as relações entre os dirigentes e os atletas.

Alguns garotos merecem atenção especial quando, ainda jovens, são comprados de clubes e empresários por preços considerados altos no mercado, em se tratando

¹⁰ O termo jogador boleiro é empregado naqueles que tem todos os estereótipos do mundo do futebol, ex: carro importado, namorada loira, discurso “programado”, etc.

de talentos que estão apenas iniciando no futebol. Este é o caso de dois jogadores que atualmente estão incorporados ao elenco profissional e que, aos 17 anos, tiveram seus passes comprados por R\$ 150 mil e R\$ 170 mil, e hoje valem R\$ 2 milhões cada. Mas nem sempre essa política dá certo. Um outro jogador foi adquirido pelo Vitória de um time do Ceará por R\$ 25 mil, mas não vingou, encerrando a carreira aos 21 anos. Deve ser por isso que há um consenso popular de que “o futebol é uma caixinha de surpresas...”.

5.2. - CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Entrevistados		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Idade	16		X	X			X	X		X	
	17								X		X
	18	X			X	X					

Entrevistados	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Originários de outros clubes	X	X	X			X	X	X		
Sem experiências anteriores em clubes de futebol				X	X				X	X

[illegible]

Foram realizadas 10 entrevistas, com 10 sujeitos, o que, no total, representou quase 20 horas de investigação, já que, com cada atleta, o pesquisador passou cerca de uma hora e trinta minutos.

Os entrevistados são, na maioria, negros,

60% dos entrevistados são católicos e os outros 40% são evangélicos;

60% dos entrevistados representam-se como pertencem à classe média; 20% como classe média-baixa e 20% como classe baixa;

60% dos entrevistados pertencem a uma família cujos pais são casados e os outros 40% têm os pais separados;

50% dos entrevistados têm como grau de instrução o 2º grau incompleto, sendo que 10% já interromperam os estudos; 40% têm o 1º grau incompleto, com apenas 10% em curso e 10% têm o 2º grau completo.

70% dos entrevistados declararam não terem namorada; 20% namoram e 10% moram juntos com a namorada, que também é mãe de um filho seu.

Nesse estudo, jogadores pré-profissionais, indivíduos em formação acolhidos pelos clubes, possibilitaram as construções iniciais de seu repertório interpretativo a respeito do mundo e de sua própria existência, posicionando-se diante das questões bastante conscientes dos seus direitos e deveres, e do quanto representam uma parcela restrita da população que conseguiu uma oportunidade de “subir na vida” de forma honesta. Porém, essa honestidade passou a ser alvo de questionamentos do pesquisador à medida que a pesquisa revelou uma grande quantidade de “gatos”¹¹ na contratação dos mesmos, que, ao serem

¹¹ É a denominação utilizada no universo esportivo para se referir à prática (bastante comum) de adulteração das certidões de nascimento de alguns atletas, visando diminuir a idade dos mesmos, como forma de garanti-lo em categorias menores da divisão de base, por mais tempo.

condizentes com esse mecanismo de drible à regra, terminam ocupando o lugar de um garoto mais novo e reproduzindo as mazelas que o senso comum comprova fazerem parte deste universo.

Criando e instituindo o mundo onde vivem, fazendo distinções e definições de si próprios e dos outros, esses sujeitos significaram e resignificaram sentidos, demonstrando os conflitos que experimentam no seu dia-a-dia, no universo do futebol.

Os entrevistados apresentaram-se bastante estimulados em participar da pesquisa. Encararam com responsabilidade o convite do pesquisador, demonstrando certo entusiasmo em fazer parte do estudo, o que tornou a relação investigador-investigado bastante natural. O pesquisador foi tratado de forma respeitosa por todos, o que, pela pequena diferença de idade, o surpreendeu.

Ao serem questionados quanto aos dados pessoais, como nome, procedência, profissão do pai, da mãe, etc., muitos dos sujeitos despertaram interesse em saber o porquê da pesquisadora necessitar deste dado, já que se tratava de um estudo sobre o futebol e de já ter sido esclarecida a omissão da identidade dos participantes. Era como se dissessem: “sou jogador, meu nome não importa!”. Cada vez que diziam isso, estavam falando de forma metafórica, já que essa identidade de jogador não está literalmente impressa nos genes deles, mas efetivamente pensam nela como se fosse parte da sua natureza essencial.

Nesta caminhada, confessaram enfrentar diversos problemas, como por exemplo, a antecipação das responsabilidades, a perda da infância e adolescência, a perda de seu ambiente familiar para um ambiente institucionalizado, dentre outros, o que faz com que, muitas vezes, se sintam despreparados para lidar com algumas situações, como pode ser verificado com alguns depoimentos das entrevistas: “*Sabe que eu nunca parei pra pensar nisso? Eu acho que tem que ser, que é importante! Pra quem é solteiro são 2 dias e pros casados 1 dia*” (sujeito 1, ao ser questionado sobre a concentração antes dos jogos), porém,

com as entrevistas, e através da observação, percebeu-se um diferencial nesse montante: tratam-se de jovens que sabem onde pretendem chegar e o que é preciso fazer para alcançar isso. Não renegam suas origens e têm um discurso de humildade que aparece durante todo o período investigativo.

Todos eles residem no alojamento do clube, no qual detalharam uma rotina rígida, no que se refere ao cumprimento de horários: das 07:00 h às 08:00 h devem tomar café e dirigir-se aos treinos, iniciados por volta das 08:15 h, dividido por categorias, começando com a turma do juvenil A, seguidos pelo Juvenil B, Júnior e Profissional, terminando às 10:30h. Das 11:30 h às 12:30 h é o horário destinado para o banho e almoço e, à tarde, são liberados para fazer o que quiserem, o chamado “tempo livre”, aproveitado por eles para estudar as matérias da escola; assistir TV (que, segundo os atletas, na maioria das vezes só funcionam em apenas um canal, geralmente a Rede Globo); jogar vídeo-game ou dormir.

Os menores de 16 anos reclamam da vigilância do clube que, apesar de liberar para passear, tem um responsável para acompanhar o menor no passeio, considerado por eles como “vigia”. Só quando completam 18 anos é que é liberada a saída sem acompanhante, mediante a autorização do responsável pela divisão de base.

Ao contrário do que se espera, nas horas vagas não gostam de jogar bola, e atribuem este fato ao cansaço dos treinos diários. Porém, observou-se que não dispõem de um campo para este fim, já que o clube utiliza todos os seus campos, no turno vespertino, para realização de testes ou aulas de futebol para crianças. Quando decidem formar times entre os moradores do alojamento para jogar durante a tarde, terminam improvisando a partida numa área de cimento localizada próximo ao alojamento.

Das 17:00 h às 18:00 h devem tomar banho, jantar e trocar o uniforme do clube pelo da escola. Todos os jogadores residentes no alojamento devem, obrigatoriamente, utilizar o uniforme do clube em tempo integral quando estiverem nas instalações da sede do mesmo.

A partir das 18:00 h o clube oferece transporte para levá-los às escolas, de onde retornam somente às 22:00 h. Chegando à sede do clube devem, imediatamente, dormir, já que a rotina de treinos reiniciará no outro dia.

Essa rotina, de acordo com Toledo (2002), é imprescindível para formação do atleta, que, desde cedo, passa a conviver com a preparação do time, relativizando aquela definição do futebol como o momento ritual do jogo, quando tudo se define.

5.3. - ENTREVISTAS

Das sínteses explicitadas em forma de descrições, conforme análise descrita no item “análise dos dados”, emergiram as seguintes categorias temáticas:

- I - Infância/Iniciação ao futebol
- II - Socialização e reconhecimento: clube de referência
- III - A auto-imagem: percepção de si como jogador
- IV - A ideologia: o processo de ancoragem na representação do jogador de futebol profissional
- V - A objetivação da ilusão: justificativas de se conciliar o amor à camisa x interesses financeiros
- VI - A legitimação: o sentimento de pertença - representação social de jogadores iniciantes sobre futebol
- VII - A alienação

5.3.I - Categorização de temas recorrentes referentes à infância na faixa etária de 4-9 anos:

Entrevistados	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Cenas										
Pai jogador de futebol	x								x	x
Parente jogador de futebol		x					x			x
Jogava bola na rua		x	x	x	x	x	x			
Entrou numa escolinha de futebol	x		x		x	x		x	x	x
Indicação de "olheiros" da sociedade			x	x	x			x		
Incentivo familiar	x	x	x	x		x	x		x	x
Conciliava estudos com futebol	x	x	x	x		x	x		x	x

INICIAÇÃO AO FUTEBOL

Entrevistado	Exemplo	Incentivo	Destino
1	"[...] desde cedo sabia o que era futebol, via meu pai dar entrevista, sair no jornal, revistas... comecei a gostar daquilo. Eu falava: um dia eu vou ser assim também".	"Apóia. Meu pai até briga comigo por causa do meu rendimento!" "[...]meu pai é um grande psicólogo nessa área".	"Esse era meu destino".
2		"[...] era minha mãe quem pagava a escolinha. Eu estudava e treinava". "Meu pai resolveu me colocar na escolinha."	
3		"Minha mãe veio comigo para conhecer, ficou uma semana e depois de eu aprovado ela foi embora".	
4	"Meu primo me convidou pra jogar no time do bairro, eu tinha 9 anos".		"[...] no início eu não queria ir porque era escolinha de 'filhinho de papai' e eu tava com medo de ser humilhado. Eu não queria conviver com essas pessoas porque eu era de classe menor".

- 5 "[...] um rapaz me viu jogando, me matriculou numa escolinha de futebol, pagava pra eu aprender a jogar".
- 6 "Pedia a minha mãe para me matricular numa escolinha de futebol".
- 7 "[...] meu irmão era jogador do Mirassol – SP". "Só dava trabalho pra minha mãe. Aí o futebol apareceu como única saída de eu ter um futuro decente! Por isso minha mãe me apóia".
- 8 "O povo da cidade dizia que eu era bom. Meus pais nunca me incentivaram".
- 9 "Meu pai era jogador de futebol mas minha avó comprou um carro para ele com a condição de que só seria dele se ele parasse de jogar. Ele aceitou o carro e nunca mais jogou [...]" "Aí quando eu nasci meu pai sempre me incentivou. Eu acho que eu nasci grudado com a bola. Com 8 anos meu pai me colocou numa escolinha[...]" "Meu tio jogava no RJ [...] já comecei no gol, aos 7 anos".
- 10 "Meu pai também ia ser profissional do Fluminense, mas minha vó não deixou ele aceitar o convite que fizeram para ele"
-

A infância dos sujeitos da pesquisa é caracterizada por três momentos: o convívio familiar, a introdução no universo esportivo, através do “jogo de bola” pelas ruas do bairro onde moravam, e a escolaridade.

Sabendo que a identidade de todo indivíduo é sustentada num grupo/estrutura familiar (Ciampa, 1990), nos jogadores iniciantes percebeu-se o diferencial de uma boa base familiar desde o início da carreira. O pai, como figura masculina, tem um papel importante na vida desses atletas, já que, a partir do estímulo, incentivam-nos à continuação da prática desse esporte, seja desfrutando da sua companhia no mesmo time numa partida de final de semana, ou pela iniciativa de matriculá-lo numa escolinha. Esta representação de poder personificada pela figura do pai, responsável por dar permissão, no caso dos sujeitos que enfrentaram a separação dos pais, é automaticamente transferida para figura materna. Mas se o pai, além de incentivador, também já tem uma história de carreira no futebol, o filho passa a ocupar o papel de representante simbólico dos sonhos e desejos frustrados do pai-jogador de futebol, caso a carreira tenha sido interrompida, ou reproduzir sua trajetória, caso tenha obtido êxito.

Conforme Gonçalves (2004: 142), no Brasil, país caracterizado por enormes desigualdades sociais, o futebol tem representado uma forma de ascensão social e independência financeira, sobretudo para aqueles jovens que têm limitadas as suas possibilidades de acesso a uma educação de qualidade. Com isso, os pais, que antes se preocupavam com a reputação dos filhos, atualmente são os primeiros torcedores, como pode se comprovar com os resultados desta pesquisa, na qual se revela a participação dos pais na educação e no incentivo à prática do futebol. Somente uma família impôs certa resistência à escolha do sujeito.

Muitos pais, provavelmente, buscam o profissionalismo no futebol para seus filhos com o objetivo maior de assegurarem um futuro mais garantido tanto para os filhos,

como para eles próprios, pais dos futuros craques: “*Os pais, sabendo que dá dinheiro, apóiam os filhos*” (8).

Quando não são os pais que ocupam esse papel de incentivador, geralmente alguém da própria família assume o papel, seja irmão, tio, primo, etc, valorizando e alertando o sujeito desde cedo sobre o seu potencial, tomando muitas vezes providências no sentido de encaminhar o jogador em potencial para alguma instituição. Assim, muitos dos jovens que pertencem ao clube estudado já freqüentaram inicialmente alguma escola de futebol, financiados por parentes ou outro facilitador que percebeu seu dom para o esporte. Um primeiro olhar, representando o potencial embutido e a habilidade, o trato com a bola.

A pesquisa revelou que as primeiras imagens do esporte são assimiladas socialmente (família, amigos, multidão no estádio) como congregamento e confraternização. Isso comprova o ponto de vista simbólico do futebol, tratado neste estudo, enquanto revelador de relações sociais da realidade (DaMatta, 1997). Os sujeitos lembraram o momento em que ganharam a primeira bola de futebol; a experiência de assistir, pela primeira vez, uma partida num estádio; os companheiros de time da época amadora, em que nem sonhavam com a profissionalização. Nessa rotina da infância, o futebol já tinha um lugar garantido, de forma amadora ou midiaticado no grupo social festivo. Assim, desde cedo era preciso dosar o tempo para dedicação aos estudos, e, por isso, a freqüência do tema ‘escolaridade’ nas entrevistas.

Aos que têm bom desempenho escolar, o futebol serve como recompensa, e, para aqueles que só pensam em investir na carreira de jogador, os estudos podem ser um dos maiores fatores de preocupação, já que muitos deles pensam em abandonar a escola, não se importando em garantir uma alternativa de ganhar a vida no futuro, caso não se tornem jogadores profissionais. Assim, dentre os entrevistados, existem os que aliam a carreira esportiva com os estudos e os que os consideram antagônicos:

“[...] se não fosse bem na escola não podia jogar futebol, e se não pudesse jogar futebol, aí eu iria morrer! [...] me esforçava nos estudos, pra poder fazer o q/ eu gostava [...]” “Na época que eu estudava lá (em Portugal) ainda era na época da palmatória” (1).

“Tô no 3º colegial. A gente não sabe o dia de amanhã” (3).

“Não parei de estudar! A divisão de base é uma tentativa” (9).

“Eu não gosto de estudar!” (7).

“[...] eu num queria estudar e eles falavam: ou estuda ou vai para outro time” (8).

A parcela dos que conseguem aliar o desejo de jogar bola com a decisão de continuar estudando tem como estímulo a vontade de também garantir uma outra carreira profissional a partir do dinheiro conseguido com o futebol.

“Aí quando eles (os dirigentes do clube anterior que deviam salário para ele) pagarem, eu vou guardar para pagar minha faculdade de Educação Física[...]” (2).

“Tô no 3º colegial. A gente não sabe o dia de amanhã” (3).

“Não parei de estudar! A divisão de base é uma tentativa” (9).

Como a iniciação ao futebol é a passagem mais marcante nos discursos dos entrevistados, as memórias relativas às cenas da infância os remetiam a associações com passagens ligadas ao futebol, como se servissem para resumir a vida infantil; como se pudessem, de antemão, esclarecer que a vida deles, desde o nascimento, já se resumia a jogar futebol: *“Eu me lembro só de quando eu era pequeno, meu pai me deu uma bola de presente [...]” (1).* A representação da infância está ancorada na iniciação ao jogo lúdico com a bola e na prática do futebol.

Dentre as causas que os levaram a ingressar no universo esportivo, destacaram-se: a existência, na família, de um modelo a ser seguido; o olhar ou reconhecimento de algum facilitador não familiar (olheiro), dado o desempenho em campo numa partida amadora; e, ainda, o acaso, a “ironia do destino”, como se o fator motivador para ingresso nesta carreira estivesse fora de controle do sujeito, como um “dom ou dádiva do divino”.

5.3.II - Categorização de temas recorrentes referentes à socialização e reconhecimento: clube de referência

Cenas/ Entrevis- tados	Ingresso no clube	Alojamento do clube	Rotina
1	"Um olheiro me viu e o clube despertou interesse por mim."	"Um monte de homem junto vai conversar do quê? De futebol ou de mulher. É só isso que rola!"	"Tem horário pra tudo [...] dá para sair normalmente, mas o ruim é que tem que ir com um vigia."
2	"[...] pessoas mais experientes, treinador, é que me colocaram nessa posição[...] Eu não fiz parte da peneira, já vim encaminhado pra cá."	"[...] quando eu vim morar aqui eu até queria sair de lá de casa [...]"	
3	"Os cara daqui me viram jogar e me trouxe, os olheiro[...] E foi aqui que eu me levei à sério. Já tenho até contrato profissional!"	"Eles libera pra sair. Tem clube que nem libera."	
4		"Se eu não morasse aqui, com certeza, todo dia ia querer sair. A gente sabe qual é nosso objetivo aqui." "É bom porque economiza, tem comida, roupa lavada, água, luz, TV. Além disso, é melhor pra não perder a hora dos treinos."	"As cobranças aumentam, aumenta também a responsabilidade. Sempre tem que vencer, vencer, vencer. O segundo lugar pra eles já não é nada." "Aqui estressa muito[...]"
5	"Um olheiro me viu. Logo quando cheguei aqui consegui uma vaga para disputar a copa Nike na Alemanha e fui[...] É como se eu tivesse furado a fila."		
6	"Fui convidado. Não participei do peneirão."	"Tranquilo. Tem um monte de garoto da minha cidade que já morava aqui antes d'eu chegar."	"O essencial é não perder noite de sono."
7	"Recebi um convite."		

8	"Eu participei do famoso peneirão em 99."	"Tranquilo."
9	"Meu pai leu no jornal que tava tendo seleção. Aí eu vim, fiz o teste (julho/2001) e tô aqui até hoje."	"Aqui somos todos colegas. Cada um buscando o seu espaço."
10	"[...] um ex-jogador do BA me viu, me disse que podia vim fazer teste aqui na BA, vim, fiquei 1 mês fazendo teste e entrei."	"Todo mundo se respeita e vive bem, porque se não for assim, vai embora."
		"Aqui descobri a importância do treino. Faz muita diferença. Futebol é força física, preparo físico."

Ao comentarem sobre o clube do qual fazem parte, os entrevistados fazem referência ao ingresso nas divisões de base, ao alojamento no clube, à rotina, drogas, homossexualidade e violência.

Indivíduos interessados em se profissionalizar no futebol compõem um contingente tão numeroso que suscita a comparação com a pecuária, “que vende o gado para corte com cada vez menos idade porque cresceu o mercado para carne de novilho, mas principalmente porque ficou caro demais esperar que o boi chegue à sua idade “normal” de abate” (Veríssimo, 2003): *“Eu acho que eu comecei a jogar bola com 4 anos...aí era a primeira vez que fiz parte de um clube, com 9 anos de idade” (1).*

A enorme popularização do futebol, no Brasil, pode ser medida, de acordo com Gonçalves (2004: 186), pela grande quantidade de escolinhas deste esporte existentes em nosso país: escolas particulares, públicas (vinculadas às secretarias municipais e estaduais de esporte) e de clubes profissionais, disputando a preferência de crianças e adolescentes em todos os estados brasileiros.

A pesquisa demonstrou que o ingresso no clube estudado se deu por intermédio de “olheiros”, por convites para ingresso imediato nas divisões de base, ou por

processo seletivo, conhecido pelo universo esportivo como “peneirão”, devido ao montante restrito que é aprovado em comparação à totalidade dos que participam do exame.

Ao discorrerem sobre o alojamento do clube de referência, os entrevistados revelaram boa capacidade de adaptação quanto à mudança de residência da casa dos pais para o clube, o que normalmente é visto como preocupante para jovens dessa faixa etária. Toda essa mudança leva a uma reconstrução do processo identitário, mesmo sabendo-se que o fator emocional se torna, por conseguinte, algo manipulável, muitas vezes usado na troca e negociações entre atletas e dirigentes.

“É engraçado porque às vezes quando eu tô aqui me dá uma vontade danada de ir para minha cidade passar um tempo...e quando eu tô lá sinto saudade daqui. Não consigo ficar lá por muito tempo. É tudo muito diferente!” (4).

Os sacrifícios inerentes à rotina desse universo esportivo são assimilados como previsíveis, representados pelos sujeitos como algo que têm que suportar, como um “mal necessário”, competindo-lhes a criação de mecanismos de adaptação. Na chegada ao clube, por exemplo, tentam localizar de imediato os garotos da sua cidade-natal residentes no clube há mais tempo.

“Eu acho assim, quem sabe jogar tem que passar pelos obstáculos muito bem, e, conseqüentemente, vai ter sua recompensa!” (1).

Sem as famílias, internados nos alojamentos, recorrem muitas vezes às imagens que compõem a decoração dos quartos para matar a saudade: inúmeros murais com fotos de familiares, amigos de infância, gente que deixou na cidade-natal e cujas lembranças guardam na memória, além de imagens sacras, crucifixos, cartinhas de amor e de incentivo.

“[...] tem 8 meses que não vejo, só por foto, porque trouxe um monte” (10).

Os entrevistados demonstram, ainda, certa percepção em relação à maturidade adquirida com o convívio no clube, longe das famílias, e declaram não se adaptar à vida que tinham antes. De fato, pela origem humilde, puderam usufruir, no clube, de vantagens

inacessíveis a eles na infância, como alimentação saudável, prática regular de exercício físico, incentivo aos estudos, etc., os quais querem preservar.

Da rotina no clube, trazem como condição imprescindível para garantia da moradia o bom convívio com os companheiros de alojamento. Isso inclui a divisão dos poucos bens que dispõem e o respeito aos limites do outro.

Este ambiente do clube, representado pelos entrevistados, nos remete à imagem de um monastério. Seguem um modelo meio que corporativo, de obediência ao chefe, na busca do jogador politicamente correto, que não beba, não fume, não perca noites de sono, acorde disposto para treinar e respeite as regras do alojamento. Isso confirma a opinião do antropólogo Roberto DaMatta (1997: 30), ao se referir aos clubes de futebol como “uma instituição marcada por uma ideologia igualitária e individualista global, superimposta a um núcleo familístico patronal e autoritário...”.

Assim, ao longo da pesquisa, o clube é representado como melhoria de vida, ascensão social. Por isso, a partir dessa separação física, em que saem da casa dos pais para os alojamentos do clube, passam a carreira visando retribuir os sacrifícios que os pais fizeram para criá-los a partir do oferecimento de melhores condições de vida e bens materiais, que representam uma forma especial de gratidão.

“Nesse tempo, minha mãe e meu pai separaram e era minha mãe quem pagava a escolinha” (2).

“Minha mãe sempre me deu uma educação excelente” (6).

“A minha mãe fala: - Oh, meu filho, qualquer aperto você volta pra cá. Mas aí eu falo: -Mãe, eu num sei fazer nada. Eu não quero vim pra cá e trabalhar como servente, ajudante de obra. Eu vejo meu pai, que é pedreiro, se matando de trabalhar, sofrendo, eu num quero passar tudo o que ele passou...A minha tendência é querer melhorar a vida deles e a minha e pra mim ficar lá só se for trabalhar de servente” (4).

Outros temas associados ao clube envolviam a realidade das drogas, o convívio restrito com a homossexualidade e a violência dentro de campo. Assuntos tratados como tabus

no universo esportivo do qual fazem parte, como algo proibido, comprovado a partir da falta de espontaneidade dos entrevistados nesse momento da entrevista.

Como são aspectos que fazem com que o jogador esteja fora dos padrões almejados pela instituição, só um dos sujeitos confessou já ter experimentado algum tipo de droga, assim como apenas um se revelou naturalmente machista ao tratar da homossexualidade e só cinco dos entrevistados assumiram a prática da violência, sempre associando-a a uma necessidade tática ou tratando-a com um certo eufemismo.

Cenas/ Entrevis- tados	Drogas	Homossexualidade	Violência
1	"[...] não tenho esse costume e nem nunca vi ninguém dos meus colegas envolvidos [...]"	"[...] veado pra mim, se pudesse matar todos veado por mim podia matar! Por mais que eu não tenha nada contra, se vier mexer comigo vai levar um bocado de porrada!"	"[...] de vez em quando um ponta-pé, que de vez em quando tem que dar."
2	"Nunca vi ninguém aqui envolvido com isso. Mas também minha mãe me educou muito bem e eu nunca me envolveria com isso."		
3	"Não tenho esse costume."		
5			"Só um empurrãozinho necessário, uma cotovelada bem disfarçada. Agressões necessárias."
6	"Nunca."		
8			"Só verbal."
10	"Já experimentei mas hoje num quero saber mais disso."		

5.3.III - Categorização de temas recorrentes referentes à auto-imagem: percepção de si como jogador

Entrevistado	Indivíduo	Jogador
1	"Classe média, média mesmo, média, média, média, não tem esse negócio de média alta e média baixa. A minha é média média!"	<p>"Ele (<i>o pai do entrevistado</i>) tinha influência, mas também se eu não jogasse dentro de campo nada iria adiantar! Por mais q/ ele usasse o nome dele, o futebol tinha q/ ser meu!"</p> <p>"Eu sou bom, não sou qualquer um. Se eu fosse qualquer um não estaria aqui. Taria em qualquer time pequeno do Brasil."</p>
2		<p>"Eu já sou um jogador de futebol brasileiro. Jogo num time do Brasil."</p> <p>"Tô na minha melhor fase. Sempre encarei sério todos os treinos[...]"</p>
3		"[...] tô trabalhando para isso, para ser um jogador famoso, famoso não(?!), ser um jogador profissional, essa é minha profissão."
4	<p>"[...] quando eu volto pra minha cidade, em relação aos meus amigos de lá eu já evolui muito, amadureci[...]"</p> <p>"Tenho saudade dos meus pais, mas tô perdendo cada vez mais a vontade de ir lá."</p>	<p>"Hoje eu to aqui, amanhã não se sabe."</p> <p>"Tô legal! Eu sei por que quando você tá jogando bem todo mundo fica do seu lado, ao seu redor."</p> <p>"Já sou campeão, já sou rei, pelo menos na cidade onde nasci."</p>
5		"No futebol, o saber jogar ainda consegue muita coisa! Fui e consegui ser campeão em tão pouco tempo de clube!"
6		"Tô "bichado", com o pé luxado, em observação. Depois que cheguei já é meu segundo acidente."
8		"[...] tenho experiência em outros clubes, mas quero ser sempre humilde. Acho que tô jogando bem mas sonho em jogar no profissional."
10		"Antes eu nem treinava, só jogava. Hoje eu treino, repouso, não faço farra, não vou para noitada, aí rendo bem em campo."

Os entrevistados consideram-se pessoas normais nos costumes e hábitos, demonstrando terem consciência do nível sócio-econômico familiar de origem, de estarem seguindo uma vocação e das relações afetivas que o cercam.

As instituições de identificação: família e clube, dão suporte à produção de sentidos e práticas discursivas no processo de subjetivação do sujeito, no qual se verifica, precocemente, a não dissociação da individualidade do ser humano e do jogador, principalmente caracterizada ideologicamente pela sociedade, que produz estigmas à figura do jogador, mesmo na condição de pré-profissional.

Como se esperava, a pesquisa demonstra que a representação de si como indivíduo está desde cedo atrelada à representação de si como jogador, como predestinação. Por isso Ciampa (1993) declarar que “o indivíduo é o que ele faz”.

Porém, apesar da maioria dos sujeitos já se definirem como jogadores de futebol, outros, estando na mesma situação, ainda apresentam-se como estudantes, por acharem conveniente incorporarem a identidade de jogador apenas quando fizerem parte de uma categoria profissional.

Isso se dá pelo fato de que a sociedade atribui elementos de identidade que passarão a fazer parte do repertório interpretativo do outro que, por consequência, assume identidades diferentes em diferentes momentos. Daí Ciampa (1993) tratar a identidade-mito como algo que convive com movimento, metamorfoses, de acordo com o desempenho de determinados papéis e dos valores que o indivíduo recebe pelo desempenho deles.

Assim, como jogadores, a maioria se reconhece desde o momento em que o observador privilegiado os identifica como habilidosos para essa profissão, e, nas respostas à entrevista, trazem uma constatação narcísica em relação a sua performance como jogador, transparente na auto-avaliação do desempenho em campo e nos treinos.

Também merece destaque a postura profissional que, desde cedo, demonstraram adotar, já que conseguem ultrapassar a fidelidade ao time de coração e os apelos às noitadas. Mostraram-se conscientes sobre o reflexo do seu comportamento em campo e, com isso, justificam a prevenção contra os abusos dos momentos de folga.

“...me espelho nele porque é um cara com quase 40 anos, corre demais, não perde noite. Deve ser por isso que ele joga até hoje. E eu também quero jogar por muito tempo, como ele”
(3).

5.3.IV - A ideologia: o processo de ancoragem na representação do jogador de futebol profissional

Como se compusessem um processo de ancoragem, os sujeitos entrevistados sugeriram algumas representações acerca do jogador de futebol na medida em que, através do reconhecimento de si mesmo enquanto jogadores de futebol, indicaram aspectos positivos e negativos referentes à profissão.

Dentre os aspectos positivos, a possibilidade de viajar e conhecer lugares novos, tendo experiências inéditas; receber uma ajuda de custo capaz de aumentar o orçamento familiar; condições de adquirir bens de consumo sonhados; abraçar desde cedo uma profissão e ainda receber para fazer o que gosta, etc. Dos negativos, obstáculos de convivência com a comissão técnica ou com os próprios colegas de alojamento; atraso nos salários; saber lidar com a fama e as cobranças sociais que acontecem desde a preparação profissional; preconceitos; inveja; incerteza quanto ao futuro, etc.

Como a representação de um grupo social é investigada tomando-se esse próprio grupo como sujeito (Sá, 1998), nesse momento da pesquisa, os sujeitos experimentam o papel desempenhado pelos olheiros dos clubes, no que se refere à representação de um olhar

sobre o outro. Assim, demonstram enxergar além das aparências, trazendo nos seus depoimentos representações do jogador de futebol além daquelas que permanecem alojadas no imaginário social.

“Às vezes as pessoas pensam que futebol é só aquilo que a gente tá acostumado a ver na televisão, mas eles tão muito enganado. A gente sofre pra caramba aqui dentro. Se vocês soubessem... Vocês imaginam, mas não sabem!” (1).

Conforme Ehrenberg, 1991 (*apud* Giulianotti 2002), “o esporte desempenha um papel particularmente forte nessa formação ideológica. Apresenta-se como intrinsicamente atraente e meritocrático, onde talento e dedicação fazem esse estrelato parecer muito mais atingível do que em outros meios de mobilidade social, onde desigualdades de classe são consideradas importantes”.

Assim, ao se enxergarem e se apresentarem como jogadores de futebol, os sujeitos enfrentam a profissionalização precoce pesando os benefícios e malefícios do meio em que começaram a conviver, como uma forma de se protegerem. A própria forma de se auto-representarem revela os mecanismos de defesa e de adaptação que têm que desenvolver contra imagens discriminatórias por parte das pessoas da sociedade que vivem fora deste universo futebolístico:

“Nunca digo que sou jogador. ‘Jogador nunca diz que é jogador’. Tem sempre aqueles cara babaca que pergunta: - Ah, é? Você é jogador de onde? Por que eu nunca te vi na TV? Aí eu prefiro num falar” (8).

“[...] só porque eu sou jogador todo mundo quer falar disso comigo, muita gente fica inventando pretexto pra falar comigo, perguntando um monte de coisas óbvias que não vão acrescentar nada a não ser puxar conversa” (4).

Entrevistados enquanto jogadores de futebol	Aspectos positivos	Aspectos negativos
1	<p>"[...] participei de várias competições, viajei quase o país todo [...]"</p> <p>"[...]compro roupa, sapato, um monte de presente para meu pai, minha mãe, irmão, irmã e o que sobra guardo na poupança".</p>	<p>"Eu aconselho que, em relação a mulher, os jogadores olhem bem quem está ao seu lado agora [...]"</p>
2	<p>"É uma profissão. Eu tô investindo tudo nela".</p> <p>"A televisão é uma ótima influência [...] aí você fica reconhecido em qualquer lugar".</p>	<p>"O que eu recebo, mesmo porque tá atrasado desde o ano passado[...]"</p> <p>"[...] tem muita gente que quer te derrubar, tem muito traíra [...]"</p> <p>"Tem o preconceito, na escola mesmo, tem professor que fala: Cuidado! Jogador é burro! Aí eu falo [...] sou um aluno normal, igual a qualquer pessoa".</p>
4	<p>"Já vi a fama de perto, já dei entrevista, saí em revista e tive gente me esperando no Aeroporto".</p> <p>"Querendo ou não, 'esperta' logo cedo, num sabe?! [...] A gente "já viveu muito", apesar da pouca idade!"</p>	<p>"Todo mundo já quer intimidade ou dizer que eu tô devendo favor, interessado no que eu possa vir a ter no futuro".</p>
5	<p>"Depois de 1 ano eu pude viver tudo o que eu tinha visto na televisão [...] tenho medalha, troféu, recorte de jornal, tudo na casa de meu pai".</p>	<p>"Você continua a mesma pessoa, mas o povo fica o tempo todo tentando achar uma diferença no seu comportamento".</p>
6		<p>"[...] por causa da vinda para essa cidade tive que interromper (os estudos)."</p>
7		<p>"Enfrentar as vaidades de alguns professores [...]"</p> <p>"[...] sei que um dia posso ser famoso e de repente deixar de ser."</p> <p>"Gente querendo te derrubar; olho gordo, invasão de privacidade, etc."</p>
8	<p>"Compro roupa, sapato. Roupa de marca do esporte."</p>	
10		<p>"A fama, que traz com ela um monte de amigos falsos e parentes que de repente aparecem 'do nada'".</p>

Ao configurarem o jogador de futebol a partir dos fatores positivos e negativos da carreira, alguns aspectos tornaram-se recorrentes: vitórias e derrotas como momentos chaves da carreira, a relação do jogador com a TV, a fama, as figuras identificatórias e o relacionamento com o sexo oposto.

Episódios significativos da carreira:

A carreira tem como momentos marcantes aqueles que funcionam num sentido de revanche, de “dar o troco” a um clube que “fez por merecer” no passado, por ter emprestado o jogador para outro clube, por ter mantido o mesmo por muito tempo no reserva, por desvalorizar e desacreditar nele como jogador, chegando até a ameaçá-lo ou dispensá-lo, etc.

“... a gente ganhou a copa Nike aqui dentro e eu tiro onda com os cara daqui até hoje” (1).

Outro momento significativo é quando recebem, neste início de carreira, algum mérito pelo seu desempenho, quando ainda nem eles próprios têm condições de se avaliar. Por exemplo, quando conseguem conquistar, logo ao entrar no clube, algo que muitos jogadores pré-profissionais aguardam há muito tempo, sem previsão de quando terão acesso, como a conquista de uma campeonato ou participação em evento internacional. Serve como voto de confiança para quem acaba de chegar, o que lhe dá mais motivação para fazer jus ao investimento feito nele, ou seja, correr mais ainda atrás de vitórias.

“Logo quando cheguei aqui consegui uma vaga para fazer parte da seleção que ia disputar a Copa Nike na Alemanha e fui... ‘furado a fila’. No futebol, o saber jogar ainda consegue muita coisa!” (5).

As derrotas são lembradas com muita dificuldade porque os sujeitos fazem questão de esquecer, citando apenas as primeiras experiências, na qual começaram a conviver com o sentimento de fracasso que envolve qualquer modalidade de jogo.

“[...] viajei pelo Vitória para uma competição, sem experiência nenhuma[...] Fiquei arrasado porque perdemos” (8).

Televisão como espetáculo:

Ao serem questionados sobre a relação da televisão com o futebol, mostravam-se confusos sobre o que, de fato, o entrevistador estava querendo saber, emitindo às perguntas respostas diretamente associadas à mídia ou à fama. Não têm uma noção específica, nem uma diferenciação clara do que seja *marketing*, fama, mídia, televisão, divulgação. É como se, ao tratar de qualquer um dos assuntos citados, a resposta servisse para abranger tudo isso. Desta forma, refletiram, com as respostas, o valor que a TV tem na vida profissional do atleta, responsabilizando-a por contribuir não só para ascensão do mesmo socialmente, como para acelerar a sua queda de popularidade. Dentre os entrevistados, três revelaram não conseguir assistir à programação esportiva da TV, exceto nos momentos em que todo o alojamento está diante de um mesmo foco esportivo e, assim, não têm opção.

“[...] é a programação que dá mais audiência[...] o Brasil pára[...] da mesma forma que a TV coloca o jogador lá em cima, ela também derruba” (1).

“É uma coisa boa, mas tem que saber levar, senão pode atrapalhar” (3).

“Eu num sou muito de assistir televisão[...] tá vendo uma coisa que você faz todo dia, aí eu num vejo graça” (4).

“É a mídia, né?! Quero ser lembrado, reconhecido” (10).

Fama:

*** Mídia / Reconhecimento**

Ao responderem sobre fama, os sujeitos emitiam opiniões sobre marketing, mídia e repercussão presumida. Alguns já tiveram a possibilidade de experimentar a mídia, seja através da carreira do pai, seja através de vitórias significativas que começaram a colecionar no currículo de jogador em formação.

Todos sonham com a fama, mas desde que ela ocorra como consequência do reconhecimento profissional. Querem ouvir a torcida gritar seus nomes, sucesso, ser rei; e sabem tudo que a fama traz consigo: amigos falsos, traições, especulações.

“O marketing em cima de um jogador” (1).

“Já vi de perto” (4).

“[...] eu quero é que o que eu tô fazendo na base seja reconhecido no profissional. A fama é uma consequência” (2).

“Quero mesmo é ser reconhecido pelo meu futebol!” (3).

Os meios de comunicação de massa, além de constituírem importantes fontes de formação das representações no mundo contemporâneo, é neles, principalmente na televisão, que melhor se configura a tendência à concretização das idéias em imagens, ou seja, à objetivação das representações sociais. A mídia exerce importante papel no que se refere à perpetuação dos ídolos quando os coloca como mitos, ao abordar suas façanhas esportivas (Micelli, 1988), levando-os a alcançar grande destaque e desencadeando um grande número de fenômenos e representações sociais.

* Ídolo

Ronaldinho foi a figura com maior número de associações referentes à palavra fama. Os sujeitos mostram-se fãs de Ronaldinho, solidários a todas as dificuldades que ele enfrentou, julgando-o merecedor de toda a glória a ele atribuída, mas, ainda assim, apenas dois garotos entrevistados desejariam um dia possuir sua fama, já que a maioria associa ao benefício do reconhecimento público o constrangimento de ter a vida privada completamente invadida.

“[...] ter fama assim como Ronaldinho eu não queria não. Ele não pode fazer mais nada, perdeu a privacidade [...] (1).

“O Ronaldinho [...] merece toda a mídia que ele tem em cima dele” (2).

“Num quero muita fama como a do Ronaldinho [...] nunca digo que sou jogador” (8).

Campbell (1990) diz que os ídolos dão voz às aspirações dos indivíduos diante da impotência e do tédio do mundo moderno. Não foi à toa, então, que a associação imediata e espontânea à palavra fama foi atribuída, quase que de forma unânime, ao nome Ronaldinho, o maior ídolo nacional da atualidade, “o fenômeno”, cujo próprio nome, por si só, se tornou fonte de renda.

Backzo (1985) defende que é através do imaginário social que uma coletividade designa sua identidade; elabora certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de comportamento, designada através da instalação de modelos formadores. Logo, Ronaldinho, com seu tipo físico comum, sua origem humilde e seu estilo de vida, está ligado a signos comuns à cultura popular das classes trabalhadoras, o que torna mais real a identidade dos torcedores com seu ídolo.

E como prova de que consideram real a possibilidade de um dia ocuparem o papel de Ronaldinho, como exemplo de craque, foi verificada na pesquisa a confiança de alguns dos entrevistados em lembrar que, para chegar a ser considerado “fenômeno”, o referido jogador teve, assim como eles, que passar por uma divisão de base, passando pelos mesmos obstáculos os quais estão enfrentando atualmente: “*Ronaldo, o fenômeno: ele é mídia, mas um dia passou pela divisão de base*” (8).

Isso demonstra a elevada auto-estima dos garotos, resultado da formação psicológica fornecida pelo clube.

Heróis e figuras identificatórias:

Com relação ao referencial de herói, imediatamente surgiram admirações sobre a atribuição da palavra herói ao jogador de futebol. Alguns concordavam que havia heróis neste meio, mas a grande maioria não só se admirava com a pergunta, como se recusava a

responder, alegando não existir este personagem de herói no campo gramado da sua imaginação. Os heróis eram logo, de imediato, atribuídos aos familiares: pai, mãe, pai-jogador; aos facilitadores, como lembrança e gratidão; e à figura de Deus. Os heróis do futebol foram substituídos por ídolos, ou ‘aquele que gosto de ver jogar’, ou ‘quero ser igual ao’, ou ‘espelho’, com exceção dos que tinham na figura do pai-jogador um exemplo a ser seguido e podiam unir o propósito da pergunta à gratidão e identificação que, de fato, fazem deste um pai-jogador-herói.

“Se for para eu me espelhar em alguém, que seja em meu pai: o caráter, o homem, tudo. Não tenho um herói assim, tenho um que eu gosto de ver jogando [...] faz a arte do futebol [...] meu empresário, que sempre me ajudou” (1).

“Deus (o herói). Meu ídolo é Denílson, que é da mesma categoria que eu” (4).
“Minha mãe, depois de Deus. Não tenho herói, tenho ídolo[...] jogador virar herói é complicado porque nem sempre o jogador é tudo isso, mas às vezes a imagem dele pode ser usada por uma boa causa, aí sim” (3).

Conforme Oliveira (1999), pode-se entender o envolvimento dos homens com o futebol com base no surgimento dos heróis /ídolos, que adquirem grande importância no imaginário social das pessoas. Eles apresentam características sociais e de personalidade diversificadas, que podem facilitar a identificação do torcedor com o seu ídolo.

De acordo com Campbell (1990), o mito do herói se manifesta por intermédio do futebol por significar uma referência para formação da coletividade. No dicionário de símbolos, Chevalier & Gheerbrant (1999) designam ao herói o símbolo de união entre as forças celestes e terrestres; alguém que não goza naturalmente da imortalidade divina, mas que conserva até a morte um poder sobrenatural; aquele dotado de destreza e coragem, que não tem o direito de recusar um desafio; que representa o motor da evolução criadora, o poder do espírito, cuja primeira vitória é a que ele conquista sobre si mesmo.

Nesse estudo, os jogadores iniciantes da divisão de base ainda não se reconhecem como heróis, mas declararam saber que ao ingressarem na categoria profissional,

a grande maioria dos jogadores se convence de que a característica personalógica que lhe atribuem é mais consistente do que a vivenciada internamente. Assim, apesar do discurso humilde da atualidade, quando se tornam profissionais resolvem assumir este aspecto como elemento de sua identidade.

“Quero me comportar com muita humildade” (2).

“[...] quero sucesso, mas sei que um dia posso ser famoso e de repente deixar de ser (humilde) [...]” (7).

Isto leva a crer que, consoante Gonçalves (1993), o “herói” no futebol vai continuar sendo um mito à medida que tiver o perfil humilde, de quem não tem culpa e nem sabe como está fazendo tanto sucesso.

Relacionamento com o sexo oposto:

Tudo é transmitido de forma a deixar claro que as precauções devem acontecer para garantir o futebol, como se a carreira não pudesse correr riscos. Por isso a maioria dos entrevistados revelou não ter namorada, optando por relações fugazes e assistemáticas, transferindo até mesmo a libido para o futebol. Os que têm namoradas declararam levar a relação a sério, chegando a utilizar o dinheiro que recebem do clube para viajar ao encontro das mesmas na cidade de origem. Há um consenso no que se refere às escolhas, já que demonstram certa desconfiança das alternativas que aparecem, sem que tenham um conhecimento prévio das intenções das mesmas. Isso é reflexo do medo de se depararem com interesseiras de plantão, as “Marias Chuteiras” da atualidade, oportunistas e à caça de jogadores famosos. Por isso, preferem se relacionar com as garotas que já os conhece antes da carreira, como uma precaução caso cheguem à categoria profissional. Um dos entrevistados confessou ter enfrentado uma gravidez da namorada na adolescência, tendo sido pai aos 15 anos, decidindo morar junto com a mãe do seu filho, na casa dos seus pais. Mas, as

circunstâncias do investimento na carreira fizeram com que permanecessem unidos apenas pelas fotografias coladas na cabeceira de sua cama, no alojamento do clube.

“Acabei o namoro recentemente com uma menina da minha cidade por causa de fofoca do povo de lá” (4).

“Tenho um filho de 2 anos e uma namorada que vivo como esposa[...]” (10).

“[...] se for homem eu falo jogador, mas se for mulher eu não falo que sou jogador não, eu espero aprofundar mais a conversa pra ver onde ela quer chegar [...] se eu quero namorar e na conversa vou logo falando que sou jogador, vai ficar muito fácil. Se não falo, aí é mais verdadeiro, mais natural” (1).

“[...] olhem bem quem está ao seu lado agora [...] arrumar uma antes da fama porque as que vêm depois vão gostar de você pelo que você tiver, pela fama, e não pelo que você é [...] tem muita mulher bonita que não tá só interessada em carro. É só procurar!” (1).

5.3.V - A objetivação da ilusão: justificativas de se conciliar o amor à camisa e os interesses financeiros

Quando solicitados a justificarem sua escolha pelo futebol, ainda na infância e de forma inconsciente, os sujeitos mencionam uma identificação pela carreira esportiva e a resposta imediata envolve a relação de amor pelo esporte, pelo futebol e todo seu universo mágico e atraente. Porém, no aprofundamento da entrevista, outros sentidos são produzidos, como por exemplo os interesses financeiros que envolvem este meio, e que são convenientes para sustentar os projetos de futuro destes jovens.

Mas o interesse só se sustenta se houver rendimento do atleta, caso contrário, a carreira nem chega a se consolidar. Cada um continua torcendo por um time específico, no íntimo, mas são pagos para defender o time do qual fazem parte.

Conforme Paes de Andrade (2004), “o time é um dos maiores símbolos de identidade de um cidadão, para alguns torcedores, maior do que sua cidade, seu estado e seu

país”, por isso, o interesse de sobreviver do futebol não exclui os sentimentos perante o seu time de coração, só que na hora do jogo, os sujeitos revelaram que o que vale é garantir benefícios para o clube que paga pelo seu futebol, independente deste habitar ou não seu coração.

“É claro que o amor à camisa é importante, mas o grande foco é o dinheiro, porque se o clube passa 3 meses sem pagar, o jogador vai embora. Não tem amor certo!” (3).

“É importante entrar no mundo do futebol como uma alternativa para conseguir ser algo, ter uma profissão. Mas sei que a maioria dos garotos encontra no futebol a oportunidade mais fácil de proporcionar conforto para suas famílias, e isso só se consegue através de dinheiro. Amar a camisa só não basta! Hoje temos que amar quem nos pague, para podermos realizar nossos sonhos” (4).

“A maioria entra interessado em dinheiro. Por isso é que quase todos os jogadores, mesmo na divisão de base, já sonham em ir jogar fora do país, na Europa, porque lá aparecem mais, tem fama e reconhecimento de sobra. Cadê o amor ao Brasil? Quanto mais ao clube!” (6).

As respostas sustentam a necessidade de se buscar o fator monetário como realização pessoal e familiar. Verifica-se um consenso na conciliação entre o amor à camisa e o mercenarismo, como se cada um dos entrevistados soubesse conviver com estes dois pólos de motivação, aparentemente antagônicos.

Entrevistados	Planos
1	"Vou querer ter uma casa, um carro, tudo que uma pessoa normal quer ter na vida: felicidade, né?! felicidade eu já tenho, graças a Deus, pelo pai que eu tenho, pela mãe, irmãos." "...ajudar uma entidade carente de Recife, ampliar a igreja batista que minha família frequenta em Recife e abrir uma escolinha de futebol, como meu pai, ou dar continuidade a dele."
2	"Eu quero comprar uma casa pra minha mãe, ter uma família, um carro, pra eu equipar ele todo, "fazer chover" dentro do carro!"
3	"Quero dar uma vida melhor para minha família, né(?!)...investir em coisas que me dêem mais dinheiro, retorno: casa, apartamento, imóveis."

- 4 "A minha tendência é querer melhorar a vida deles e a minha e pra mim ficar lá só se for trabalhar de servente."
- "Penso em conquistar dinheiro e fama."
- 5 "Quero ter um bom desempenho para ser negociado com times de fora, principalmente da Europa...Lá eles dão mais valor!"
- 6 "Tem muito menino aqui que não quer mais saber de estudo. Eu quero jogar futebol até quando eu puder e depois tentar me formar em Odontologia para trabalhar com isso quando eu não puder mais jogar."
- 8 "Eu quero ajudar minha família, dar conforto para eles; abrir meu próprio negócio, escolinha, num sei; ajudar a cidade onde nasci."
- 10 "Quero sobreviver do futebol; dar uma vida melhor aos meus pais, filho e esposa, e, quem sabe um dia, voltar para o RJ?!"
-

O futebol, que, segundo os garotos, “tem suas vantagens e desvantagens” (4), está repleto de antagonismos. Os próprios planos de futuro dos garotos revelam como suas aspirações se confundem e conseguem conviver entre o desejo de investirem no progresso da cidade de procedência, como forma de gratidão e reconhecimento do incentivo dispensado pela população na fase da infância, em que davam os primeiros passos como jogadores amador, e o sonho de se tornarem jogadores internacionais, principalmente de times europeus, onde o jogador brasileiro é cada vez mais valorizado. De acordo com Melhor (2005), triplicou-se a venda de jogadores ao exterior, passando da média anual de 258 atletas para cerca de 658, contando com cerca de R\$ 500 milhões em investimentos externos.

5.3.VI - A legitimação: o sentimento de pertença

Quais representações são atribuídas ao futebol profissional pelos praticantes amadores, sujeitos desta pesquisa? Como percebem e interpretam o futebol? O que os motiva a continuar nessa carreira, ainda tão incerta?

Entrevistados	Representação social de futebol
1	"Quem tá dentro do futebol tem que tá infiltrado nele 24 horas. Porque quem entra no futebol é como se estivesse entrando numa selva: ou você mata ou você morre."
3	"[...] futebol já conseguiu ganhar espaço, mostrar seu valor, e hoje os jogadores já encaram isso como um trabalho sério, apesar das pessoas da sociedade ainda não verem dessa forma." "Futebol é uma profissão muito ingrata."
4	"O futebol é uma boa profissão, mas tem que ralar muito. Eu, por exemplo, nunca deixaria meu filho pequeno vim morar num clube de futebol porque eu já sei o quanto que esses garotos sofrem quando estão nesta fase. Mas, por outro lado, há um amadurecimento precoce. Tem suas vantagens e desvantagens."
5	"No futebol, o saber jogar ainda consegue muita coisa! Fui e consegui ser campeão em tão pouco tempo de clube!"
6	"É o vestibular mais fácil que existe na vida, mas tem recompensa."
8	"É meu trabalho, mas tem que ter muita sorte. É minha única opção, já que não quis estudar. Tenho que aproveitar essa oportunidade. Pra isso eu treino muito sério."
10	"É a profissão que hoje dá mais dinheiro: futebol e música."

Nessa fase da pesquisa já se percebe um sentimento de pertença a uma elite, por parte dos jogadores estudados, já que escolhidos e freqüentando um clube de expressão.

As causas que existem por trás do desejo de virar jogador e, por méritos, resolver todos os problemas financeiros de sua família, remontam a própria formação

histórica de nosso país, em que o negro só conseguia se destacar através de sua luta, dança ou dotes culinários e a formação acadêmica estava restrita aos filhos da elite. O futebol já esteve envolvido nesta dinâmica, quando só permitia pessoas que tivessem uma atividade respeitada jogarem pelos clubes considerados grandes.

O futebol é representado por eles como a possibilidade e a impossibilidade, ao mesmo tempo. Possibilidade de auto-realização sócio-econômica e pessoal, mas concomitantemente, exercida num local de disputas de interesses, onde são sociabilizados a aceitar que qualquer obstáculo faz parte do jogo.

Essas representações, atribuídas ao futebol profissional pelos praticantes amadores, servem de base para percepção de como são apreendidas e reconstruídas pelos jogadores profissionais, servindo de referência à construção da sua identidade.

5.3.VII - A alienação

Sabe-se que se tornar um ídolo é extremamente difícil: deve-se abdicar de muita coisa e viver em função do futebol (Oliveira, 1999). Por isso, ao longo deste estudo, os sujeitos apresentaram o futebol como uma verdadeira instituição, devido o seu caráter universal, singular e particularizado.

Os entrevistados foram unânimes em confessar que hoje em dia não é à toa que um garoto abdica de uma vida comum, cuja única obrigação é com a escola, e do convívio diário com a família, para ingressar neste meio incerto e cheio de cobranças. E também não é por acaso que os pais acatam a decisão dos filhos em seguir esta carreira, permitindo-os morar fora de casa.

A pesquisa revela que o cenário do futebol profissional reproduz ainda hoje a história de tormento do tráfico de escravos e da servidão feudal no Brasil porque os jogadores

continuam tendo pouco controle de sua força de trabalho, apesar da dedicação exclusiva ao clube. Entendendo-se sobre quais representações fazem do futebol, fica claro porque não admitem outra carreira, não constroem uma representação de futuro desvinculada da carreira esportiva, não representando e nunca admitindo como possibilidade seu fracasso como jogador.

Essas representações de alienação produzidas pelos sujeitos refletem as normas institucionais que decorrem de sua posição, do lugar que ocupam, conforme Woodward (2000), e justificam porque alimentando-se de crenças (carro, fama, apartamento, etc.), dedicam-se integralmente à carreira, que os proporciona galgar conquistas nunca antes imaginadas, mas que o configura como um profissional mergulhado numa estrutura altamente hierarquizada, onde cada um tem que saber o “seu lugar” e qualquer desvio deste “lugar” implica em rotulação, denúncia, restrição do mercado de trabalho e, conseqüentemente, menos poder.

E se hoje temos a consciência de que, mesmo em fase inicial, este esporte aliena, devemos nos preparar para que outras dimensões da vida do ser humano não fiquem esquecidas.

Entrevistados	Outras alternativas
2	"Vou estudar, vou arrumar um emprego... acho que eu vou ser vendido."
3	"...futebol já conseguiu ganhar espaço, mostrar seu valor, e hoje os jogadores já encaram isso como um trabalho sério, apesar das pessoas da sociedade ainda não verem dessa forma."
4	"Eu prefiro nem pensar. Porque assim, apesar da gente estudar, eu sei que eu que tô aqui, eu num tenho currículo de nada, num sei mexer em computador, se eu for procurar um emprego e eu não souber mexer num computador, eu não vou pra lugar nenhum." "A minha vida é o futebol, desde os 14 anos que eu só sei fazer isso. Tô estudando, to... Mas, passar por tudo, e agora que você tá conseguindo chegar lá, você largar tudo. É maluquice!"

- 7 "Eu tenho que dar certo! Sempre penso: Se você pode chegar lá, 'no toco',
por que não arriscar? Meu negócio mesmo é jogar bola!
Vou ter que trabalhar, mas não quero estudar, então sei que terei que ralar.
Nem quero pensar nisso! Tem que dar certo!"
- 8 "Vou ter que trabalhar, mas não quero estudar."
- 9 "Vou trabalhar com a profissão que me formar."
-

Os sujeitos tornam-se cada vez mais escravos dos seus propósitos, no qual outras possibilidades servem como estímulo para superação da sua condição atual de atleta, desde que a condição imprescindível seja como uma corrente de pensamento no qual se prega o futebol 24 horas por dia. É como se aqueles que antes eram sujeitos, se vissem como objeto do seu desejo: o futebol – único sentido para suas vidas!

"A minha vida é o futebol..." (4).

"Se um dia o pai de todo mundo for na escola de seu filho, você acha que ele vai correr para falar com o pai que é médico, dentista, advogado, ou com o que é jogador de futebol? O filho desse cara vai ser famoso na escola, vai ser a sensação. Adoro, sou louco pelo que faço" (1).

A P I T O F I N A L

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O jogo é fundamentalmente um símbolo de luta,
luta contra a morte, contra as forças hostis, contra si
próprio.*

(Chevalier, 1999)

Em que sentido o futebol se configura enquanto “emblema de brasilidade” nas marcas discursivas dos participantes desse estudo? Como eles significam o futebol, seus ícones, sua rotina e cultura, e que sentidos atribuem à sua prática futebolística?

De acordo com Morin (1998), “[...] racionalizar o futebol, amarrá-lo às regras de gestão empresarial e às exigências do grande capital é uma idéia de pouca racionalidade. Tornar racional o jogo de futebol é, portanto, extrair-lhe, roubar-lhe o que tem de melhor, sua arte manifestada cotidianamente nos momentos fugazes de lances produzidos para além das regras formais”.

Os objetivos deste trabalho foram dirigidos para refletir sobre as representações sociais de futebol em jogadores iniciantes e sua influência sobre suas práticas sociais, identificando os fatores constitutivos da identidade do jogador de futebol iniciante e investigando o processo de identificações com personagens significativos, ídolos e heróis.

Entrevistei 10 sujeitos da divisão de base do Vitória S./A., um clube de grande expressão no Nordeste, que, como qualquer outro clube, após a Lei Pelé (1998), transformou-

se em empresa, permitindo a participação do capital estrangeiro e passando por uma espécie de privatização.

Esses sujeitos foram porta-vozes da mudança no universo esportivo. Foram eles os responsáveis por me aproximar dos significados a respeito do futebol e, com isso, permitir-me sua (re) significação, envolvida por suas crenças, mitos e ritos, visando um estudo psicossocial.

A abordagem qualitativa privilegiou o discurso dos jogadores, aspirantes à profissional, como produtor de sentidos. A coleta de dados, pela observação e entrevista, possibilitou conhecimento a respeito dos significados compartilhados pelos jogadores acerca do futebol. E, com o referencial teórico, acessei os repertórios interpretativos dos participantes, que me ajudaram a produzir sentidos sobre eles.

Comecei este estudo questionando a estrutura simbólica que permeia toda essa conjuntura, procurando as raízes históricas de esperarmos tanto do futebol. Para isso, a primeira coisa que fiz foi realizar um recorte sócio – histórico sobre o futebol, enfocando sua dimensão psicossocial.

Precisava entender o futebol enquanto fato social (DaMatta, 1997), para então investigá-lo como um campo de crenças, mitos e ritos (Giorgetti, 1999). Procurei argumentar que o futebol articula diferentes linguagens e que se constitui como elemento de destaque quando analisamos a cultura brasileira (Giulianotti, 2002), por tratar-se de um elemento de identificação nacional, construído socialmente (Bellos, 2002). Quanto a isso, mostrei o jogador de futebol como sujeito desse universo, modelo de aspiração social (Pichon-Rivière & Quiroga, 1998), dotado de uma identidade-mito (Ciampa, 1993, 1997), que o define como produto social, cuja identidade é posta sob a forma de personagem.

Como as representações sociais podem ser consideradas matérias-primas para análise do social (Sá, 1998), enfoquei as representações sociais de futebol (Moscovici, 1993

& Guareschi, 1996), no sentido de perceber suas influências sobre as práticas sociais dos jogadores, analisando as possibilidades identificatórias presentes nos processos de construção das suas identidades.

Para iniciar a análise, fora preciso, ainda, uma visão institucional do futebol, enfocando os clubes como meios de produção, para que o estudo ficasse o mais próximo da realidade mercantilista em que o futebol profissional se encontra.

Hoje, o futebol é caracterizado como uma mercadoria da Indústria Cultural (De Rose Junior & Sigoli, 2004). O acesso à sua prática, ou seja, seu consumo, está baseado nas leis de mercado. Os grandes eventos esportivos são vitrines deste produto, que, divulgados amplamente na mídia, constroem heróis que alimentarão este mercado.

Apesar das influências sofridas e da utilização para fins políticos e econômicos, o esporte mantém em sua configuração primária, o embate esportivo, seus princípios fundamentais: a busca pelo ideal da vitória e o intuito de ser o melhor. Estes fatores, apoiados na regulamentação esportiva, sustentam a legitimidade do esporte.

Por isso, é conveniente falar que, apesar da mercantilização do futebol, o futebol-arte não deve ser interpretado como algo do passado. A profissionalização da gestão do esporte e de suas relações de trabalho implica em respeitar e valorizar essa arte, já que para valorização do futebol como produto cultural e sua inserção na indústria do entretenimento é imprescindível a defesa do seu caráter lúdico, que sobrevive da paixão e da valorização de sua arte.

Como disse Santos (2002: 91), a mercantilização do futebol já é um fato. “Resta-nos agora decidir que tipo de comercialização queremos: uma amadora, oligárquica, retrógrada e corrupta ou uma profissional, organizada, com regras claras, onde as pessoas sejam tratadas como consumidores e sejam respeitadas por isso?”.

Helal (1997: 18) defende a tese de que “apesar de haver uma certa nostalgia pelo tempo ‘não comercial’, mais ‘romântico’ e ‘amador’ do futebol, os torcedores acostumaram-se à mudança e parecem ter entendido que a comercialização foi o meio encontrado para que os clubes equilibrassem seus orçamentos”.

À medida que o futebol se converte em produto valorizado pela televisão e pelos patrocinadores, os clubes convertem-se em sociedades anônimas. Mas a profissionalização que está em curso é assumidamente elitista, conforme Young (2005), e a maioria dos clubes brasileiros não têm condições de assumir os altos custos que a atividade impõe atualmente. Essa transformação dos clubes em empresas precisa de regras mais claras e específicas, pois a da sociedade anônima não consegue conter os dribles dos espertos e inescrupulosos cartolas, gerando o endividamento dos grandes clubes e aumento da corrupção.

Esses conflitos entre paixão e racionalização, profissionalização e comercialização, o moderno e o tradicional futebol existente no Brasil mostra que a dicotomia está presente também no cotidiano das pessoas, do qual o futebol faz parte. Mesmo defendendo conscientemente a modernização e a profissionalização do futebol, o torcedor sente um apego pelo modelo antigo, idealizado e, em sua opinião, puro. Assim, comprova-se o futebol como espelho de brasilidade, como prega Roberto DaMatta (1997).

De acordo com Bate (2000), o futebol é um esporte com dimensões múltiplas: “Ao mesmo tempo em que oferece oportunidades de retorno econômico para os investidores, é também um esporte cuja popularidade transcende classe, raça, religião, gênero e educação... É um poderoso instrumento de desenvolvimento e integração”. Não é à toa, então, a estimativa de alguns especialistas sobre a movimentação de R\$ 12 bilhões por ano no mercado futebolístico (Melhor, 2005), um universo mágico, misterioso, amplamente praticado como lazer e consumido como espetáculo em todo o mundo, e que, comprovadamente com

este estudo, configura-se enquanto campo de origem de inúmeras representações sociais. Esse esporte, que mobiliza paixões e controvérsias, torna-se um tema praticamente cotidiano à medida que tem relevantes dimensões socioculturais.

O futebol é representado pelos sujeitos como uma possibilidade de libertação da infância pobre, das dificuldades familiares, da vida de poucas alternativas. Assim, as condições financeiras apontam para uma trajetória de ascensão social, já que muitos deles têm origem humilde e buscam alcançar o “*status quo*” a partir da carreira, como a repetição do conto de um “pobre menino rico”.

Hoje, os pais representam o jogador de futebol como um “profissional de futuro” incentivam os candidatos à craque, e ficam de olho na divulgação positiva de suas jogadas porque sabem que o que está em jogo é, na verdade, sucesso e dinheiro. Isso se contrapõe à imagem do jogador de futebol como malandro, que era a associação mais direta a este sujeito social, nos primórdios deste esporte no Brasil, quando as famílias de bem tinham vergonha de ver seus filhos dividindo os gramados com a “ralé sem futuro” (Giulianotti, 2002)

Por tratar-se de uma oportunidade profissional que independe do grau de escolaridade, e por terem consciência de que o desempenho em campo é que define a permanência no clube, a maioria dos entrevistados tenta burlar a regra de que só deve permanecer no clube o jogador que tiver bom rendimento escolar, declarando, naturalmente, que o que mais interessa nessa carreira é “o futebol que eles jogam”. Demonstram saber tratar-se de uma carreira fugaz, e, assim, preferem investir no futebol. Terminam representando a escola como um castigo, uma punição, e até como palmatória, o que reflete o estereótipo do “negro burro e pobre” que a sociedade os deposita.

Após o olhar de um outro como um reconhecedor da habilidade e potencial do sujeito, na fase em que adentram um clube de futebol, percebem a sua legitimação como um

“bom jogador” e passam a conviver com os rigores desse universo esportivo. O clube é representado por eles como a conquista de uma perspectiva de ascensão social, como compensação da experiência profissional insatisfatória dos pais, causada pela falta de estudos ou oportunidades, que os mantêm em sub-empregos de baixo rendimento, que, por sua vez, atuam como um estímulo para que os sujeitos continuem nos clubes sem se questionarem sobre as condutas.

Por estarem fazendo parte de um clube de futebol profissional, que o legitima como profissional do futebol, foi constatado, na pesquisa, que a identidade dos sujeitos está desde cedo associada à de um jogador de sucesso. Assim, justifica-se pensar na representação da ilusão de sucesso e realização inerente à identidade do jogador pré-profissional, que, apenas por fazer parte da “massa dos operários do futebol” já se reconhecem como pertencentes aos 3% dos que alcançam, com êxito, a carreira profissional.

Considero que as representações que apareceram em torno do jogador de futebol profissional giram em torno da idolatria e glorificação devido ao fato de que os sujeitos mostraram-se capturados (iludidos) pela ideologia, apresentada a partir do papel da mídia no universo esportivo, que mantém acesa a representação do profissional de elite. A ilusão do sucesso é, então, a confirmação (objetivação) dessa captura ideológica.

Constatai que o futebol provoca produções ideológicas no campo social à medida que as identificações da sociedade estão sendo constantemente deslocadas, fazendo com que haja preservação de alguns mitos: Pelé, Romário, Ronaldinho, Ronaldinho Gaúcho, todos eles oriundos das camadas mais humildes da população, que se tornaram reis, fenômenos, mitos brasileiros que a cada dia mais se reforçam, por preservação do próprio sistema, e fazem com que garotos brasileiros, como os entrevistados, depositem suas esperanças em se igualar a eles ou superá-los.

Ao se incluir no grupo e cultura do clube, emerge a representação ilusória da possibilidade de conciliação entre o idealismo do “amor à camisa” e o mercenarismo do poder monetário inerente à carreira do jogador no atual momento conjuntural.

Essa representação é percebida como um pré-requisito do processo natural pelo qual qualquer jogador que se propõe a seguir carreira deve passar. É notória a constatação de que o amor pelo clube virou estratégia a serviço dos interesses econômicos do jogador, seus sonhos e aspirações. O sentimento de pertença a uma elite, já que freqüentando um clube de expressão, leva à representação social do jogador iniciante como predestinado.

Como representações, apontam para a ilusão que acompanha o jogador de futebol, como profissão de vida fácil, desmistificando-o a partir de sua desconstrução como palco de glória e re-apresentação como um campo de guerra, de sofrimento e morte. Emergiram as representações de futebol como libertação e, antagonicamente, como escravidão, daí porque a pesquisa investigar o futebol como responsável pela característica escravocrata de nossa sociedade (DaMatta, 1997), metáfora da nossa formação social.

A representação de que “vence na vida quem é iluminado” faz com que os jogadores pré-profissionais se comportem como “anjos da bola”: não bebem, não fumam, não traem as namoradas, não praticam a violência, não se expõem às manias da vida diária. Revelaram entregar-se ao futebol como única razão de sobrevivência, numa cegueira sem possíveis alternativas, e, assim, configuram um panorama de alienação ao esporte, mesmo em fase inicial, expressado na falta de alternativas profissionais para possível fracasso, não representado e nunca admitido como possibilidade.

Assim, reproduzindo a moral do escravo, o pensamento escravocrata que ainda sobrevive neste meio, “do 8 ou 80”, do “tudo ou nada”, ainda declaram-se apaixonados pelo que fazem!

O futebol, conforme Moscovici (2003), já nos foi apresentado como um esporte dominado por ritos e crenças que criam e sustentam personagens culturais que refletem os dilemas básicos da formação da sociedade que os engendra. As representações encontradas com este trabalho, além de confirmarem os antagonismos inerentes ao estudo do futebol, marcante nesta pesquisa, nos sugerem a formação da própria nação brasileira que, apesar de ter sido decretada a Lei Áurea, tem registrada em sua origem e atualidade a luta pela superação da condição de escravo, no sentido de excluído e explorado.

A metáfora de brancos elegendo uma data de libertação dos negros é ainda reproduzida a partir da ambivalência do futebol no Brasil, que nunca foi um esporte originariamente de brancos, e do qual, conforme Garrincha, “o único crioulo neste país que levou vantagem com a Lei Áurea foi Pelé. Os outros continuam na mesma”. (Garrincha, ponta-direita bicampeão do mundo *apud* Aquino, 2002)

Do ponto de vista social, o que está em jogo aqui é o grau de presença, ou de força, da crença, do grau em que essas representações estão vivas ou mortas. Conforme Moscovici (2003), não se pode compreender a vida dos indivíduos ou grupos se o cruzamento híbrido entre crenças e conhecimento for menosprezado. “A mistura daquilo que é considerado verdadeiro porque nós nele acreditamos e aquilo em que nós acreditamos porque o consideramos verdadeiro. A pobreza do cognitivismo não é que ele ignore o sentido; ele deixa de fora as crenças”.

Por isso, parafraseando Benjamim Wright, volto a afirmar que o futebol continua sendo uma “caixinha de surpresas”: [...] Ronaldinho, em sua entrevista do dia 15/05/05, comentando as manifestações de racismo no futebol, declarou “[...] eu sou branco!”. Que surpresa repete, cinquenta anos depois, Robson da Silva, jogador do Fluminense que na década de 50 declarou: “Eu já fui preto e sei o que é isso”.

O futebol, para os entrevistados, é a representação da expectativa de branqueamento, enriquecimento e inclusão social na elite que implantou o futebol no país e continua manipulando-o. De todos os adolescentes pobres e negros que nutrem essa representação do futebol como redenção social, apenas uma ínfima minoria galgará os sucessos da glória e do espetáculo; os demais, serão empurrados para o exército industrial de reserva ou marginalidade, mas nem por isso, das gerais ou da poltrona em frente à televisão, deixarão de proferir o grito de brasilidade, de alienação na identificação com um herói “sem nenhum caráter”. Um jogador negro e famoso declarou: “[...] eu sou o cara [...]” (Romário). Parafraseando Brecht, “[...] triste é o país que precisa de heróis [...]” mais triste ainda quando ele está de chuteiras Nike.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILAR, José Roberto. **Foto da capa desta dissertação**. “Série Futebol I” 1976, óleo sobre tela 113,8 x 146,5 cm – Coleção Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – USP. In: DAMATTA, Roberto; GUEDES, S. L.; NEVES, L. F. B. & VOGEL, A. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1982, p. 86.
- AQUINO, R. S. Leão de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ARRUDA, A. **Subjetividade, mudanças e representações sociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, pp.48-70.
- BACKZO, B. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi, Anthropus Homem**. Portugal: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, v. 5, 1985.
- BATE, Peter. Soccer meets economics: Pelé and Kissinger highlight seminar on sports and development. In: **IDB America**. May/Jun 2000. <http://www.magportal.com/e/sport/soccer/old.php3/2>
- BELLOS, Alex. **Futebol: Soccer, the Brazilian Way**. Publishers Weekly 0000 – 0019 v249 il7, April 29, 2002, p. 51(1).
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- BIDDLE, S. J. H. Psychology of Sport and Exercise – Present and Future. **Psychology of Sport & Exercise**, v.1, Julho 2000, pp. 16; 383-388.
- BIDDLE, S. J. H. Psychology of sport and exercise: A progress report. **Psychology of Sport & Exercise**, v. 4, Jan. 2003, pp.1-2.
- BLEGER, J. A entrevista psicológica: seu emprego no diagnóstico e na investigação. In: **Temas de Psicologia: entrevista e grupos**. Trad. Rita Maria N. de Moraes, 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989, pp. 7-41.
- BOCK, A. M. B. Eu caçador de mim: pensando a profissão de psicólogo. In: SPINK, M. J. (Org.) **O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993, pp. 280-291.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAVALCANTI. O mito do “herói” e o futebol. In: GIORGETTI, Ugo (org.) **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro: José Olympio, 14. ed., 1999.
- CIAMPA, Antônio da Costa. **A identidade social e suas relações com a ideologia**. Dissertação (Mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1977, 147 p.

- CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: LANE & CODO (orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória de Severino e a história de Severina**; um ensaio de psicologia social. 2a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. In: **Interações Estudos e Pesquisas em Psicologia**. V. III, nº 6, pp. 87-101, jul. de 1998.
- CICOUREL, Aaron. V. **Discourse, organization practices, and interpersonal networks**. San Diego University: California Press, 1990.
- COSTA, Márcia Regina da. Apresentação. In: GIORGETTI, Ugo (org.) **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- CRICK, Michael. The world through soccer's eyes; Football books. Book Review. In: **The Economist** (US) 0013-0613 June 8, 2002, pNA.
- DAMATTA, Roberto, GUEDES, S. L., NEVES, L. F. B. & VOGEL, A. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982, pp.23-41.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio: Notas em torno do significado do futebol brasileiro. **Revista USP**, Dossiê Futebol, n.22, 1994.
- DAMATTA, Roberto. **O Que Faz o Brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, pp.33-40.
- De ROSE JUNIOR, D. & SIGOLI, M. A. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n.2, p.111-119, junho 2004.
- DURKEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1995.
- ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. Trad.: Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2002, 170 p.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ENRIQUEZ, E. & outros. **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Org. e Trad.: Marília Novais da Mata Machado et alii. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FARR, Robert. **As raízes da psicologia social moderna (1872 – 1954)**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FERRANDO, M. G. **Aspectos sociales del esporte: uma reflexión sociológica**. Madrid: Alianza Editorial, 1990.
- FLORENZANO, José Paulo. **Afonsinho e Edmundo: a rebeldia do futebol brasileiro**. São Paulo: Musa, 1998.
- FREUD, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud – Vol. IX**. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A., 1976.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Record, 1933.
- FURTADO, O. As dimensões subjetivas da realidade; uma discussão sobre a dicotomia entre a subjetividade e a objetividade no campo social. In: FURTADO, O. & GONZÁLEZ-REY, F. L. (Org.) **Por uma epistemologia da subjetividade; um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, pp.91-105.

GEERTZ, Clifford. **The Interpretation of Cultures: Selected Essays**. Nova York, Basic Books. Tradução brasileira: Zahar, 1978.

GIORGETTI, Ugo (Org.). **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999, pp.29-240.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandrina, 2002, pp.142-161.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985, 233 p.

GOLDGRUB, Franklin. **Futebol: arte ou guerra? Elogio ao drible**. Rio de Janeiro: Imago, 1990, pp. 11-13; 29-39; 66-75.

GONÇALVES, Guillermo de Ávila. **Comparação do VO2 máximo estimado, tempo de corrida de 50 metros e carga psíquica de jogadores de futebol de posições diferentes, de equipes da categoria júnior, da região metropolitana de Belo Horizonte – Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 1993.

GONÇALVES, Guillermo de Ávila. A várzea e a rua: o futebol das práticas não-formais e suas representações sociais. **Revista da Universidade Católica de Goiás**, Goiânia: Editora da UCG, v. 31, n. 1, pp. 137-146, jan. 2004.

GONÇALVES, Guillermo de Ávila. Escolinhas de futebol para crianças: expectativas dos pais de alunos. Estudos: **Revista da Universidade Católica de Goiás**, Goiânia: Editora da UCG, v. 31, n. 1, pp. 185-206, jan. 2004.

GONZÁLEZ-REY, F. L. La subjetividad: su significación para la Ciencia Psicológica. In: FURTADO, O. & GONZÁLEZ-REY, F. L. (Org.) **Por uma epistemologia da subjetividade**; um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, pp.17-42.

GUARESCHI, N. A criança e a representação social de poder e autoridade: negação da infância e afirmação da vida adulta. In: Spink, M. (Org.) **O Conhecimento no Cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GUARESCHI, P. Representações Sociais; alguns comentários oportunos. In: **Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representação social**. Coletâneas da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP, v. 1, n. 10, set. 1996, pp.15-23.

HELAL, J. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HENRIQUES, C. C. & SIMÕES, D. M. P. S. (Orgs.). **A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, 120 p.

JAMES, William. “Pragmatismo”. In: WILLIAM JAMES E BERGSON. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1989.

JONES, C. & McNAMEE, M. Moral Reasoning, Moral Action and the Moral Atmosphere of Sport. **Sport, Education and Society**, v. 5, n. 2, out. 2000, pp.131-146.

JODELET, D. Représentation sociales: phénomènes, concept et theories. In: MOSCOVICI, S. (dir.). **Psychologie Sociale**. Paris: PUF, 357-378.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais In: GUARESCHI, P.A. & JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994, pp.63-85.

LANE, S.T.M. A dialética da subjetividade versus objetividade. In: FURTADO, O. & GONZÁLEZ-REY, F. L. (Org.) **Por uma epistemologia da subjetividade; um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, pp.11-16.

MACHADO, Igor José de Renó. **Futebol, clãs e nação**. Dados, 2000, vol.43, n. 1. Disponível em: ISSN0011-5258. Acesso em: 10 de jan. de 2003.

MATTU, Ravi. The fine art of futebol (Arts & Books). **National Post** 1493-4779, v4 i260, August 31, 2002, pSP5(1).

MAURÍCIO, M. **As melhores frases do futebol**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MEAD, G. H. An Appreciation. **University of Chicago Magazine**, XXIII, 1930-1931, p. 370.

MEAD, G. H. The Social Philosophy of George Herbert Mead. **American Journal of Sociology**, XXXVII, 1931, pp. 368-385.

MEAD, G. H. George Herbert Mead and the Philosophy of Philanthropy. **Social Service Review**, VI, 1932, pp. 37-54.

MEAD, G. H. **Espiritu, persona y sociedad. Desde el punto de vista del conductismo social**. Buenos Ayres: Paidós, 1972.

MEDRADO, Benedito. Das representações aos repertórios: uma abordagem construcionista. **Revista Psicologia & Sociedade**, vol. 10, nº 01, jan./jun., 1998.

MELHOR, Antônio. Futebol profissional. **Jornal A Tarde**. Caderno Esporte Clube- Seção Brado, Salvador – Bahia, pág. 12, (31 de janeiro de 2005).

MELHY & WITTER, J. (Orgs.) Futebol e Cultura. **Imprensa Oficial/Arquivo do Estado**, São Paulo, 1982.

MICELLI, P. **O mito do herói nacional**. São Paulo: Contexto, 1988.

MINAYO, M.C.S. (Org.) **O desafio do conhecimento; pesquisa qualitativa em saúde**. 6ª ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999. 255 p.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social; teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

MORIN, Edgar. Amor, poesia e sabedoria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998 In: CARRANO, Paulo César Rodrigues (Org.) **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, S. The Origin of social representations: A response to Michael. **New Ideas in Psychology**, v. 8, 3. Ed, 1990, pp.383-388.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, pp. 7-62; 342-345.

MOURA, M. L. S. de. **Manual de elaboração de projetos de pesquisa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, 134p.

MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça – elementos básicos de sociologia do futebol**, Rio de Janeiro, Irradiação Cultural, 1996.

MURAD, Maurício. Futebol e cinema no Brasil 1908/1981. In: GIORGETTI, Ugo (org.). **Futebol: espetáculo do Século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

OLIVEIRA, A. B. C. **Representações sociais dos ídolos do futebol: construção e significados**. In: X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Florianópolis. Anais...Florianópolis, v. 2, 1999, pp. 368 – 372.

PAES DE ANDRADE, Renato. **O jogo duro das torcidas: identidade e dramaturgia masculina na violência dos torcedores de futebol de Salvador**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia. Salvador, maio de 2004.

PEDRO, W. J. A. **Metamorfoses masculinas: significados objetivos e subjetivos. Uma reflexão psicossocial na perspectiva da identidade humana**. Tese (Doutorado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2002.

PICHON-RIVIÈRE, E. & QUIROGA, A. P. **Psicologia da vida cotidiana**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 176 p.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O Processo Grupal**. Trad. Marco Aurélio Fernandes Velloso. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 239 p.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do Vínculo**. Trad. Eliane Toscano Zamikhouwsky. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 129 p.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol – Violência e autoafirmação – Aspectos da construção das novas relações sociais**. São Paulo: Vogal Editora, 1997.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das Torcidas Organizadas nos estádios de futebol. In: GIORGETTI, Ugo (Org.) **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

PINHEIRO, Odette de Godoy. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, M. J. (org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos: aproximações teóricas e metodológicas**. 2^a. ed, São Paulo: Cortez, 2000.

PORTO, Roberto & MÁXIMO, João. **A história ilustrada do futebol brasileiro**, Documentação Brasileira, 1969 (4 volumes).

POTRAC, Paul; JONES, Robyn & ARMOUR, Kathleen. 'It's All About Getting Respect': The Coaching Behaviors of an Expert English Soccer Coach. **Sport, Educacion and Society**, v. 7, n. 2, out. 2002, pp. 183-202.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998. 262p.

RAMADAM. Mito, Crônica, Futebol. In: GIORGETTI, Ugo (Org.) **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

REVISTA ESPORTE CLUBE VITÓRIA. Salvador, n. 14, Janeiro de 2000.

REVISTA FÁBRICA DE TALENTOS – Industry of First-rate Players. Salvador: Vitória S./A.

REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, n. 1183, Junho de 2001.

RIBEIRO, S.D.N. et al. **Filhotes de leão; mitos do universo do futebol na formação de novos atletas do Vitória S.A.** Monografia de Especialidade em Psicologia Organizacional. Universidade Salvador – UNIFACS. Salvador, 2001.

RIBEIRO, S.D.N & KODATO, S. **Mitos do universo do futebol e identidade profissional: fatores constitutivos**. In: ANAIS da XXXII Reunião Anual de Psicologia: SBP. Florianópolis-SC, 2002. p. 384.

RIBEIRO, S.D.N. & KODATO, S. **Mitos, crenças e representações na iniciação ao futebol: repercussões identitárias**. In: ANAIS da III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais; Relações entre práticas e representações sociais. Observatório de Pesquisas e Estudos em Memória e Representações Sociais. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003, p. 151.

ROSA, Mário Miranda. **Um ramo de arruda na chuteira do futebol brasileiro e os bastidores dos campeonatos do mundo de 1958 e 1962**. São Paulo: Edicon, 1. ed., 1994.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

SANTOS, Luiz Marcelo Vídero Vieira. **A evolução da gestão no futebol brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Administração). Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo. 2002. 105p.

SIMÕES, A. C. & De ROSE JUNIOR, D. Psicossociologia aplicada ao esporte: contribuição para a sua compreensão. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 13, n.2, pp.88-97, 1999.

SIMÕES, A. C.; De ROSE JUNIOR, D.; KNIJNIK, J. D.; CORTEZ, J. A. A. A psicossociologia como área de conhecimento da ciência do esporte. **Revista Paulista de Educação Física**: Comemorativo aos 70 anos da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 18, n.especial, pp.73-81, 2004.

SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993, pp. 85-108.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais In: GUARESCHI, P.A. & JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 117-145.

SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1999.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, Col. Paidéia, 7, 2002, 342 p.

VERÍSSIMO, Érico. **Novilhos**. In: Jornal A TARDE, Coluna Nacional, 20/07/2003, Salvador – BA

WITTER, J. **O que é Futebol**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Toma Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2000. pp. 7 – 72.

YOUNG, Michael. Soccer mirrors globalization and its discontents. In: **Wide World of Sports**. April, 2005.

ANNEXOS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Of.CEtP/021/2003/02.06.2004

Senhora Pesquisadora:

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "**CRENÇAS E REPRESENTAÇÕES A INICIAÇÃO AO FUTEBOL: UM ESTUDO PSICOSSOCIAL**", foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 28ª Reunião Ordinária, realizada em 28/05/2003, sendo enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 086/2003 – 2003.1.247.59.0.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Prof. Dra. Eucia Beatriz Lopes Petean
Coordenadora do CEP-FFCLRP-USP

Ilustríssima Senhora
Sinara Dantas Neves Ribeiro
Departamento de Psicologia e Educação - FFCLRP-USP

C/c Prof. Dr. Sérgio Kodato.

1. NOME DA PESQUISA

Mitos, crenças e representações na iniciação ao futebol: um estudo psicossocial

2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Sinara Dantas Neves Ribeiro

CRA (BA) nº : RD – 7862

3. ORIENTADOR RESPONSÁVEL: Prof. Dr. Sérgio Kodato

CRP nº : 04 – 3024

4. DESCRIÇÃO DAS INFORMAÇÕES QUE DEVERÃO SER, OBRIGATORIAMENTE, PRESTADAS AOS SUJEITOS DA PESQUISA:

Você está sendo convidado a participar de um estudo vinculado à faculdade de filosofia, ciências e letras de ribeirão preto – universidade de são paulo, que pretende, através de entrevista individual, obter dados a respeito dos significados compartilhados pelo jogador de futebol iniciante acerca do futebol, buscando-se identificar a influência destes elementos na sua identidade e práticas sociais. As entrevistas serão realizadas com 10 jogadores de futebol da divisão de base deste clube, independente da categoria a qual pertencem. É importante destacar que entender como o futebol se apresenta no Brasil é entender a sociedade brasileira, eclética, mística, misteriosa. Por isso, investigar as razões históricas de esperarmos tanto do futebol, saber por que a sociedade brasileira atribuiu ao jogador de futebol a condição de herói, o que a instituição futebol representa para o indivíduo, são alguns dos questionamentos que estimularam este estudo. Você poderá contribuir com esta discussão dispondo um pouco do seu tempo para participar das entrevistas cujo sigilo frente à participação será mantido e, no caso de publicação ou exposição do referido trabalho, seu nome não será divulgado. Para posterior análise do conteúdo, as entrevistas serão gravadas mediante sua permissão. Não há previsão de desconfortos e riscos para esta modalidade de estudo, no entanto você poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo da mesma.

DATA : _____

NOME E ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

TERMO DE CONSENTIMENTO

ANEXO 3

EU _____ abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido sobre todas as condições que constam do documento “ESCLARECIMENTOS AO SUJEITO DA PESQUISA”, de que trata o Projeto intitulado: ***“Mitos, crenças e representações na iniciação ao futebol: um estudo psicossocial”***, que tem como pesquisador responsável a Sra. Sinara Dantas Neves Ribeiro, especialmente no que diz respeito ao objetivo da pesquisa, aos procedimentos que serão utilizados, aos riscos e aos benefícios, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram asseguradas, a seguir relacionadas:

- 1- A garantia de receber esclarecimentos a qualquer etapa do trabalho, dos riscos e benefícios que a técnica utilizada poderá trazer.
- 2- A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso traga prejuízo à continuidade do trabalho.
- 3- A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com a minha privacidade.
- 4- O compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo.

Declaro, ainda, que concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto a minha vontade em participar do referido projeto.

Salvador, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante:

Endereço do participante:

Assinatura do pesquisador responsável:

Sinara Dantas Neves Ribeiro

Endereço do pesquisador responsável:

Av. dos Bandeirantes, 3.900 – Monte Alegre - Ribeirão Preto - SP

Bloco D da FFCLRP-USP – sala 2

I - Dados de identificação

Nome: _____

Sexo: _____ Idade: _____

Procedência: _____

Profissão: _____

Filiação: Pai: _____

Profissão do pai: _____

Mãe: _____

Profissão da mãe: _____

II – Tópicos

- Opinião sobre Esporte na sua vida e no Brasil. Significados.
- Associações feitas ao falar de esporte.
- Pensamentos a respeito do universo do futebol.
- Brasil: O país do futebol.
- O futebol como profissão.
- Significado do jogador de futebol (pessoal e social). Profissão? Percepções.
- Expectativas quanto ao papel do jogador de futebol./ Pretensões/ Queixas
- Sentimentos: anonimato x fama; sujeito x jogador
- Herói. Possui algum? E no futebol?
- A mídia/ Personagens
- Opinião sobre o fenômeno da idolatria/identificação heróica. Mito? Injustiça?
- Auto-percepção como sujeito, pertencente a esta sociedade. / Reconhecimento?
- Abrir espaço para comentários adicionais

ENTREVISTAS:

SUJEITO 1:

ENTREVISTA VITÓRIA S/A:

Sexo: masculino

5 MESES no clube

Idade: 18 anos

Procedência: Recife

Profissão: Jogador de futebol

Profissão dos pais: Pai - Jogador de futebol e empresário (dono de 2 escolinhas de futebol em Recife)

Mãe - Vendedora de uma loja de roupas

P: O que eu vou querer saber é da sua infância até hoje, só que de uma forma resumida...Como o futebol surgiu em sua vida (porque você era pequenininho, não sabia nem o que era futebol), e aí?

R: Rapaz, eu acho que não. Eu acho que desde que eu nasci, eu acho que esse era meu destino, porque desde criancinha, desde antes de eu ir para Portugal, porque eu fui para lá e morei lá por 8anos.

P: Você foi para Portugal com quantos anos?

R: 2 anos.

P: E seu pai já era jogador de futebol?

R: É, meu pai já era jogador e a gente foi para lá por causa do futebol dele, que jogava no Esporte Recife e aí foi indicado para ir para Portugal. Eu tenho uma irmã que é portuguesa, hoje tem 7 anos e um irmãozinho de 2 anos, brasileiro. Eu me lembro de muita coisa. Sei até falar a língua! Da minha casa toda só eu é que ainda lembro da língua! Fiquei lá dos 2 anos de idade até os 10 anos.

P: E assim, você lembra, não porque o pessoal te conta, o que é que você tem de recordação dessa mudança na sua vida Brasil-Portugal?

R: Eu lembro que quando eu tinha 4 anos, assim, eu já jogava bola, já tinha torneios, já jogava em campo de futebol mesmo! Eu acho que eu comecei a jogar bola com 4 anos, pelo menos é o que me falam. Minha mãe vivia com meu pai, engravidou cedo de mim e graças a Deus largou tudo para ir com ele. E aí em casa era só futebol, futebol, desde cedo sabia o que era futebol, via meu pai dar entrevista, sair no jornal, revistas, 'pá'...

P: E seu pai nas horas vagas jogava futebol com você?

R: Jogava sim. Eu acho que a minha infância foi a melhor do mundo. Primeiro porque meu pai lá teve condições de me dar tudo o que eu quisesse. No começo foi apertado, né ?! Assim, no começo, logo quando eu nasci ele era pobre, mas ele jogava bem, teve oportunidade e foi negociado e aí partiu para fora do país.

P: Então a primeira bola foi seu pai quem deu, né?

R: Exatamente. Logo quando eu nasci. E jogava com meus colegas de lá.

P: E você lembra a primeira vez que você foi num campo de futebol?

R: Foi lá em Portugal, com 5 anos. Mas com 3 anos eu ia sempre só que só aos 5 anos eu fui ver um jogo mesmo. É que lá eu era mais preso porque o povo era meio 'fechado', não é

muito comunicativo como o brasileiro. Aí minha mãe ficava meio receiosa. O brasileiro é mais hospitaleiro!

P: E sua família nessa época...do que você recorda já que lá você não tinha contato com sua família?

R: É, ficou todo mundo em Recife: minha vó, meus tios...

P: Eles iam te visitar, como era?

R: Não. Era eu quem vinha para o Brasil. Aí eu adorava porque aqui no Brasil eu ficava mais solto, ia pra praia, assim e tal.

P: Lá em Portugal seu pai era um ídolo?

R: Ah, era!

P: E você se recorda se você gostava de vê-lo assim como um artista...Você não vai saber me dizer o que você pensava na época, mas será que isso te atraiu para o futebol também?

R: Ah...eu acho que sim porque o povo vinha cumprimentar, tratava bem... Não é que não tinha sossego, mas eu via e comecei a gostar daquilo. Eu falava: “um dia eu vou ser assim também”.

P: Escola: você começou a estudar lá, né?

R: É. Lá se entra na escola com 7 anos de idade. É obrigatório passar para a primeira série, lá não tem alfabetização. Na época que eu estudava lá ainda era na época da palmatória! A régua tinha uma espessura bem...

P: E quando você passava férias aqui não tinha vontade de ficar aqui de vez não? Não voltar mais pra lá?

R: Rapaz, vontade tem. Mais por causa das origens... e do clima porque lá só tem praticamente 2 meses de calor, é muuuito frio!

P: E como foi que seu pai voltou?

R: Eu acho que foi por causa de contrato mesmo. Coisa dos empresários... Ele tinha também uns contratos curtos, jogava em Recife e em Portugal, aí eu ficava em Recife mesmo.

P: E como foi que você resolveu entrar num clube de futebol?

R: Meu pai, como já sabia de tudo, aí ele mesmo me ensinava e eu não precisei nem entrar em escolinha! O problema é que ele não tinha muito tempo, mas quando estava em casa era toda hora.

P: E ele falava: - Meu filho, eu quero que você se torne um jogador.....?

R: Não. Nunca falou, nem exigiu nada. É que eu também gostava e quando me perguntavam o que eu iria ser quando crescer eu falava logo: jogador de futebol!

R: Meu pai veio para cá em 94, eu lembro que fiz aniversário até dentro do avião. Ele veio para o Brasil, aí foi para o Rio Grande do Sul, jogou mais um tempinho, aí depois quis parar, aí parou e criou duas escolinhas de futebol que existem até hoje em Recife. Eu entrei pela primeira vez numa escolinha de futebol na dele em 94, assim que nós voltamos. Aí eu jogava c/ outros clubes de futebol de Recife, onde ele tinha influência, aí marcava os jogos. Foi quando o time jogou c/ o Náutico e eu estava jogando pela categoria infantil, em que levei 2 anos. Aí o pessoal do Náutico me viu jogando pela escolinha (contra eles) e pediu para o meu pai deixar eu ir para o clube deles, e meu pai deixou, lógico! Aí era a primeira vez que fiz parte de um clube (com 9 anos).

P: E você acha que o pessoal do clube te escolheu por mérito mesmo ou porque você era filho do homem?

R: Ah, claro! Hoje em dia quem não tem influência, num vinga, como diz a gíria! Ele tinha influência mas também. se eu não jogasse dentro de campo nada iria adiantar! Por mais que ele usasse o nome dele, o futebol tinha que ser meu!

Eu fiquei no Náutico por 2 anos aí eu joguei contra outro time da capital, hoje o Esporte, aí eu fui para lá, onde fiquei dos 12 pra 13 anos até os 16.

P: E a escola, nessa época?

R: Tudo bem. Eu ia muito bem na escola porque se não fosse bem na escola não podia jogar futebol e se não pudesse jogar futebol aí eu iria morrer! A gente tem que fazer o que a gente gosta, aí eu estudava, me esforçava nos estudos, pra puder fazer o que eu gostava.

Sim, com 16 eu saí do Esporte e fui jogar pelo Atlético Paranaense, em q fiquei por 2 anos e meio, e foi lá q eu terminei meus estudos. No segundo ano colegial prestei vestibular e fui aprovado em Educação Física e Administração, mas não cursei. Foi no Atlético Paranaense que participei de várias competições, viajei quase o país todo, fui campeão em várias e daí um olheiro do Vitória me viu, porque eu joguei contra o Vitória, pelo Atlético Paranaense, e o clube despertou interesse por mim e aí hoje eu tô aqui, já vai fazer 4, 5 meses.

Agora eu gostei de estar aqui no Vitória porque minha família ta toda em Recife, eu agora tô mais perto deles. Além disso, me ofereceram mais para jogar pelo Vitória.

Meu pai joga ainda por um time de ex-jogadores do Esporte, chamado Máster.

P: Rendimentos da família?

R: Classe média, média mesmo, média, média, média, não tem esse negócio de média alta e média baixa. A minha é média média!

P: Você ta morando aqui?

R: Sim, por enquanto, depois eu vou alugar um ap., já tenho 18 anos!

P: E como é viver aqui? Tem horários...

R: Tem horário pra tudo, pra acordar, pra comer, pra jantar, pra tomar café, pra tudo!

O treino é às 08:30, às vezes 10:00, depende da categoria.

P: Família?

R: Apóia. Meu pai até briga comigo por causa do meu rendimento!

P: Auto-crítica:

R: Se eles me chamaram para jogar, se eu nem fiz teste, se eu fui convidado, é pq eu sou bom, eu não sou qualquer um. Se eu fosse qualquer um eu não estaria aqui, estaria em qualquer time, não querendo menosprezar, taria em qualquer time pequeno do Brasil.

P: E você já conhecia o Vitória?

R: Já, já, mesmo porque o Vitória é um time do Nordeste, e minha família toda sendo de Recife, eu já conhecia sim.

P: Você saiu lá do Atlético Paranaense e veio para o Vitória, e como é? A gente está discutindo muito na mídia essa questão do jogador passar pouco tempo nos clubes e como manter o tão famoso, “amor ao clube”, “amor à camisa”. Seu pai torcia para você quando você jogava pelo Atlético Paranaense, e agora, no Vitória?

R: Meu pai torcia sim porque eu jogava lá, e hoje ele torce pelo Vitória porque eu jogo aqui. Aí vem o lado profissional, você tem que acompanhar! Eu, por exemplo, sou Atlético mas se tiver q jogar contra eles eu vou tentar dar tudo de mim e tentar fazer o máximo de gols possíveis pelo Vitória porque é por aqui que eu vou ser valorizado, é pelo meu desempenho aqui no Vitória que eu vou traçar meu futuro.

P: Como é aqui para sair? Ir ao shopping?

R: Dá para sair normalmente, mas o ruim é que tem que ir com um vigia. Agora não, porque eu já fiz 18 anos, mas antes só de vigia. E quando mora aqui também não pode chegar tarde porque senão todo mundo vai saber e qualquer coisa que você fizer de errado no treino vão dizer que foi porque você tava cansado.

P: E namoro?

R: Não tenho namorada no momento. Tô ficando só.

P: A convivência com um monte de homem, como é?

R: Eu num sei não, mas veado aqui nem em outros times eu nunca vi não. Também se eu ver, num sei não, porque veado pra mim, se pudesse matar todos veado por mim podia matar! Por mais que eu não tenha nada contra, se vier mexer comigo vai levar um bocado de porrada!

P: Quê mais, esse monte de homem junto?

R: Um monte de homem junto vai conversar do quê? De futebol ou de mulher. É só isso que rola!

P: E droga?

R: Eu não tenho esse costume e nem nunca vi ninguém dos meus colegas envolvidos com isso. Acho que é por causa do esporte. Eles sabem que se eles se meterem com isso...

P: E a concentração antes dos jogos. Qual a sua opinião a respeito?

R: Sabe que eu nunca parei pra pensar nisso? Eu acho que tem que ser, que é importante! Pra quem é solteiro são 2 dias e pros casados 1 dia.

P: Vitórias e derrotas marcantes:

R: Vitória eu tenho uma que me marcou muito, que foi a do Esporte x Vitória, em que eu jogava pelo Esporte. E daí a gente ganhou a copa Nike aqui dentro e eu tiro onda com os cara daqui até hoje. E a derrota foi a de quando eu tava no Atlético Paranaense x Grêmio, e nós perdemos para eles e foi uma coisa meio que arranjada, porque eles tinham que ganhar. Mas meu pai é, como é que se chama (?), meu pai é um grande psicólogo nessa área. Quando eu tô assim, triste, eu ligo para meu pai aí ele fala: - Não, fique aí, quietinho, faça o seu.

Quando minha mãe me vê jogando ela faz muita crítica, diz que eu perco muito a bola. Mas, segundo meu pai, minha mãe esnobava ele, apesar dela já ter conhecido ele como jogador!

P: E violência, você pratica?

R: Não, só de vez em quando um ponta-pé, que de vez em quando tem que dar. Eu não sou um jogador violento, mais apanho do que bato, mesmo por causa da minha posição.

P: Machucados:

R: Já machuquei o adutor e fiquei 1 mês sem jogar futebol.

P: Obstáculos:

R: Eu acho assim, quem sabe jogar tem que passar pelos obstáculos muito bem, e, conseqüentemente, vai ter sua recompensa!

Pra mim que já morei no alojamento do Atlético Paranaense, esse alojamento daqui é um obstáculo, porque lá é o 2º melhor alojamento de clube de futebol da América Latina e eu passei 2 anos e meio usufruindo daquele conforto.

Por isso que eu ainda quero fazer vestibular, vai que por um acaso da vida eu não consiga chegar lá, eu não vou poder ficar vivendo atrás de meu pai e minha mãe a vida toda. Tem que ser independente! Se Deus abençoar, se ele permitir...

P: E quem é esse Deus que você tanto fala? Você é religioso mesmo ou é vício de linguagem?

R: Não, não, é Deus mesmo. Minha família é toda evangélica e eu também.

P: TV/FUTEBOL

R: Ah, o futebol com certeza é a programação que dá mais audiência no Brasil. Em termos de Copa do mundo, não precisa nem falar que o Brasil pára.

Mas da mesma forma que a TV coloca o jogador lá em cima, ela também derruba. O marketing em cima de um jogador, vou citar um exemplo que foi o Clodoaldo do Fortaleza, cuja empresária dele era Marlene Matos da Rede Globo e quando ela estava lá a imagem dele ficava passando várias vezes, em seqüência, na TV Globo. Isso é um marketing em cima do jogador e o empresário também ganha uma porcentagem sobre tudo que o jogador ganha. Então, é claro que é bom divulgar a imagem dele, que aí fica ainda mais valorizado.

P: Quem é seu herói?

R: Jesus Cristo, mas se for para eu me espelhar em alguém, que seja em meu pai. O caráter, o homem, tudo. Sempre que eu ouço falar em meu pai, eu ouço falar bem.

P: E no futebol?

R: Não tenho um herói assim, tenho um que eu gosto de ver jogando, que é o Romário. E tem outro também que é o Denílson, que é quem faz a arte do futebol.

Às vezes as pessoas pensam que futebol é só aquilo que a gente tá acostumado a ver na televisão, mas eles tão muito enganado. A gente sofre pra caramba aqui dentro. Se vocês soubessem...Pra saber só a gente mesmo pra falar. Vocês imaginam, mas não sabem!

Outra pessoa que eu admiro é meu empresário, que sempre me ajudou, até quando eu preciso de dinheiro. Ele também era jogador de futebol no Recife e também foi jogar em Portugal, mas era num time adversário ao de meu pai. Ele é mais que um empresário, ele é meu amigo.

P: Anonimato x fama / Mulheres

R: Eu aconselho que em relação a mulher os jogadores olhem bem quem está ao seu lado agora, desculpe a expressão, que vocês estão “lascados”. Tentem arrumar uma antes da fama porque as que vêm depois vão gostar de você pelo que você tiver, pela fama, e não pelo que você é. Se eu, por exemplo, achar uma modelo antes de ficar famoso, melhor ainda. Tem muita mulher bonita que não tá só interessada em carro. É só procurar!

P: Associações ao falar de esporte:

R: De imediato lembro de futebol, porque quem tá dentro do futebol tem que tá infiltrado nele 24 horas. Porque quem entra no futebol é como se estivesse entrando numa selva, ou você mata, ou você morre.

P: BR como país do futebol / Oportunidade de jogar fora:

R: Tenho muito orgulho! É lógico! Eu já sou um jogador de futebol brasileiro. Jogo num time do Brasil! Mas hoje o sonho de qualquer jogador de futebol é jogar fora do seu país. Se um dia eu fosse chamado iria na hora. O sonho de qualquer jogador é um dia chegar a jogar numa Copa do mundo, na seleção brasileira, e ser convidado depois para ir para fora do país.

P: Futebol como profissão: Se um dia seu filho falar: - Oh, meu pai, lá na escola o pai de todo mundo é médico, advogado, e só você é jogador de futebol?! E aí, você vai ter orgulho disso, vai ficar encabulado...?

R: Eu vou transferir essa pergunta para você. Se um dia o pai de todo mundo for na escola de seu filho, você acha que ele vai correr para falar com o pai que é médico, dentista, advogado, ou com o que é jogador de futebol? O filho desse cara vai ser famoso na escola, vai ser a sensação.

P: Expectativas quanto ao papel de jogador de futebol:

R: Eu adoro, sou louco pelo que faço.

P: E se te perguntam qual a sua profissão, você responde o quê: estudante ou jogador de futebol?

R: Depende, se for homem eu falo jogador, mas se for mulher eu não falo que sou jogador não, eu espero aprofundar mais a conversa pra ver onde ela quer chegar. Como eu te disse, eu quero arranjar alguém para namorar, não sou muito chegado a ficar, gosto de estar com alguém, e quando estou, estou mesmo, não tem conversa fiada, traição. Então, se eu quero namorar e na conversa vou logo falando que sou jogador, vai ficar muito fácil, se não falo, aí é mais verdadeiro, mais natural.

P: E com seu dinheiro, você faz o quê?

R: Fica todo pra mim. Eu compro roupa, sapato, dou um monte de presente para meu pai, minha mãe, irmão, irmã, porque eu adoro dar presente, e o que sobra guardo na poupança, porque nem dá pra ficar comprando muita coisa aqui porque já vi que roubam. Meu celular, eu guardei no meu armário, trancado e com chave e roubaram. Sumiu, nunca mais vi sinal dele. E olhe que tava com cadeado e não tinha vestígio de arrombamento. Fizeram um negócio muito bem feito! E já soube que não foi o primeiro caso de celular aqui.

P: Você sonha com a fama?

R: Não sei não, mas eu acho que ter fama assim como Ronaldinho eu não queria não. Ele não pode fazer mais nada, perdeu a privacidade. Mas eu já to vendo um pouquinho do que é a fama porque quando a gente viaja, a gente já tira foto e dá autógrafo porque a divisão de base

do Vitória já é uma seleção campeã nacionalmente (somos decacampeões baianos) e internacionalmente.

P: Após o reconhecimento como jogador de futebol, o que você pretende fazer?

R: Eu vou querer ter uma casa, um carro, tudo que uma pessoa normal quer ter na vida: felicidade, né?! É isso que importa! Mas felicidade eu já tenho, graças a Deus, pelo pai que eu tenho, pela mãe, irmãos. Eu sou já hoje uma pessoa muito feliz!

Além disso, eu quero ajudar uma entidade carente de Recife, ampliar a igreja batista que minha família frequenta em Recife e abrir uma escolinha de futebol, como meu pai, ou dar continuidade a dele.

SUJEITO 2:

ENTREVISTA VITÓRIA S/A:

Sexo: masculino

1 ANO no clube – Goleiro - Juvenil

Idade: 16 anos

Procedência: São Paulo - SP

Profissão: Jogador / Estudante

Profissão dos pais: Pai - Metalúrgico

Mãe - Supervisora de telemarketing

PAIS SEPARADOS, 3 IRMÃOS

P: O que eu vou querer saber é da sua infância até hoje, só que de uma forma resumida...Como o futebol surgiu em sua vida, porque você era pequenininho, não sabia nem o que era futebol, e aí?

R: Eu me lembro só de quando eu era pequeno, meu pai me deu uma bola de presente, aí eu brincava com ela, sempre me interessei, mas fui crescendo, crescendo e nunca levei à sério, nunca achava que ia chegar aonde estou agora.

Depois eu conheci os meninos da rua, tinha uma quadra na frente de casa, cada rua tinha uma quadra e eu vivia na quadra jogando bola, jogando bola, jogando bola.

P: E seu pai não dizia: - Menino, entra...Ou incentivava?

R: Meu pai também gosta de futebol, mas nunca teve a iniciativa de me colocar na escolinha, nada, mas sempre gostava de me ver jogando assim, mas nunca... Ele me incentivava.

P: E na sua família tinha alguém que já jogava bola?

R: Só um tio meu, mas eu só fui saber depois que eu já tava nesse meio.

P: E como você passou do futebol de rua para uma escolinha?

R: Meu primo já jogava na escolinha, ele era mais velho, aí ele me chamou para jogar na escolinha lá em SP, aí eu fui com ele, fiz escolinha lá e comecei a jogar. Nesse tempo minha mãe e meu pai separaram e era minha mãe quem pagava a escolinha. Eu estudava e treinava. Quando eu era pequeno não jogava de goleiro. Só na escolinha é que comecei a jogar no gol. As pessoas mais experientes, treinador é que me colocaram nessa posição e deu certo. Eu agarro bem.

P: E seu primeiro time, foi o Vitória?

R: Não. Foi o da escolinha lá de SP, onde iam vários times grandes, aí foi um dia o pessoal lá da Portuguesa, me viu jogando, aí me chamaram para jogar lá. Aí fiquei 1 ano na Portuguesa (com 13 anos de idade), mas como era muito longe de casa, preferi jogar num time mais próximo de casa, aí conheci um time de empresário paulistas que disputaram um campeonato

lá, que era um campeonato de peso, tinha bastante olheiro, aí eu disputei e o cara falou que o cara do Vitória tava interessado em mim. Aí me chamaram para vim para Salvador. Eu não fiz parte da peneira, já vim encaminhado pra cá.

P: Você mora aqui? Como é morar longe de casa?

R: Exatamente. Mas depois que meus pais se separaram, eu tava com 7 anos eu sempre ficava muito sozinho. Minha mãe sempre me deu uma educação excelente e quando eu vim morar aqui eu até queria sair de lá de casa pois num tinha mais meu pai...Aí eu vim para cá e me adaptei bem.

P: E os estudos?

R: Eu sempre estudei. Minha mãe sempre deu importância aos estudos e aqui no Vitória ela sabia que eles iam dar estudo. Minha mãe dá preferência ao estudo.

P: Rendimentos da família?

R: Dá para viver tranquilo. O que eu recebo, mesmo porque tá atrasado, desde o ano passado, mas eles fizeram um contrato para esse na, depois de 5 meses de atraso, eles disseram que vão pagar. Aí quando eles pagarem eu vou guardar para pagar minha faculdade de Educação Física, já que é a única coisa que eu acho que eu gosto, porque esses negócio de Administração, num sei não. Ah, também tem Turismo, que também minha mãe disse que é bom.

P: E como é viver aqui? Tem horário...

R: Tem horário pra tudo. 07:00 é o café, até as 08:00, depois tem os treinos, mais ou menos às 08:15, dividido por categorias, começando com a turma do juvenil A, seguidos pelo Juvenil B, Júnior e Profissional, que vai até as 10:30. Aí tem o horário do banho e almoço (11:30 às 12:30) e à tarde é liberado para fazer o que quiser: estudar as matérias da escola, assistir TV, que na maioria das vezes só pega um canal, geralmente a Globo ou dormir, que é o que a maioria faz todo o tempo livre em que estão cansados de treinar. Às 18:00 o carro vem buscar para levar quem estuda à escola e busca 22:00.

P: Família?

R: Apóia.

P: Auto-crítica:

R: Tô na minha melhor fase.

P: Treinamento/Concentração:

R: Sempre encarei sério todos os treinos, desde que eu comecei.

P: E namoro?

R: Eu não tenho, mas fico, quando vou ao shopping.

P: E droga?

R: Nunca vi ninguém aqui envolvido com isso. Mas também me educou muito bem e eu nunca me envolveria com isso.

P: Vitórias e derrotas marcantes:

R: Quando eu saí da Portuguesa, eu saí de lá reserva, aí eu fui jogar contra eles nosso time ganhou de 1 x 0. Aí foi uma vitória emocionante! Eu peguei até vento no jogo, mas agarrei tudo. Aí eles até queriam que eu voltasse pra lá de novo, mas eu não quis não.

P: E violência, você pratica?

R: Não.

P: Obstáculos:

R: No futebol tem muita gente que quer te derrubar, tem muito traíra. Tipo assim, uma pessoa que joga na sua posição quer ver você machucado, quer te derrubar. Mas aqui tem amigos também.

Também tem o preconceito, na escola mesmo, tem professor que fala: - Você é do Vitória? Cuidado! Jogador é burro! Aí eu falo pra ela que eu sou um aluno normal, igual a qualquer

pessoa. Não é porque eu jogo futebol que eu possa vir a ganhar mais, ou menos, aí também tem inveja, né?!

P: TV/FUTEBOL

R: A televisão é uma ótima influência. Sempre está ali. Em vários canal tem futebol, futebol, aí termina divulgando, aí você fica reconhecido em qualquer lugar. O Ronaldinho, por exemplo, pelo que ele já mostrou de futebol, merece toda a mídia que ele tem em cima dele.

P: Fama / Anonimato:

R: Quero me comportar com muita humildade. Mas sei que isto não vai ser uma grande novidade porque eu tô trabalhando para isso, para ser um jogador famoso, famoso não(?!), ser um jogador profissional, essa é minha profissão. O que eu quero é que o que eu tô fazendo na base seja reconhecido no profissional. A fama é uma consequência.

P: Você sonha com a fama?

R: Quero ser reconhecido, dar autógrafo, receber o carinho dos fãs.

P: Quem é seu herói?

R: Não tenho.

P: E no futebol?

R: Não tenho um herói assim, tenho um que eu gosto de ver jogando, que é o Ronaldo, goleiro do Corinthians.

P: BR como país do futebol / Oportunidade de jogar fora:

R: Orgulho!

P: Futebol como profissão:

R: É uma profissão. Eu tô investindo tudo nela.

P: E se não der certo?

R: Se não der certo?! Se não der certo eu nem sei o que eu faço. Vou estudar, vou arrumar um emprego.

P: O Vitória/ Suposição de futuro:

R: Eu acho que eu vou ser vendido. Uma que o Vitória é o clube que mais vende jogadores. A posição minha, goleiro, geralmente goleiro é muito vendido.

P: Após o reconhecimento como jogador de futebol, o que você pretende fazer?

R: Eu quero comprar uma casa pra minha mãe, uma família, um carro, pra eu equipar ele todo, “fazer chover” dentro do carro!

SUJEITO 3:

ENTREVISTA VITÓRIA S/A:

Sexo: masculino

3 ANOS no clube - Zagueiro - Juvenil

Idade: 16 anos

Procedência: Mato Grosso

Profissão: Jogador de futebol

Profissão dos pais: Pai: Metalúrgico

Mãe: Secretária

PAIS SEPARADOS – FILHO ÚNICO

P: O que eu vou querer saber é da sua infância até hoje, só que de uma forma resumida...Como o futebol surgiu em sua vida, porque você era pequenininho, não sabia nem o que era futebol, e aí?

R: Eu brincava em casa, na rua. Sempre gostei de jogar bola aí meu pai resolveu me colocar na escolinha. Mas não era paga. Fiquei 4 anos na escolinha aí depois eu fui jogar pelo Mirassol – SP, com 10 anos de idade. Aí do Mirassol, eu vim para o Vitória com 13 anos por indicação. Os cara daqui me viram jogar e me trouxe, os olheiro. Minha mãe veio comigo para conhecer, ficou uma semana e depois de eu aprovado ele foi embora. E foi aqui no Vitória que eu me levei à sério. Já tenho até contrato profissional! Alguns só têm contrato de formação de atleta!

P: E a escola?

R: Tô no 3º. Colegial. A gente não sabe o dia de amanhã. Futebol é uma profissão muito ingrata. A gente trabalha, trabalha e não sabe o que é que vai acontecer. Eu, por exemplo, posso ser vendido a qualquer momento. Hoje eu tô aqui, amanhã não se sabe.

P: Rendimentos da família?

R: Tudo bem.

P: Você tá morando aqui?

R: Sim.

P: E como é viver aqui? Tem horário...

R: Tem horário pra tudo, mas também eles libera pra sair. Tem clube que nem libera.

P: Auto-crítica:

R: Tô legal!

P: E namoro?

R: Não tenho namorada no momento. Tô ficando só.

P: E droga?

R: Eu não tenho esse costume.

P: Treinamento / Concentração:

R: Um jogador concentrado rende bem mais que com uma noite de sono perdida. Se ele vai pra uma festa fica complicado!

P: Vitórias e derrotas marcantes:

R: -

P: E violência, você pratica?

R: Não.

P: Obstáculos:

R: Tem bastante. Concorrência, disciplina, preconceito.

Às vezes a gente fala que é jogador aí tem aquele que logo fala: - Ah, é jogador, então é safado, sem vergonha, não presta, é mulhereengo, não leva nada à sério...

P: TV/FUTEBOL

R: É uma coisa boa, mas tem que saber levar, se não pode atrapalhar.

P: Você sonha com a fama?

R: Com certeza! Mas eu quero mesmo é ser reconhecido pelo meu futebol!

P: Quem é seu herói?

R: Minha mãe, depois de Deus.

P: E no futebol?

R: Não tenho herói, tenho ídolo: Romário. Não vi Pelé jogando!

Também gosto de Cafu. Eu me espelho nele porque é um cara com quase 40 anos, corre demais, não perde noite. Deve ser por isso que ele joga até hoje. E eu também quero jogar por muito tempo, como ele.

P: Anonimato x fama / Idolatria

R: Jogador virar herói é complicado porque nem sempre o jogador é tudo isso, mas às vezes a imagem dele pode ser usada por uma boa causa, aí sim. Pelé mesmo fez com que uma guerra parasse só porque ele pediu.

P: Amor à camisa x interesse financeiro:

R: É claro que o amor à camisa é importante, mas o grande foco é o dinheiro, porque se o clube passa 3 meses sem pagar, o jogador vai embora. Não tem amor certo!

P: Associações ao falar de esporte:

R: Saúde é o principal.

P: Futebol como profissão:

R: O futebol já conseguiu ganhar espaço, mostrar seu valor, e hoje os jogadores já encaram isso como um trabalho sério, apesar das pessoas da sociedade ainda não verem dessa forma.

P: Após o reconhecimento como jogador de futebol, o que você pretende fazer? Planos:

R: Eu quero dar uma vida melhor para minha família, né(?!), mas não precisa chegar a ser um Ronaldinho. Eu vou também investir em coisas que me dêem mais dinheiro, retorno: casa, apartamento, imóveis.

SUJEITO 4:

ENTREVISTA VITÓRIA S/A:

Sexo: masculino

4 ANOS - Meio-campo - Junior

Idade: 18 anos

Procedência: Mato Grosso - Cuiabá

Profissão: Jogador de futebol

Profissão dos pais: Pai: Pedreiro

Mãe: Professora

P: O que eu vou querer saber é da sua infância até hoje, só que de uma forma resumida...Como o futebol surgiu em sua vida, porque você era pequenininho, não sabia nem o que era futebol, e aí?

R: Eu brincava em casa, na rua. Mas aí meu primo me convidou pra jogar no time do bairro, eu tinha 9 anos. Bairro que, por sinal, eu moro até hoje. Aí minha mãe, que era professora, mas que na época tava trabalhando em Telemarketing, conheceu o irmão de Gaúcho, um jogador de futebol que tem uma escolinha lá em Cuiabá e ficava enchendo o saco dele para me ver jogar. Coisa de mãe coruja! Até que um dia ele ofereceu pra minha mãe me colocar na escolinha, mas ela não tinha como pagar pediu a ele um desconto e ele disse que se eu fosse bom eu ficaria lá sem precisar pagar. Mas no início eu não queria ir porque era escolinha de filhinho de papai e eu tava com medo de ser humilhado. Eu não queria conviver com essas pessoas porque eu era de classe menor. Mas fiz um acerto com minha mãe de que eu iria só durante uma semana, com a condição de continuar se eu gostasse de lá. No primeiro treino o professor gostou de mim, me convidou pra jogar num campeonato, mas eu não fui, fez outro convite que eu também não aceitei e aí ia ter um campeonato num bairro, eu resolvi ir e vi que todo mundo gostou de mim: o pai dos meninos, os menino, aí eu vi que não era como eu pensava. Apesar deles terem condições eu vi que eram pessoas muito humildes que até hoje gostam muito de mim, entram em contato, sempre que eu vou lá eles querem me ver.

Até que um dia eu tava em casa aí um professor daqui telefonou em minha casa e até hoje eu não sei como ele conseguiu meu telefone. Me convidou para o Vitória, que até então eu nunca tinha ouvido falar. Aí eu disse que eu tinha interesse e ele pediu autorização ao Gaúcho e aí eu vim pra cá, com 14 anos, fiquei 2 semanas em observação, e tô até hoje, já com 18.

P: Rendimentos da família?

R: Mais ou menos.

P: Você tá morando aqui?

R: Sim.

P: E como é viver aqui? Tem horário...

R: É bom porque economiza, tem comida, roupa lavada, água, luz, TV. Além disso, é melhor pra não perder a hora dos treinos. Se eu num morasse aqui teria que dividir um ap. com outro jogador, para rachar as despesas, e como é que ia ser pra cozinhar? Aqui pelo menos tem uma alimentação saudável! E eu num sei fazer comida saudável. Inda mais eu que só gosto de comer besteira, lanche. Às vezes aqui mesmo eu muitas vezes deixo de almoçar pra ir lanche, deixo de jantar pra ir lanche. Imagine se eu não morasse aqui? Ia viver só de lanche!

Se eu não morasse aqui, com certeza, todo dia ia querer sair. E morando aqui a gente segura mais a onda, a gente sabe qual é nosso objetivo aqui e perder noite é muito ruim pro que a gente faz porque a gente necessita muito do corpo e se hoje você dorme tarde, amanhã dorme tarde, aí tem o desgaste na hora que você vai treinar.

Morar aqui é completamente diferente de você morar em sua casa. As cobranças aumentam, aumenta também a responsabilidade, qualquer coisa eles estão cobrando. Sempre tem que vencer, vencer, vencer. O segundo lugar pra eles já não é nada. Você pode pensar até que a cobrança não é igual a do profissional, mas é até mais que a do profissional. Em casa às vezes, quando eu tô com minha namorada, me chamam pra jogar futebol e muitas vezes eu não vou. Eles ficam pensando que eu tô tirando onda porque eu sou de um clube profissional, mas não é isso, é que jogar em casa é completamente diferente de jogar aqui, justamente pela questão da responsabilidade. Se eu jogar lá é para me distrair, aí eu faço questão de jogar mais relaxado e sou logo criticado por aqueles que observam meu desempenho em campo para me criticar. A cobrança passa a ser tão grande que hoje em dia eu evito jogar uma partida descomprometida e me limito a jogar futebol só quando estou aqui. Pra não ser julgado até nas horas de descanso. Pra eles sou jogador de futebol 24 horas. Assim não dá!

Num é me achar superior, mas vi que quando eu volto pra minha cidade, em relação aos meus amigo de lá eu já evolui muito, amadureci. E vejo que aquela etapa de lá já é passado, não tem condição nenhuma de voltar a viver lá. As conversas, o tipo de vida...Chega lá a gente começa a entrar numa rotina que não tem nada a ver: enquanto eu tô de férias, descansando, meus amigos de lá tão tudo trabalhando. Aí só tem o final de semana!É uma vida diferente!

É engraçado porque às vezes quando eu tô aqui me dá uma vontade danada de ir para minha cidade passar um tempo, mas aí eu penso no que é que tem pra eu fazer lá: nada, ficar assistindo TV. E quando eu tô lá sinto saudade daqui. Não consigo ficar lá por muito tempo. É tudo muito diferente!

P: Auto-crítica:

R: Tô legal! Eu sei porque quando você tá jogando bem todo mundo fica do seu lado, ao seu redor, mas quando você tá jogando mal todo mundo se afasta. Dá pra saber.Eles vão lhe deixando de lado ou então vão lhe empurrando para outro time. Só que isso às vezes pode até ser bom, pra adquirir experiência, pra dar valor. Passar por outro clube é importante, experiência.

P: E namoro?

R: Acabei o namoro recentemente com uma menina da minha cidade por causa de fofoca do povo de lá.

P: E droga?

R: Eu não tenho esse costume.

P: Treinamento / Concentração:

R: O treino é muito intenso, necessita muito de preparo. Mas todo dia é a mesma coisa. Você já vai treinar sabendo o que é que você vai fazer e que amanhã vai ser a mesma coisa. Nem sempre eu acordo com aquela vontade!

P: Vitórias e derrotas marcantes:

R: -

P: E violência, você pratica?

R: Não.

P: TV/FUTEBOL

R: Eu num sou muito de assistir televisão. Parece brincadeira, mas é verdade. Até futebol eu não gosto de assistir pela TV, a não ser programa de esporte, que aí a gente é obrigado a ver porque todo mundo quer assistir, e como só tem 1 TV por quarto, aí eu assisto. Mas jogo eu não gosto. Eu assistia mais quando eu tava em casa do que depois que eu vim pra cá. Acho que é porque você ta vendo uma coisa que você faz todo dia, aí eu num vejo graça. Além disso, dá vontade de estar ali, no lugar do jogador. Eu sempre digo uma coisa: o sujeito que vier discutir futebol comigo ta perdendo tempo, principalmente se a conversa girar em torno de : - Ah, meu time foi campeão! Ele vai perder o tempo dele. Quando a conversa é sobre curiosidade aí tudo bem, mas só porque eu sou jogador todo mundo quer falar disso comigo, muita gente fica inventando pretexto pra falar comigo, perguntando um monte de coisas óbvias que não vão acrescentar nada a não ser puxar conversa.

P: Você sonha com a fama?

R: Já vi de perto, já dei entrevista, saí em revista e tive gente me esperando no Aeroporto.

P: Quem é seu herói?

R: Deus.

P: E no futebol?

R: Meu ídolo é Denílson, que é da mesma categoria que eu.

P: Amor à camisa x interesse financeiro:

R: É importante entrar no mundo do futebol como uma alternativa para conseguir ser algo, ter uma profissão. Mas sei que a maioria dos garotos encontram no futebol a oportunidade mais fácil de proporcionar conforto para suas famílias, e isso só se consegue através de dinheiro. Amar a camisa só não basta! Hoje temos que amar quem nos pague, para podermos realizar nossos sonhos.

P: Futebol como profissão:

R: O futebol é uma boa profissão, mas tem que ralar muito. Eu, por exemplo, nunca deixaria meu filho pequeno vim morar num clube de futebol porque eu já sei o quanto que esses garotos sofrem quando estão nesta fase. Mas, por outro lado, há um amadurecimento precoce. Tem suas vantagens e desvantagens. Dá pra crescer muito, muito mesmo. Querendo ou não, esperta logo cedo, num sabe?! Por causa da convivência. A gente “já viveu muito”, apesar da pouca idade! Já conheceu muita coisa. Por exemplo, coisas que a gente nunca mexeria em casa, aqui a gente aprende. Por exemplo, banco, essas coisa, que no caso ficaria pra mãe mexer. Além disso eu aprendi a não ter vergonha de me virar, de pedir uma informação. Se eu num tivesse aqui não pediria nunca, porque era um cara muito “fechado”.

P: E se não der certo? Se você não chegar ao profissional?

R: Eu prefiro nem pensar. Porque assim, apesar da gente estudar, eu sei que eu que tô aqui, eu num tenho currículo de nada, num sei mexer em computador, se eu for procurar um emprego e eu não souber mexer num computador, eu não vou pra lugar nenhum. A minha mãe fala: - Oh, meu filho, qualquer aperto você volta pra cá. Mas aí eu falo: -Mãe, eu num sei fazer nada. Eu não quero vim pra cá e trabalhar como servente, ajudante de obra. Eu vejo meu pai, que é pedreiro, se matando de trabalhar, sofrendo, eu num quero passar tudo o que ele passou. A minha tendência é querer melhorar a vida deles e a minha e pra mim ficar lá só se for trabalhar de servente. Eu falo a ela que a minha vida é o futebol, desde os 14 anos que eu só

sei fazer isso. Tô estudando, tô, mas lá pra frente, a minha última escolha mesmo, que não tiver jeito aí eu paro. Mas passar por tudo e agora que você tá conseguindo chegar lá, você largar tudo. É maluquice!

Emoção:

É interessante lembrar disso. Eu tava em casa, assistindo Esporte Espetacular e tava passando o Inter, que foi campeão da Copa Nike, e até então eu nunca tinha ouvido falar dessa competição. Aí eu pensava comigo... e tal, tal, tal... Depois de 1 ano eu pude viver tudo o que eu tinha visto na televisão. Eu nem imaginava, minha mãe, meu pai tavam assistindo na hora quando eu falei: - Um dia eu vou tá aí! Eu nunca imaginava que aquilo iria acontecer comigo. Em menos de 1 ano! Aquilo ali era uma competição que ia passando de categoria em categoria, de idade a idade, e sempre a mesma competição, sempre do mesmo jeito, então quer dizer, que tinha acontecido 1 antes com a galera do Inter, mais velha que a gente. Então eu num podia imaginar nunca. Aí eu vim pra cá, soube que ia ter a competição, mas na hora que eu tava vivendo não me lembrei disso. Só depois que passou tudo, que eu tava em casa, com meus pais, é que eu me lembrei disso, do meu sonho, que agora já nem era mais sonho, era realidade. Eu tenho medalha, troféu, recorte de jornal, tudo na casa de meu pai.

Já sou campeão, já sou rei, pelo menos na cidade onde nasci: Anonimato X Fama:
QUEIXAS NA INICIAÇÃO AO FUTEBOL

Eu nem tenho muita vontade de ir para minha cidade. Tenho saudade dos meus pais, mas tô perdendo cada vez mais a vontade de ir lá. Primeiro porque você chega lá e tem muita conversa, todo mundo fica avaliando tudo o que você faz. Você continua a mesma pessoa mas o povo fica o tempo todo tentando achar uma diferença no seu comportamento. Eles ficam chamando a gente de “jogador mala”, que é aquele que não fala com ninguém, metido, mas não é nada disso. É porque no interior aquele que sai se torna conhecido de todo mundo, toda vez que voltamos para passar férias todo mundo sabe, se você for ao centro da cidade fazer alguma coisa, você nem voltou e sua mãe já soube por onde você andou, o que fez, quem encontrou. O pior é que eles acham que a gente tem obrigação de falar com todo mundo, até com quem a gente não conhece. Eles me conhecem mas eu não conheço todo mundo! E vou falar pra quê com estranhos? Mas se não falo, sou mala! Aí é difícil! Isso tudo sem ser nem profissional! Imagine quando eu for?!

A gente vai pra lá, aqui estressa muito. A gente fica aqui 6, 7 meses, o estresse acumulado é enorme, tudo o que você faz num tá bom, ce num quer sair, num quer nada, aí quando cê vai pra casa cê quer relaxar, esquecer aqui. Aí mal cê chega na cidade já tão perguntando que dia cê vai voltar. E se passa mais de 1 mês é porque foi dispensado, num joga nada, isso quando num lhe perguntam diretamente quanto cê tá ganhando, sem nem perguntar antes como cê tá.

Tem gente que tem a ousadia de falar que tem dedo dele nessa contratação minha pelo Vitória, como se eu devesse alguma coisa a eles. Todo mundo já quer intimidade ou dizer que eu tô devendo favor, interessado no que eu possa vir a ter no futuro.

SUJEITO 5:

ENTREVISTA VITÓRIA S/A:

Sexo: masculino

4 ANOS - Atacante - Junior

Idade: 18 anos

Procedência: Mato Grosso - Goiânia

Profissão: Jogador de futebol

Profissão dos pais: Pai- Pedreiro

Mãe - Dona de casa

P: O que eu vou querer saber é da sua infância até hoje, só que de uma forma resumida...Como o futebol surgiu em sua vida, porque você era pequenininho, não sabia nem o que era futebol, e aí?

R: Eu brincava em casa, na rua. Aí quando eu tinha 8 anos um rapaz me viu jogando, me matriculou numa escolinha de futebol, pagava pra eu aprender a jogar, mas perdi o contato e até hoje não sei quem ele é. Daí um olheiro do Vitória me viu quando eu tinha mais ou menos 11 anos e me ofereceu pra eu vim pro Vitória. Logo quando cheguei aqui consegui uma vaga para fazer parte da seleção que ia disputar a copa Nike na Alemanha e fui. Muitos garotos tinham mais tempo no clube e não foram. É como se eu tivesse “furado a fila”. No futebol, o saber jogar ainda consegue muita coisa! Fui e consegui ser campeão em tão pouco tempo de clube! Foi minha primeira e grandiosa conquista!

P: Rendimentos da família?

R: Mais ou menos.

P: Você tá morando aqui?

R: Sim.

P: E como é viver aqui? Tem horário...

R: = sujeito anterior

P: Auto-crítica:

R: Tô legal! Dá pra saber.

P: E namoro?

R: Namoro com uma menina da minha cidade mas de vez em quando troco uns beijinhos com umas daqui, mas nada sério..

P: E droga?

R: Eu não tenho esse costume.

P: Treinamento / Concentração:

R: Nem sempre eu acordo com aquela vontade! = sujeito anterior.

P: Vitórias e derrotas marcantes:

R: Já fui expulso por causa de 2 cartões amarelos.

P: E violência, você pratica?

R: Não.Só um empurrãozinho necessário, uma cotovelada bem disfarçada. Agressões necessárias. Mas já fui muito mais violento. Hoje tô acomodado!

P: TV/FUTEBOL

R: Eu num sou muito de assistir televisão. = sujeito anterior

P: Você sonha com a fama?

R: Já vi de perto, já dei entrevista, saí em revista e tive gente me esperando no Aeroporto. Quero conquistar isso novamente.

P: Quem é seu herói?

R: Deus.

P: E no futebol?

R: Romário.

P: Amor à camisa x interesse financeiro:

R: = sujeito anterior

P: Futebol como profissão:

R: = sujeito anterior

Penso em conquistar dinheiro e fama. Além disso sei que o Vitória é um lugar de passagem. Quero ter um bom desempenho para ser negociado com times de fora, principalmente da Europa, porque lá fora, além de ter menos violência, o jogador é muito mais reconhecido. Lá eles dão mais valor!

P: E se não der certo? Se você não chegar ao profissional?

R: = sujeito anterior

SUJEITO 6:

ENTREVISTA VITÓRIA S/A:

Sexo: masculino

1 MÊS no clube - Lateral esquerdo - Juvenil

Idade: 16 anos

Procedência: Marabá-PA

Profissão: Estudante

Profissão dos pais: Pai - Auxiliar de Enfermagem

Mãe - Auxiliar de Enfermagem e Professora

PAIS SEPARADOS / 2 IRMÃS + VELHAS

P: O que eu vou querer saber é da sua infância até hoje, só que de uma forma resumida...Como o futebol surgiu em sua vida, porque você era pequenininho, não sabia nem o que era futebol, e aí?

R: A bola foi um dos primeiros presentes que recebi. Eu brincava em casa e pedia a minha mãe para me matricular numa escolinha de futebol. Minha mãe me matriculou numa escolinha credenciada com o Cruzeiro e um professor do infantil do Cruzeiro me colocou no profissional de Marabá. Mas logo, logo o clube mudou de dirigente e eu fui cortado, com mais ou menos 9 anos. Fui convidado para vim para o Vitória. Não participei do “peneirão”.

P: E os estudos?

R: Minha família sempre me aconselhou a não largar os estudos, mas por causa da vinda para Salvador tive que interromper ,mas no ano que vem vou continuar porque penso em fazer Faculdade de Odontologia também. Em primeiro lugar o futebol, mas depois a Odonto.

P: Rendimentos da família?

R: Classe média.

P: Você tá morando aqui?

R: Sim.

P: E como é viver aqui? Tem horário...

R: Tranquilo. Tem um monte de garoto da minha cidade que já morava aqui antes d’eu chegar.

P: Auto-crítica:

R: Tô “bichado”, com o pé luxado, em observação. Depois que cheguei já é meu segundo acidente.

P: E namoro?

R: Ainda não tenho.

P: E droga?

R: Nunca.

P: Treinamento / Concentração:

R: O essencial é não perder noite de sono.

P: Vitórias e derrotas marcantes:

R: Já fui expulso por causa de 2 cartões amarelos.

P: E violência, você pratica?

R: Não.

P: TV/FUTEBOL

R: A mídia é boa para divulgação do esporte.

P: Anonimato x fama / Idolatria

R: Pretendo ser a mesma pessoa. Pensar que eu já fui igualzinho como os que estão começando. Quero ser reconhecido, mas quero ter a liberdade de poder passar as férias lá em Marabá sempre que eu quiser.

P: Associações ao falar de esporte:

R: Diversão / Tirar crianças das ruas.

P: Você sonha com a fama?

R: Só se ela vier por reconhecimento ao meu futebol!

P: Quem é seu herói?

R: -

P: E no futebol?

R: Pelé, pelo jeito dele de ser, pelas jogadas e facilidade de lidar com a bola.

P: Amor à camisa x interesse financeiro:

R: A maioria entra interessado em dinheiro. Por isso é que quase todos os jogadores, mesmo na divisão de base, já sonham em ir jogar fora do país, na Europa, porque lá aparecem mais, tem fama e reconhecimento de sobra. Cadê o amor ao Brasil? Quanto mais ao clube!

P: Futebol como profissão:

R: É o vestibular mais fácil que existe na vida! Mas tem recompensa!

P: Obstáculos:

R: Enfrentar as vaidades de alguns professores, como por exemplo aqui no Vitória, onde há um professor 91 que não gosta de um cara lá de Marabá e coloca todo mundo de lá sempre no banco, no reserva, sem jogar. Tenho que ter paciência!

P: E se não der certo? Se você não chegar ao profissional?

R: Tem muito menino aqui que não quer mais saber de estudo. Eu quero jogar futebol até quando eu puder e depois tentar me formar em Odontologia para trabalhar com isso quando eu não puder mais jogar.

SUJEITO 7:

ENTREVISTA VITÓRIA S/A:

Sexo: masculino

3 MESES no clube - Atacante - Juvenil

Idade: 16 anos

Procedência: Mirassol – SP

JÁ TEM CONTRATO DE 3 NOS COM

PROFISSIONAL

Profissão: Atleta

Profissão dos pais: Pai - Vendedor

Mãe - Dona de casa

PAIS SEPARADOS / 3 IRMÃOS

P: O que eu vou querer saber é da sua infância até hoje, só que de uma forma resumida...Como o futebol surgiu em sua vida, porque você era pequenininho, não sabia nem o que era futebol, e aí?

R: Eu só jogava na rua, enquanto que meu irmão era jogador do Mirassol –SP mas teve que parar porque operou o joelho. Então ele me convidou para ir para o Mirassol. Eu tinha 14 anos nessa época, quando recebi um convite para ir para o Corinthians, aceitei, e depois recebi um novo convite para o Vitória, e é por isso que estou aqui, hoje com 16 anos.

P: E os estudos?

R: Estou no segundo colegial, mas interrompi e não voltei mais. Eu não gosto de estudar!

P: Rendimentos da família?

R: Classe média.

P: Você tá morando aqui?

R: Sim.

P: E como é viver aqui? Tem horário...

R: Tranquilo.Tem um monte de garoto da minha cidade que já morava aqui antes d'eu chegar.

P: Auto-crítica:

R: Tô bem.

P: E namoro?

R: Não tenho.

P: E droga?

R: Nunca.

P: Treinamento / Concentração:

R: Muito importante.

P: Vitórias e derrotas marcantes:

R: -

P: E violência, você pratica?

R: Não.

P: TV/FUTEBOL

R: Lado + e lado -.

P: Anonimato x fama / Idolatria

R: Quero sucesso. Mas sei que um dia posso ser famoso e de repente deixar de ser.

P: Associações ao falar de esporte:

R: Eu gosto!

P: Você sonha com a fama?

R: Sim.Com entrevistas, autógrafos. Toda vez que jogo ou que vejo um jogo pela TV fico sonhando com isso.Quero ser igual ao Oubina, atacante do Vitória: humilde com todo mundo, não despreza ninguém.

P: Quem é seu herói?

R: Minha mãe.

P: E no futebol?

R: Meu ídolo é Luiz Fabiano, atacante do São Paulo que, apesar de agressivo, tem um jeito todo especial de ser, de marcar. Meu herói do futebol é Ronaldo, o fenômeno, por causa da operação do joelho que ele fez e depois mostrou pra todo mundo o quanto ele sabe jogar. Superou como um herói.

P: Amor à camisa x interesse financeiro:

R: A maioria entra interessado em dinheiro. Os pais, sabendo que dá dinheiro, apóiam os filhos. Mas o ideal é pensar que não é porque tem dinheiro que é o dono do mundo. Se tem, é porque fez por merecer!

P: Futebol como profissão:

R: Eu era terrível. Saía cedo de casa e só voltava à noite. Me envolvia em briga de moleque, só dava trabalho pra minha mãe. Aí o futebol apareceu como única saída de eu ter um futuro decente! Por isso minha mãe me apóia. Eu tenho que dar certo! Sempre penso: Se você pode chegar lá, no toco, por que não arriscar? Meu negócio mesmo é jogar bola!

P: Obstáculos:

R: Gente querendo te derrubar; olho gordo, invasão de privacidade, etc.

P: E se não der certo? Se você não chegar ao profissional?

R: Vou ter que trabalhar, mas não quero estudar, então sei que terei que ralar. Nem quero pensar nisso! Tem que dar certo!

SUJEITO 8:

ENTREVISTA VITÓRIA S/A:

Sexo: masculino

5 MESES no clube – Goleiro - Juvenil

Idade: 17 anos

Procedência: Catu – BA

Profissão: Jogador de futebol / Estudante

Profissão dos pais: Pai -Técnico da Petrobrás

Mãe - Dona de casa

P: O que eu vou querer saber é da sua infância até hoje, só que de uma forma resumida...Como o futebol surgiu em sua vida, porque você era pequenininho, não sabia nem o que era futebol, e aí?

R: Eu só jogava na escolinha em Pojuca porque o povo da cidade dizia que eu era bom. Meus pais nunca me incentivaram.Com 11 eu vim com um professor meu fazer teste no Vitória e minha irmã veio me acompanhar. Eu participei do famoso Peneirão em 99 e passei, mas como tava com meu registro rasgado e o pessoal desconfiava da minha idade porque eu sou muito grande e aparento ser mais velho. Daí eles tiveram que esperar ajeitar meu registro. Mas eu num queria estudar e eles falavam: ou estuda ou vai para outro time e então eu resolvi voltar para Pojuca, só que chegando lá, meu empresário disse que o Corinthians tinha me convidado e escondeu que eu tinha sido era vendido do Vitória por R\$ 30 mil. Eu nem vi esse dinheiro.

Ele me vendeu às escondidas. Fiquei 3 meses lá e depois troquei de empresário e fui para a Portuguesa – SP, dessa vez sem me venderem, onde fiquei 1 ano e 10 meses com o salário atrasado esse tempo todo. Fui então para o Atlético Paranaense, depois de ganhar na justiça a causa pela cobrança do dinheiro, onde fiquei 5 meses, mesmo com minha documentação presa na Portuguesa. Nessa época tive uma fratura por stress na perna e tinha que ficar 8 meses em observação, mas eles não queriam me liberar para ficar de repouso esse tempo em casa, na BA, então sai fugido de ônibus para Pojuca. Depois de um tempo lá voltei a jogar no time da cidade e cheguei a disputar o campeonato intermunicipal de interiores, em que fui até a semi-final e ganhei o prêmio de melhor jogador. Não voltei mais para SP e o Vitória fez em 2003 um amistoso em Pojuca e me convidou para voltar para lá. Daí eu treinei só 1 semana e já viajei como titular do Vitória. Fui reconhecido, terminei passando na frente de um monte de menino.

P: E os estudos?

R: Parei na 4ª. Série. Eu não gosto de estudar!

P: Rendimentos da família?

R: Classe média. Mas ajudo com meu dinheiro. Metade fica pra mim e metade mando pra minha mãe, quando num dô tudo. O que fica pra mim compro roupa e sapato. Roupa de marca do esporte.

P: Você tá morando aqui?

R: Sim.

P: E como é viver aqui? Tem horário...

R: Tranquilo.

P: Auto-crítica:

R: Eu já tenho experiência em outros clubes, mas quero ser sempre humilde. Acho que to jogando bem mas sonho em jogar no profissional. To trabalhando pra isso.

P: E namoro?

R: Tenho uma em Pojuca, há 2 anos, e viajo todo fim de semana para vê-la..

P: E droga?

R: Nunca.

P: Treinamento / Concentração:

R: Muito importante.

P: Vitórias e derrotas marcantes:

R: Vitória: foi a primeira vitória pelo Corinthians, eu jogando lá x Vitória, que tinha me ameaçado em relação aos estudos. Foi um troco que dei neles com uma vitória merecida.

Derrota: A primeira vez que viajei pelo Vitória para uma competição, sem experiência nenhuma, com 11 anos. Fiquei arrasado.

P: E violência, você pratica?

R: Só verbal.

P: TV/FUTEBOL

R: Tem que saber lidar com a imprensa.

P: Anonimato x fama / Idolatria

R: Num quero muita fama como a do Ronaldinho, por isso nunca digo que sou jogador. “Jogador nunca diz que é jogador”. Tem sempre aqueles cara babaca que pergunta: - Ah, é? Você é jogador de onde? Pq eu nunca te vi na TV? Aí eu prefiro num falar.

P: Você sonha com a fama?

R: Sim. Sonho com a torcida gritando meu nome.

P: Quem é seu herói?

R: Aqueles que um dia me ajudaram.

P: E no futebol?

R: Ronaldo, o fenômeno. Ele é mídia, mas um dia passou pela Divisão de base. Teve machucado e superou. Herói é Deus. Herói no futebol é quem faz gol! Gosto também do Taffarel, que é goleiro igual a eu e do Fábio Costa.

P: Amor à camisa x interesse financeiro:

R: A maioria entra interessado em dinheiro. Os pais, sabendo que dá dinheiro, apóiam os filhos. Mas o ideal é pensar que não é porque tem dinheiro que é o dono do mundo. Se tem, é porque fez por merecer!

P: Futebol como profissão:

R: É meu trabalho, mas tem que ter muita sorte. É minha única opção, já que não quis estudar. Tenho que aproveitar essa oportunidade. Pra isso eu treino muito sério. Eu quero ajudar minha família, dar conforto para eles; abrir meu próprio negócio, escolinha, num sei; ajudar a cidade onde nasci.

P: Obstáculos:

R: Gente querendo te derrubar; olho gordo, muita fama. O professor sempre fala com a gente: “O campo não tem moita nem muro” (é ali que a gente tem que demonstrar o que sabe, não tem como se esconder. Você é responsável por tudo o que é em campo...)

P: E se não der certo? Se você não chegar ao profissional?

R: Vou ter que trabalhar, mas não quero estudar.

SUJEITO 9:

ENTREVISTA VITÓRIA S/A:

Sexo: masculino

4 ANOS no clube - Lateral-Esquerda - Juvenil

Idade: 16 anos

Procedência: Caldas Novas – GO

Profissão: Jogador

Profissão dos pais: Pai - Corretor de seguros (proprietário)

Mãe - Corretora de seguros

P: O que eu vou querer saber é da sua infância até hoje, só que de uma forma resumida... Como o futebol surgiu em sua vida, porque você era pequenininho, não sabia nem o que era futebol, e aí?

R: Meu pai era jogador de futebol mas minha avó comprou um carro para ele com a condição de que só seria dele se ele parasse de jogar. Ele aceitou o carro e nunca mais jogou. Aí quando eu nasci meu pai sempre me incentivou. Eu acho que eu nasci grudado com a bola. Com 8 anos meu pai me colocou numa escolinha, jogava pelo Cruzeiro – BH e vim passar as férias aqui em Salvador quando meu pai leu no jornal que tava tendo seleção para o Vitória. Aí eu vim, fiz o teste (julho/2001) e tô aqui até hoje. Não voltei mais para Goiânia.

P: E os estudos?

R: Não parei de estudar! A Divisão de base é uma tentativa e por isso quero me formar.

P: Rendimentos da família?

R: Classe média. Vivem bem. Não dependem desse dinheiro.

P: Você tá morando aqui?

R: Sim.

P: E como é viver aqui? Tem horário...

R: Aqui somos todos colegas. Cada um buscando o seu espaço.

P: Auto-crítica:

R: Eu to jogando bem. To treinando pesado para isso. Acho que daqui a mais ou menos 2 anos eu já vou para o profissional, que é só uma categoria acima da que estou.

P: E namoro?

R: Não tenho.

P: E droga?

R: Nunca.

P: Treinamento / Concentração:

R: Muito importante.

P: Vitórias e derrotas marcantes:

R: -

P: E violência, você pratica?

R: Não.

P: TV/FUTEBOL

R: Tanto ajuda o jogador, como rebaixa. Ronaldinho, por exemplo, mereceu tudo o que aconteceu com ele.

P: Anonimato x fama / Idolatria

R: Num quero muita fama como a do Ronaldinho.

P: Você sonha com a fama?

R: Sim. Mas quero mesmo é que ela venha por reconhecimento.

P: Quem é seu herói?

R: Meu pai.

P: E no futebol?

R: Roberto Carlos, da mesma posição que eu. Rivaldo e Ronaldo, o fenômeno.

P: Amor à camisa x interesse financeiro:

R: A maioria entra interessado em dinheiro.

P: Futebol como profissão:

R: É trabalho, sacrifício. Quero ajudar minha família. Quero ter meu estilo próprio de jogar.

P: Obstáculos:

R: Gente querendo te derrubar; inveja.

P: E se não der certo? Se você não chegar ao profissional?

R: Vou trabalhar com a profissão que me formei.

SUJEITO 10:**ENTREVISTA VITÓRIA S/A:**

Sexo: masculino

8 MESES no clube - Atacante - Junior

Idade: 17 anos

Procedência: Niterói - RJ

Profissão: Estudante

Profissão dos pais: Pai - Porteiro

Mãe - Assistente social

P: O que eu vou querer saber é da sua infância até hoje, só que de uma forma resumida... Como o futebol surgiu em sua vida, porque você era pequenininho, não sabia nem o que era futebol, e aí?

R: Meu tio jogava no RJ em time de pelada, organizado em divisões, e um dia me colocou para jogar em uma delas. Já comecei no gol, aos 7 anos. Meu pai também ia ser profissional do Fluminense mas minha vó não deixou ele aceitar o convite que fizeram para ele. Com 15 anos fui jogar num time da terceira divisão lá do RJ, aí um ex-jogador do BA me viu, me disse que podia vim fazer teste aqui na BA, vim, fiquei 1 mês fazendo teste e entrei aqui.

P: E os estudos?

R: Não parei de estudar!

P: Rendimentos da família?

R: Classe média.

P: Você tá morando aqui?

R: Sim.

P: E como é viver aqui? Tem horário...

R: Legal. Todo mundo se respeita e vive bem, porque se não for assim, vai embora.

P: Auto-crítica: Treinamento / Concentração:

R: Eu to jogando bem. Antes eu nem treinava, só jogava. Hoje eu treino, repouso, não faço farra, não vou para noitada, aí rendo bem em campo. Aqui descobri a importância do treino. Faz muita diferença. Futebol é força física, preparo físico.

P: E namoro?

R: Tenho um filho de 2 anos e uma namorada que vivo como esposa, lá no RJ, mas tem 8 meses que não vejo, só por foto, porque trouxe um monte.

P: E droga?

R: Já experimentei mas hoje não quero saber mais disso.

P: Vitórias e derrotas marcantes:

R: -

P: E violência, você pratica?

R: Uma vez fui expulso porque bati no juiz.

P: TV/FUTEBOL

R: É a mídia, né?! Quero ser lembrado, reconhecido.

P: Anonimato x fama / Idolatria Você sonha com a fama?

R: Sim. Mas quero mesmo é que ela venha por reconhecimento. Quero ser REI. Mas quero ser considerado uma pessoa normal. Tem que manter a humildade e, para isso, a população tem que cobrar mais dos jogadores essa postura.

P: Quem é seu herói?

R: Meu pai e minha mãe.

P: E no futebol?

R: Romário, da mesma posição que eu. Quero fazer bastante gol como ele. Atacante tem que fazer gol.

P: Amor à camisa x interesse financeiro:

R: A maioria entra interessado em dinheiro.

P: Futebol como profissão:

R: É trabalho, profissão, mas tenho receio da relação com os outros jogadores. Quero sobreviver do futebol; dar uma vida melhor aos meus pai, filho e esposa, e, quem sabe um dia, voltar para o RJ?! É a profissão que hoje dá mais dinheiro: futebol e música.

P: O Vitória

R: É só uma passagem. Quero ser negociado com os clubes do RJ, APESAR DE SABER QUE A Divisão de base daqui é campeã, a melhor do mundo, que venceu até a Copa Nike de 2001. É também a que mais revela jogadores para a seleção.

P: Obstáculos:

R: Chegar ao profissional. Hoje sou reserva do Junior e quero conquistar a vaga de titular dele. A fama, que traz com ela um monte de amigos falsos e parentes que de repente aparecem ‘do nada’.

P: E se não der certo? Se você não chegar ao profissional?

R: Vou trabalhar com a profissão que me formar.

Escudo do Vitória S. A.

Mascote do Vitória S. A.

**NEM BEM CRESCERAM A JUBA
E JÁ DOMINARAM O MUNDO.**

Parabéns Vitória, Parabéns Brasil.

CAMPEÃO MUNDIAL - BERLIM - ALEMANHA - 2001

**Vitória
no passado
e no futuro.**

Primeiro Campeão - 1908

*Campeão
Mundial
SUB-15
2001*

A FIAT homenageia
o rubro-negro
baiano pela crença
na renovação.
Valor comum à
nossa parceria.

FIAT

25 ANOS MUDANDO CONCEITOS.

VITÓRIA

Tetracampeão 2005

Grupo vencedor do título inédito mistura talento de jogadores revelados na base com a experiência de quem já mostrou que conhece muito de bola

LUIZ FELIPE VENTURA DOS SANTOS - Felipe, goleiro, nascido em 22/2/84, no Rio de Janeiro/RJ/ 84kg, 1.91m 13 jogos

EDILSON MENDES GUIMARÃES Edilson, lateral-direito, nascido em 27/7/86, em Nova Esperança/PR/ 76kg, 1.76m - 7 jogos, 2 gols

CARLOS MAGNO DOS SANTOS BARBOSA - Carlos Magno, lateral-direito, nascido em 29/1/86, em Simões Filho/BA/ 71kg, 1.77m 4 jogos

ALEX DOS SANTOS Alex Santos, lateral-direito, nascido em 27/6/85, em Ilhéus/BA, 69kg, 1.72m - 2 jogos

SANDRO JOSÉ FERREIRA DA SILVA - Sandro, lateral-esquerdo, nascido em 19/3/86, em Itaquara/BA/ 77kg, 1.76m - 13 jogos, 1 gol

MARCELO HELENO DA SILVA FERNANDES - Marcelo Heleno, zagueiro, nascido em 13/9/77, em Belém/PA/ 84kg, 1.89m 13 jogos, 1 gol

ITAMAR CORREIA LIMA BORGES JÚNIOR - Itamar, zagueiro, nascido em 23/2/85, em Salvador/BA/ 78kg, 1.80m - 8 jogos

FELIPE PATAVINO SAAD Felipe Saad, zagueiro, nascido em 11/9/83, em Santos/SP/ 80kg, 1.87m - 1 jogo

FERNANDO SILVÉRIO Fernando, zagueiro, nascido em 4/9/80, em 1º de Maio/PR, 82kg, 1.87m - nenhum jogo

ALEX SANDRO SILVA Alex Silva, zagueiro, nascido em 10/3/85, em Amparo/SP, 76kg, 1.92m - nenhum jogo

VINÍCIUS RODRIGUES ALMEIDA Vinícius, volante, nascido em 26/6/83, em Dias D'Ávila/BA, 78kg, 1.87m - 13 jogos, 1 gol

ARIVELTON DE SANTANA Arivelton, volante, nascido em 20/06/84, em Salvador/BA, 74kg, 1.79m - 10 jogos

LEANDRO D. BARBOSA Leandro Domingues, meio-de-campo, nascido em 24/8/83, em Vitória da Conquista/BA/ 70kg, 1.73m - 13 jogos, 4 gols

MAGNUM RAFAEL FARIAS TAVARES - Magnum, meio-de-campo, nascido em 24/3/82, em Belém/P, 72kg, 1.74m - 12 jogos, 2 gols

FERDINANDO LEDA Ferdinando, meio-de-campo, nascido em 22/4/80, nascido em Grajaú/MA, 74kg, 1.79m 8 jogos

DANILO PETROLI BUENO Danilo Bueno, meio-de-campo, nascido em 7/12/83, em Monte Alegre do Sul/SP, 70kg, 1.74m - 4 jogos, 1 gol

ALECSANDRO BARBOSA FELISBINO - Alecsandro, atacante, nascido em 4/2/81, em Itaboraí/SP/ 81kg, 1.83m - 13 jogos, 8 gols

GILMAR SILVA SANTOS - Gilmar, atacante, nascido em 9/3/84, em Ubaitã/BA, 64kg, 1.77m - 13 jogos, 7 gols

ALEXANDRO ALVES DO NASCIMENTO - Alex Alves, atacante, nascido em 30/12/74, em Capim Grosso/BA/ 85kg, 1.78m - 1jogo

MARCELO SILVA RAMOS Marcelo Ramos, atacante, nascido em 25/6/73, em Salvador/BA/ 73kg, 1.77m - 5 jogos, 1 gol

FRANCISCO LIMA DA SILVA Doca, atacante, nascido em 11/12/84, em Serra Madureira/AC/ 71kg, 1.71m 1 jogo

Ribeirão Preto, 06 de junho de 2005.

Aluna: Sinara Dantas Neves Ribeiro Assinatura: _____

Orientador: Prof. Dr. Sergio Kodato Assinatura: _____